UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MAYÃ MARTINS CORREIA

**Entre portos imaginados:
construções urbanísticas pensadas a partir do projeto
Porto Maravilha, cidade do Rio de Janeiro.**

Versão Corrigida

São Paulo
2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Entre portos imaginados:
construções urbanísticas pensadas a partir do projeto
Porto Maravilha, cidade do Rio de Janeiro.**

Mayã Martins Correia

Nome para citação: MARTINS, Mayã

E-mail para contato: martins.maya@gmail.com

Versão Corrigida

De acordo: _____

Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr. (Orientador)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr.

São Paulo

2013

Folha de aprovação

Mayã Martins Correia

Entre portos imaginados: construções urbanísticas pensadas a partir do projeto Porto Maravilha, cidade do Rio de Janeiro.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social

Orientador: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr.:

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.:

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.:

Instituição: _____ Assinatura: _____

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

CC8176 Correia, Mayã
e Entre portos imaginados: construções urbanísticas pensadas a partir do projeto Porto Maravilha, cidade do Rio de Janeiro / Mayã Correia ; orientador Heitor Frúgoli Jr.. - São Paulo, 2013.
196 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Área de concentração: Antropologia Social.

1. CIDADES. 2. URBANIZAÇÃO. 3. CENTRO. 4. PATRIMÔNIO TURÍSTICO. 5. RIO DE JANEIRO (RJ). I. Frúgoli Jr., Heitor, orient. II. Título.

Este trabalho é dedicado à minha irmã, Tainá,
e aos meus pais, Ada e Claudio.

Agradecimentos

Ao meu orientador, professor Heitor Frúgoli Jr., agradeço a leitura atenciosa e as valiosas sugestões para o desenvolvimento da pesquisa. Estendo esse agradecimento aos colegas do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC), coordenado pelo mesmo orientador. Minha gratidão pelas reflexões e debates a Bianca Chizzolini, Weslei Estradiote Rodrigues, Natália Fazzioni, Guilherme Alderado, Enrico Spaggiari, Bruno Puccinelli, Juliana Blasi Cunha, Marina Rebeca Saraiva, Julio Talhari, Lais Silveira e Giancarlo Machado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sem a qual teria sido impossível me dedicar exclusivamente à pesquisa e apresentá-la nos congressos que participei durante o mestrado. Agradeço também aos funcionários do Departamento de Antropologia da USP, por todo o suporte.

Aos amigos da Revista Cadernos de Campo (PPGAS/USP), da qual fiz parte do comitê editorial no ano de 2011: Ane Talita, Bruna Triana, Marina Barbosa, Diana Mateus, Milena Estorniolo, Renato Soares, Raphael Sabaini e Rebeca Ferreira. Aos demais amigos do PPGAS que, juntamente com os já citados, tornaram o período em São Paulo repleto de descobertas e felicidade. Agradeço especialmente a Natália Lago, Leonardo Bertolossi, Jacqueline Teixeira, Gustavo Saggese, Camila Mainardi, Michele Escoura, Tatiane Manhães, Victoria de Zorzi, Patrícia Ferreira, Jose Agnello, Carlos Filadelfo, Samantha Gaspar, Denise Pimenta, Rodrigo Gomes Lobo e Julia Goyatá.

Em nome dos professores Marta Amoroso e Renato Sztutman, sempre pacientes e disponíveis, meus agradecimentos aos professores dos cursos que frequentei durante o mestrado, pela oportunidade de troca e aprendizado. Agradeço também ao professor Julio Simões, pela gentileza e por possibilitar a participação no estágio docente sob sua supervisão, bem como ao Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE), pelo financiamento para o estágio.

Às professoras Ana Lanna e Silvana Rubino, pela leitura rigorosa e pelos comentários preciosos nas bancas de qualificação e de defesa. Agradecimento que se estende à professora Margareth da Luz, pelo aceite para participar da banca de defesa, que, por motivos maiores, infelizmente não pôde se efetivar.

Aos moradores da República do Lago, que tornaram a mudança de cidade um redescobrimento do cotidiano. Muito a agradecer a Jacira, Daniel, Marcelo, Angie, Adolf, Luciana, Alexandre, Felipe, Giuliano, Nilo, Marina, Maria e Márcio.

Aos amigos do Rio de Janeiro que no meu retorno fizeram olhar a cidade de forma renovada. A Sula e Danilo, pelo constante reavivamento da amizade de infância; aos ciclistas da Massa Crítica, que tornaram as ruas mais acolhedoras; a Tarsis e Thaís, primas com que tive o prazer de dividir o teto; a Silvana Telles, Viviane Cid, Juliana Athayde, Pedro Cazes, Juliana Marques, Cecília Soares, Leonardo Menezes, Carlos Eduardo Oliva, Isabelle Gurgel, Agatha Justen, Guilherme Marcondes e Guilherme Fians, pelas conversas no vai e vem para a biblioteca do saudoso IFCS; a Izabella Bosisio, por seu apoio de todas as horas.

À professora Karina Kuschnir, pelo estímulo à vida acadêmica no período em que integrei o Laboratório de Antropologia Urbana (LAU). Em seu nome agradeço aos professores de Ciências Sociais da UFRJ, pela excelência na formação.

Aos integrantes da Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades, sobretudo a Lígia e Marília, que me ensinaram muito mais do que andar em pernas de pau e me permitiram observar, através de seus eventos, dinâmicas artísticas no porto.

Ao Robson, à Ângela e ao Léo, que dividiram suas vidas comigo nas noites de samba e em sua casa. Agradecimento que se estende a todos os vendedores que trabalham no samba da Pedra do Sal, pela solicitude e cordialidade.

Ao Emir, pelo companheirismo, carinho e vontade de aprendermos juntos. Agradecimento estendido à sua irmã, Emília, e aos seus pais, Adma e Salazar, pelo acolhimento e por sempre buscarem me deixar confortável.

Aos meus familiares, por todo amor, incentivo e compreensão. Aos meus avós, Ari, Naire, Jadeir e Aguinaldo. À bisá Maria. Ao tio Jeiji e à tia Jane, que me acolheu por diversos momentos em São Paulo, juntamente com o tio de consideração Marcelo e meus primos Matheus e Giovanni. Por fim, à minha irmã Tainá e aos meus pais, Ada e Claudio, a quem dedico este trabalho. Mesmo com a distância física, Tainá, Ada e Cacau foram meu pouso.

“A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas.”

João do Rio

Resumo

A dissertação aqui apresentada busca compreender as dinâmicas que envolvem as intervenções urbanísticas englobadas no projeto Porto Maravilha, sobretudo os discursos focados no embelezamento. O processo de implantação do projeto é iniciado no ano de 2009 na Região Portuária do Rio de Janeiro, alvo de discursos assentados no léxico da decadência. A abordagem metodológica deu-se por meio da sistematização de materiais da imprensa, da gestão pública e de guias de turismo, bem como do trabalho de campo, analisado a partir da perspectiva situacional e realizado em eventos oficiais, entre vendedores ambulantes na roda de samba da Pedra do Sal e na participação de espetáculos que lidam com uma complexa relação entre o projeto e grupos artísticos locais. O atual período nesse cenário é compreendido como uma possibilidade de acessar questões sobre as transformações no contexto contemporâneo do Rio de Janeiro, no qual as mudanças urbanísticas observadas possibilitaram a análise de um momento que torna latentes certos conflitos e percepções de cidade, como o fomento da atividade turística e o discurso de “retorno” ao centro e aos seus patrimônios.

Palavras-chave: cidade, intervenções urbanísticas, embelezamento, patrimônio, turismo

Abstract

The following dissertation seeks to comprehend the dynamics which involves the urbanistic interventions embraced by the Porto Maravilha project, especially the discourses focused on embellishment. The process of implantation of this project was initiated in 2009 at the port area of Rio de Janeiro, target of discourses focused on the lexicon of decadence. The methodological approach was given by a systematization of press material, public management and tourist guides, as well as field work, analyzing from the situational perspective and performed at official events, amongst street vendors at the Pedra do Sal samba gatherings and by participating on spectacles which deals with a complex relation amongst the project and local artistic groups. The current period in this scenery is comprehended as a possibility to access questions about the transformations on the contemporary context of Rio de Janeiro, when urbanistic changes allowed the analysis of a moment which makes latent certain conflicts and perceptions of the city, such as the promotion of touristic activities and the discourse of "return" to the city center and its patrimonies.

Keywords: city, urbanistic interventions, embellishment, patrimony, tourism

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1** – Mapa de localização da Região Portuária no Brasil e no Rio de Janeiro 18
- Imagem 2** – Mapa com as marcações da Ladeira João Homem e da Pedra do Sal 20
- Imagem 3** – Logotipo do projeto Porto Maravilha 34
- Imagem 4** – Mapa da área compreendida no projeto Porto Maravilha 37
- Imagem 5** – Ator caracterizado como Pereira Passos e prefeito Eduardo Paes 39
- Imagem 6** – Desfile do bloco Escravos da Mauá em 2013 71
- Imagem 7** – Mapa do trajeto do Escravos da Mauá em 2011 72
- Imagem 8** – Mapa do trajeto do Escravos da Mauá em 2012 73
- Imagem 9** – Mapa da Sebastiana de divulgação do trajeto do Escravos da Mauá em 2013 74
- Imagem 10** – Mapa do trajeto do Escravos da Mauá em 2013 74
- Imagem 11** – Ventarolas distribuídas no desfile do Escravos da Mauá de 2011 79
- Imagem 12** – Ventarolas distribuídas no desfile do Escravos da Mauá de 2012 80
- Imagem 13** – Ventarolas distribuídas no desfile do Escravos da Mauá de 2013 80
- Imagem 14** – Folheto de lançamento do ComDomínio Cultural 85
- Imagem 15** – Folheto com pontos de visitação guiada 96
- Imagem 16** – Imagens de alguns patrimônios da Região Portuária 100
- Imagem 17** – Achados arqueológicos do Cais do Valongo e do Cais da Imperatriz 104
- Imagem 18** – Início da procissão de Todos os Santos no Cais do Valongo 106
- Imagem 19** – Imagem futurista do Museu do Amanhã 111
- Imagem 20** – Imagem futurista do MAR 113
- Imagem 21** – Imagem atual do MAR 114
- Imagem 22** – Visão do topo do MAR, com obras à esquerda 115

- Imagem 23** – Caminhada em uma Av. Central reconstruída 116
- Imagem 24** – Mapa distribuído no evento “O Morro e o Mar” 120
- Imagem 25** – Imagem futurista da Av. Rodrigues Alves sem o Viaduto da Perimetral 122
- Imagem 26** – Presidente Luis Inácio Lula da Silva com marreta ao lado de maquete do Viaduto da Perimetral 125
- Imagem 27** – Roda de samba da Pedra do Sal 128
- Imagem 28** – Verso de um dos cartões postais futurísticos que são distribuídos no estande “Meu Porto Maravilha” 133
- Imagem 29** – Frente dos cartões postais futurísticos que são distribuídos no estande “Meu Porto Maravilha” 134
- Imagem 30** – Tapume das obras do projeto Porto Maravilha 151
- Imagem 31** – Perspectiva do projeto vencedor do concurso Porto Olímpico 158
- Imagem 32** – Anúncios imobiliários com o Porto Maravilha como atrativo 161

LISTA DE SIGLAS

AACATED Associação do Armazém Cultural das Artes e Técnicas em Espetáculos de Diversão

ACIMBA Associação Cultural Ilê Mestre Benedito de Angola

ACN Área Central de Negócios

Aeiu Área de Especial Interesse Urbanístico

ANPOCS Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

APAC Área de Proteção do Ambiente Cultural

CBPF Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas

CDURP Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro

CEPAC Certificado de Potencial Adicional de Construção

COPLAN Comissão do Plano da Cidade

CVM Comissão de Valores Mobiliários

EIV Estudo de Impacto de Vizinhança

ELSP Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo

EMFA Estado-Maior das Forças Armadas

FAPESP Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FAU Faculdade de Arquitetura (USP)

GEAC Grupo de Antropologia da Cidade (USP)

IAB Instituto dos Arquitetos do Brasil

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFCS Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (UFRJ)

IMC Índice de Massa Corporal

IMS Instituto Moreira Sales

Inepac Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (RJ)

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPN Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

IPP Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (Rio de Janeiro)

IPPUR Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (UFRJ)

JMJ Jornada Mundial da Juventude

LAU Laboratório de Antropologia Urbana (UFRJ)

MAR Museu de Arte do Rio

MP-RJ Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro

OSCIP Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

PAE Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (USP)

PECRJ Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro

PMDB Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PPGAS Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (USP)

PPP Parceria Público Privada

PSDB Partido da Social Democracia Brasileira

PT Partido dos Trabalhadores

Riotur Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro

Secovi Rio Sindicato de Habitação da cidade do Rio de Janeiro

SENAC Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SMU Secretaria Municipal de Urbanismo (Rio de Janeiro)

UCAM Universidade Cândido Mendes

UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF Universidade Federal Fluminense

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

UPP Unidade de Polícia Pacificadora

USP Universidade de São Paulo

VLT Veículo Leve sobre Trilhos

VOT Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Objeto, tema e objetivos	16
Considerações teóricas e metodológicas básicas.....	17
Percurso da pesquisa	22
Apresentação do texto	32

CAPÍTULO 1 - Formações de uma intervenção urbanística:

1.1) O projeto	34
1.2) Dois prefeitos	38
1.3) Lugar e espaço	48
1.4) Centro em outros tempos	53
1.5) Esvaziamentos e expansões	64

CAPÍTULO 2 - Recomposições das experiências:

2.1) Trajeto invertido	70
2.2) ComDomínio da “Pequena África”	82
2.3) Centralidade e deslocamentos	89
2.4) Sentidos do patrimônio	98

CAPÍTULO 3 - Expectativas do possível:

3.1) Devir turístico	109
3.2) Os sons da Pedra do Sal	127
3.3) Torções no mapa de prestígio	144
3.4) Embelezamento e enobrecimento	150
3.5) Propaganda e imóveis	156

CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
----------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167
----------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Objeto, tema e objetivos

O interesse no estudo das intervenções urbanísticas contemporâneas na Região Portuária da cidade do Rio de Janeiro advém dos recentes enfoques midiáticos e das gestões públicas. A recorrência de representações torna-se mais intensa a partir do final dos anos 2000, em plena efervescência dos debates sobre um novo e ambicioso projeto urbanístico, o Porto Maravilha¹. O tema desta pesquisa antropológica é a cidade e seus agentes pensados a partir de grandes projetos urbanísticos.

O objeto da presente pesquisa situa-se nos discursos focados no embelezamento que envolvem o projeto Porto Maravilha, em diálogo com outras configurações da cidade, tais como a temporalidade, espaço, lugar, centralidade, patrimônio, turismo e enobrecimento. Como questão, indago-me acerca de como a cidade pode ser pensada através de mudanças urbanísticas que, em curso, atualizam o seu imaginário. O que é considerado importante como recurso? Quais são os marcadores de prestígio e como são constituídos?

Por meio da influência dos qualitativos do embelezamento em intervenções urbanísticas, espera-se contribuir para a compreensão dos desafios sobre as transformações urbanas no contexto contemporâneo. Num plano mais específico, busca-se abarcar os debates acerca das formações e atual andamento das concepções e práticas urbanísticas na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo no centro e em sua Região Portuária. Num plano mais geral, busca-se compreender a referência de cidade que vem sendo construída, influenciada por cidades estrangeiras², permeada por grandes e polêmicas transformações³ e, ademais, pelas expectativas quanto a dois

¹ Projeto Porto Maravilha: http://www2.rio.rj.gov.br/smu/compur/pdf/projeto_porto_maravilha.pdf. Versão resumida do projeto para a imprensa: <http://www.portomaravilha.com.br/web/esq/imprensa/pdf/05.pdf>. Endereço eletrônico do projeto: <http://www.portomaravilhario.com.br/>. Acessos a partir de 15.09.2010. Últimos acessos em 26.06.2012. Boletim informativo: http://www.portomaravilhario.com.br/media/informativo/boletim_do_porto.pdf. Acesso em 08.06.2011.

² Especialmente a cidade de Barcelona, na Espanha.

³ Como as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e as grandes obras viárias para a construção dos corredores expressos Transoeste, Transolímpica e Transcarioca. Essas e

eventos esportivos internacionais⁴: uma das sedes da Copa do Mundo FIFA de Futebol em 2014⁵ e sede os Jogos Olímpicos de 2016⁶.

A Região Portuária apresenta-se na pesquisa, portanto, como uma área da cidade escolhida para evidenciar todo um mapa e suas diferentes configurações e significados. Não há qualquer expectativa de acompanhar um grande final da implantação do projeto. Trata-se do acompanhamento, contextualizado, do período de um processo que inevitavelmente terá desdobramentos. Assim, estabelecer se o Porto Maravilha fracassou ou foi um sucesso, é bom ou ruim, não é a intenção.⁷ Além do mais, é impossível definir um projeto tão amplo e complexo em binômios limitadores; o interesse está, portanto, no que as concepções sobre o projeto suscitam.

Percurso da pesquisa

A pesquisa passou por diversas mudanças a partir do projeto aprovado na seleção para o mestrado no PPGAS/USP. Anteriormente voltava-se a questões envolvendo a moradia na Região Portuária do Rio de Janeiro durante essa parte inicial do processo de implantação do projeto Porto Maravilha. Entretanto, iniciando o campo e o aprofundamento das leituras em 2012, deparei-me com novas questões e possibilidades para a dissertação. Inicialmente tratarei do que foi feito anteriormente, com base na proposta adotada no projeto, e, a seguir, abordarei os fatores que impulsionaram os novos eixos da pesquisa.

outras mudanças estão presentes no documento “Pós 2016: o Rio mais integrado e competitivo. 2013-2016: Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro” (2012).

⁴ Comumente são designados como “megaeventos”. Em debate no GT 07 (“Dinâmicas do urbano: tempos e escalas em composição”) do encontro de 2013 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) conversou-se que a palavra “megaevento” está associada a uma valoração positiva e propagandeada, que, ademais pode obscurecer os projetos urbanos quando mencionados em conjunto, pois são impactos diferentes. Registro meu agradecimento às coordenadoras do GT, as Profas. Dras. Mariana Cavalcanti e Cristina Patriota.

⁵ Portal governamental: www.copa2014.gov.br/. Último acesso em 15.03.2012. Endereço eletrônico: <http://pt.fifa.com/worldcup/index.html>. Último acesso em 15.03.2012.

⁶ Endereço eletrônico: <http://www.rio2016.org/>. Último acesso em 15.03.2012.

⁷ Tal questão aliás é muito mais pertinente para urbanistas do que para antropólogos.

Em novembro de 2010, no período de escrita do projeto para a seleção no mestrado, realizei um trajeto pelas principais vias da Região Portuária, as quais, por essa posição mais central, estavam passando pelas primeiras obras do projeto Porto Maravilha. O recorte realizado nesse pré-campo e que procurei adotar, pelo menos a princípio, envolvia uma área de interseção dos bairros que compõem a Região Portuária, sendo composta pela R. Rodrigues Alves, R. Edgar Gordilho, R. Sacadura Cabral, Av. Venezuela e Lgo. de São Francisco da Prainha, onde se concentram os serviços, comércio, entretenimento e pontos de ônibus da região. Nas fases do projeto Porto Maravilha, é basicamente essa a mancha urbana demarcada como prioritária, abarcando o bairro da Saúde, incluindo a Praça Mauá, o Morro da Conceição, parte do bairro da Gamboa, com a R. Sacadura Cabral e suas proximidades.

Mapa de localização da Região Portuária no Brasil e no Rio de Janeiro.

Fonte: projeto Porto Maravilha.

Busquei sistematizar as informações do pré-campo a partir de três linhas: personagens com os quais entrei em contato, as palavras mais frequentemente acionadas e as chaves de análise preliminares. Dezesseis pessoas foram então contatadas em meus percursos iniciais nas ruas da mancha urbana mencionada. Os discursos de tais pessoas serviram de suporte para o mapeamento preliminar das percepções sobre a Região Portuária e o projeto Porto Maravilha. Embora estimulante, a incursão não propiciou um enfrentamento mais claro do aspecto que me interessava à época, a questão da moradia.

Passei o ano de 2011 com residência em São Paulo, cursando as disciplinas necessárias para o andamento do mestrado. Em 2012, de volta ao Rio de Janeiro, minha primeira incursão na pesquisa deu-se na participação, de março a maio, das reuniões do Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas⁸, articulação crítica às obras dos eventos esportivos internacionais – incluso o projeto Porto Maravilha –, que se reúne semanalmente, alternando plenárias abertas e reuniões de grupos de trabalhos, e congrega diversos setores, tais como professores e estudantes universitários, especialmente de Arquitetura e Planejamento Urbano, jornalistas, representantes de organizações sociais e líderes comunitários. Planejava, em seguida, focar parte do trabalho de campo no Fórum Comunitário do Porto do Rio⁹, que também aglutina participantes variados. Essas tentativas de acesso permitiram-me perceber que o projeto vinha sendo incorporado pelos movimentos sociais e suas dinâmicas internas, o que não constituía meu interesse inicial, mais abstrato, de pensar a cidade em suas articulações mais amplas.

A mudança de enfoque também foi gerada por impressões em idas a campo na Região Portuária durante o primeiro semestre de 2012¹⁰, com ênfase nos lugares perpassados pelas obras do Porto Maravilha, especialmente o entorno da R. Sacadura Cabral, bem como em áreas notadamente residenciais e já alvo de políticas de tombamento de imóveis considerados patrimônio,

⁸ Endereço eletrônico: comitepopulario.wordpress.com. Último acesso em 08.08.2011.

⁹ Endereço eletrônico: forumcomunitariodoporto.wordpress.com. Último acesso em 08.08.2011.

¹⁰ “A coleta de material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a formulação de hipóteses. (...) Nestas investigações, o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário” (CARDOSO, 1986: 101).

como o Morro da Conceição, especialmente a Pedra do Sal e a Ladeira João Homem¹¹.

Mapa com as marcações da Ladeira João Homem e da Pedra do Sal (onde está sinalizado como “Lojas Americanas”), no Morro da Conceição, bairro da Saúde. O bairro da Gamboa se localiza ao oeste do mapa. Fonte: Google Maps.

Embora as idas tenham inicialmente se voltado sobretudo à observação e ao registro fotográfico, foi possível visualizar, através das propagandas presentes em placas e em edifícios na área das obras, o forte apelo ao embelezamento nas intervenções urbanísticas do Porto Maravilha. Não obstante, relembando o pré-campo em 2011, tinha sido possível notar que um dos pontos positivos sobre o Porto Maravilha apontados pelas pessoas com

¹¹ A listagem dos imóveis tombados na Região Portuária e uma análise sobre as políticas de patrimônio que os envolvem estão no capítulo 2. Tanto a Ladeira João Homem quanto a Pedra do Sal localizam-se no Morro da Conceição, área inserida nas fronteiras de intervenção do projeto Porto Maravilha, assim como o já citado bairro da Gamboa. No decorrer do texto é explicitado o modo como esses locais tornam-se marcos importantes para a afirmação de uma certa eficácia das obras do Porto Maravilha.

que conversara tinha sido a potencial beleza da Região Portuária após as obras, como, por exemplo, a percepção de que a construção de um calçadão no contorno da orla seria uma forma de maior aproximação do porto com a Zona Sul, parte reconhecidamente mais enobrecida do Rio de Janeiro¹².

A coleta do material de pesquisa concentrou-se inicialmente em eventos promovidos pelo poder público e em materiais de promoção do Porto Maravilha, assim como no repertório de publicações da imprensa, que se revelaram fontes de visualização das ideias que baseiam e justificam o projeto. Durante a pesquisa, senti a necessidade de maior ênfase na inclusão de discursos informais, de analisar também, como havia feito no pré-campo, representações do Porto Maravilha a partir de visões de mundo.

Percebi na análise preliminar do material de pesquisa que os discursos oficiais e de propaganda do Porto Maravilha estavam deixando meu texto um tanto preso nas qualificações formais de tal projeto. Primeiramente pensei em incluir uma análise mais densa sobre o estande “Meu Porto Maravilha”, uma pequena instalação que em muito se assemelha aos espaços de propaganda de condomínios e centros comerciais, com maquetes e imagens de perspectiva futura. Durante algumas semanas fui com frequência ao local e fiz uma visita guiada. A convivência me mostrou algumas visões interessantes de como o Porto Maravilha é representado por seus promotores, porém não consegui tirar das anotações sobre essa experiência o suficiente para pensar sua articulação mais clara com a dissertação.

Uma outra opção para o recorte foi o Museu de Arte do Rio (MAR), primeira grande obra inaugurada no plano do projeto, que teve sua abertura inicialmente adiada de março para novembro de 2012. No entanto, a inauguração foi novamente cancelada, com novo prazo para dali a quatro meses. Depois de contemplar mais algumas outras possibilidades, decidi voltar para uma ideia originária do pré-campo, que era a de fazer um trabalho de campo junto a vendedores ambulantes da Região Portuária, que são em geral

¹² Esse é um dado relevante da investigação, pois questiona certa polarização política nas visões sobre o projeto Porto Maravilha nos termos de uma população negativamente atingida e crítica do projeto contra os interesses do empresariado e da gestão pública. Essas visões reaparecem e são problematizadas no capítulo 3.

de fácil acesso e, como passam os dias na rua e em contato mais próximo com os transeuntes, sentem de imediato os impactos das intervenções urbanísticas.

Resolvi então delimitar territorialmente o alcance dos meus potenciais interlocutores. O locus escolhido foi a Pedra do Sal, no Morro da Conceição, bairro da Saúde, especificamente a roda de samba que ocorre nas noites de segunda e de sexta-feira. A Pedra do Sal poderia revelar ainda outros enfoques, como os conflitos para transformar a localidade e suas adjacências em quilombo, mas meu interesse foi o de investigar os discursos dos vendedores ambulantes que trabalham nos dias em que há a roda de samba. Além do campo na Pedra do Sal, visitei uma agência imobiliária que tem uma das filiais na Gamboa, cujos anúncios ostentam o nome Porto Maravilha como um chamativo para a venda e a locação de seus imóveis.

Outro elemento que se incorporou à pesquisa foi a experiência de participação em uma oficina promovida pela concessionária Porto Novo, que coordena as obras do Porto Maravilha e agencia serviços, como coleta de lixo e trânsito, no perímetro da Região Portuária englobado pelo projeto. Iniciei em agosto de 2012 as visitas à oficina de “Dança nas alturas”, que consiste em dança na perna de pau, realizada na Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades, no bairro da Gamboa. A vivência na oficina proporcionou um momento revelador das dinâmicas contemporâneas de ressignificação da Região Portuária. O trajeto de um bloco de carnaval em que a companhia desfila foi alterado contemplando locais de interesse histórico na Região Portuária. Com desfile temático sobre a “Pequena África” do Rio de Janeiro, como a área é conhecida, o bloco trouxe à tona os cenários alvo das mudanças em curso com o projeto Porto Maravilha.

Considerações metodológicas e teóricas básicas

As frentes mais recentes da pesquisa não constituem uma simples adição ao repertório já constitutivo, mas formam um somatório que permite pensar o tema de modo mais claro. Há a atenção para não incorrer na “armadilha” de um encontro do sentido da pesquisa apenas na etnografia. Os novos rumos sintetizam de forma a constituir uma alteridade, o que somente foi possível em diálogo com as experiências anteriores. Os sentidos vão se

constituindo em conjunto. Desta forma, se relacionam com o arsenal antecessor de forma complementar, não como uma mudança estrutural. As diferentes entradas no tema compõem um aspecto processual do andamento da pesquisa, incluindo hipóteses que são testadas e aspectos que se iniciaram no campo mas não se confirmaram:

Olhar e produzir conhecimento sobre a cidade surge quase no processo de “descoser” e “coser” de uma enorme “manta de retalhos” que, entretanto, se constitui a partir de uma lógica mais abrangente e que não se limita à(s) peça(s) que visualizamos (*que agulha servirá para coser a manta?*). (MENEZES, 2000: 156).

Para dar conta desse repertório¹³, busquei desenvolver textualmente a análise de forma situacional, expondo situações delimitadas que abrem possibilidades de pensar questões mais amplas. Busco suporte nos trabalhos da Escola de Manchester, desenvolvidos por antropólogos vinculados ao Rhodes Livingstone, na Inglaterra, nas décadas de 1940 e 1950 (FRÚGOLI JR., 2007: 37). A abordagem metodológica por meio do recorte situacional, tal como concebida pela Escola de Manchester (GLUCKMAN, 1940: 237-364; MITCHELL, 1956^a: 365-436, 1956^b: 48-182), apreende uma totalidade a partir de uma situação histórica determinada, com uma cidade que se presentifica – e é vista – para além do plano normativo:

Essa abordagem abstém-se, por escolha metodológica de fazer intervir o caráter estrutural / institucional das relações observadas. É a observação dos fenômenos na escala interacional que deve permitir identificar os constrangimentos reais da ordem social mais vasta (AGIER, 2011: 73).

¹³ Acentuo que não entro no mérito das delimitações entre as fronteiras antropológicas e sociológicas desses trabalhos. Como se posiciona Frúgoli Jr. no texto “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”: “O campo suficientemente vasto das interfaces entre antropologia e sociologia – no caso duas vertentes do interior das ciências sociais –, por sua vez, iria nos levar a inúmeras considerações que não é possível aprofundar aqui, cabendo tentar reconstituir, numa circunscrição mais precisa, partes significativas dos diálogos entre a antropologia e a sociologia urbanas” (2005: 135).

A Escola de Manchester elabora uma “teoria da ação”, a qual, segundo Feldman-Bianco, resultou em um “refinamento de conceitos como campos sociais, redes sociais e análise situacional, bem como uma maior ênfase de ação e processos sociais” (1987: 13). A “teoria da ação” privilegia a observação e a descrição das condutas concretas de pessoas específicas em situações estruturadas. Nesta pesquisa tento tornar uma inspiração nessa forma de análise compatível com o estudo de discursos e de representações. Ressalto, não obstante, que não questiono tais discursos e representações, mas os concebo por si próprios, procurando interpretá-los¹⁴.

Igualmente inspiram-me as reflexões do sociólogo alemão Simmel (1900: 229-338, 1903: 429-512), com o seu pensamento relacional e a busca por explicar o papel da interação no espaço, sobretudo no espaço urbano, na passagem do século XIX para o XX. Segundo Simmel, não há eventos que tenham um significado intrínseco: os sentidos dos eventos são produzidos apenas através da interação com outros eventos (FRÚGOLI JR., 2007: 11). Nesta pesquisa procuro fazer os eventos apresentados dialogarem, temporalmente, com a historiografia carioca, e geograficamente, com projetos de intervenção urbanística exteriores à cidade, situando as possibilidades de pensar o contexto do Porto Maravilha e dos agentes nele envolvidos.

Os paradoxos da vida moderna tornam-se, para Simmel, mais explícitos no meio urbano, com o aumento de estímulos extrínsecos e das possibilidades de escolha: “O fundamento psicológico no qual repousa o tipo de cidadão é a intensificação da vida nervosa, que provém de uma sequência rápida e ininterrupta de impressões, tanto externas quanto internas” (SIMMEL, 1903: 330). Na cidade há a profusão de tipos sociais e o dinheiro torna-se um

¹⁴ Agier elabora algumas reflexões sobre interpretação e representação: “As interpretações podem estar implícitas nas práticas e nas interações e o observador deve revelá-las: o que dizem tais e tais práticas do ponto de vista do significado social das situações em que elas ocorrem? (...) As representações, essas, devem ser entendidas literalmente, ou seja, como sentido social simbolizado em produções exibidas, tomando assim o caráter de performance” (2011: 148). “Interpretações e representações formam a matéria palpável da cultura cidadina” (2011: 167). G. Velho também pensa no tratamento literal do discurso: “A resolução de partir do discurso dos indivíduos implica ‘aceitar’ a sua experiência existencial expressa em suas próprias palavras” (1973: 92).

denominador comum, um nivelador. Essa economia monetária difusa possui reflexos subjetivos para o cidadão:

(...) traço do estilo de vida contemporâneo cuja característica racionalística claramente denuncia a influência do dinheiro. Generalizando, pode-se caracterizar as funções intelectuais que são usadas atualmente para adaptar-se ao mundo e para regular relações individuais e sociais como funções calculistas. Seu ideal cognitivo é o de conceber o mundo como um enorme problema aritmético, conceber eventos, e a distinção qualitativa das coisas como um sistema numérico [tradução livre]¹⁵ (SIMMEL, 1900: 443, 444).

Inspirados pela leitura de Simmel e de outros clássicos (FRÚGOLI JR., 2007: 37, 2005: 136), a Escola de Chicago, nos Estados Unidos da América (EUA), foi, no início do século XX, “a primeira a tomar a cidade como ‘laboratório privilegiado de mudança social’” (FRÚGOLI JR. 2005: 134). Para Otávio Velho (1979: 7-10), o maior representante da Escola de Chicago é Park, cujo manifesto ou roteiro de estudos *A cidade* orienta trabalhos de diversos outros autores. Park, com suas “regiões morais”, pensa como projetos, valores e estilos de vida estão relacionados com as percepções sobre a cidade, bem como o modo segundo o qual o espaço é apropriado socialmente (1915: 29-72). Ao dispor conexões entre as regiões morais¹⁶ e o espaço, Park consolida noções relevantes aos trabalhos sobre o urbano, tais como “cidade”, “mosaico de pequenos mundos” e “indivíduos” (FRÚGOLI JR., 2007: 19). Frúgoli Jr. compara em termos tipológicos as obras de Park e Simmel. Enquanto a sociologia de Park caracteriza-se por “concreta”, “dinâmica” e “orientada para o consenso social”, a de Simmel compõe-se como “abstrata”, “estrutural” e “voltada para o dualismo sociológico” (FRÚGOLI JR., 2007: 19).

¹⁵ Trecho original da citação: “(...) trait in the style of contemporary life whose rationalistic character clearly betrays the influence of money. By and large, one may characterize the intellectual functions that are used at present in coping with the world and in regulating both individual and social relations as calculative functions. Their cognitive ideal is to conceive of the world as a huge arithmetical problem, to conceive events and the qualitative distinction of things as a system of numbers” (SIMMEL, 1900: 443, 444).

¹⁶ A noção de “região moral” será discutida com maior aprofundamento no capítulo 3.

Segundo O. Velho (1979), é Wirth o pesquisador da Escola de Chicago que mais assimilou as inspirações de Simmel, surgindo como “o maior teórico de estudos urbanos norte-americanos”, sendo “o sociólogo urbano por excelência” (VELHO, 1979: 9). Wirth elabora uma análise baseada em pressupostos ecológicos¹⁷ para demonstrar como a cidade concentra a densidade e a heterogeneidade – e quanto mais densa e heterogênea, mais o urbanismo assumirá suas formas características. O urbanismo, na visão de Wirth, é um modo de vida:

A urbanização já não denota meramente o processo pelo qual as pessoas são atraídas a uma localidade intitulada cidade e incorporadas em seu sistema de vida. Ela se refere também àquela acentuação cumulativa das características que distinguem o modo de vida associado com o crescimento das cidades e, frequentemente, com as mudanças de sentido dos modos de vida reconhecidos como urbanos que são aparentes entre os povos (WIRTH, 1938: 93)

Com recorrência relacionados à Escola de Chicago, Whyte e seu *Sociedade de Esquina*, outra referência que me inspira, não são integralmente vinculados a essa tradição. Conforme as informações de Gilberto Velho (2005: 11), Whyte fez questão de enfatizar a independência da elaboração de *Sociedade de Esquina* em relação à Escola de Chicago. Whyte estudou e pesquisou no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago quase três décadas após os primeiros trabalhos sobre cidade de Park e Wirth. G. Velho ressalta que não se deve confundir a Escola de Chicago com o departamento onde ela se originou, pois seus limites abarcavam pesquisadores de outras universidades dos Estados Unidos e ainda do exterior. Ademais, a ideia de escola não compromete uma “unidade de doutrina”, nos termos de G. Velho (2005: 11, 12), mas algumas discussões básicas em comum. De todo modo, certas reflexões de Whyte trazem diálogo com a Escola de Chicago, sobretudo seus expoentes contemporâneos, como seria de esperar pelo contexto do seu tema de estudos.

¹⁷ Tais como: “Há uma quantidade de proposições sociológicas referentes à relação entre a) quantidade de população; b) densidade da população; c) heterogeneidade de habitantes e vida grupal, que podem ser formuladas com base na observação e pesquisa” (WIRTH, 1915: 98).

Interessa-me em Whyte (1943: 19-247) a recusa da classificação pela ausência – como “falta de valores” ou de “moral”, “higiene” e “educação” –, bem como a escolha de algumas pessoas como representativas de situações mais gerais e a seleção de eventos emblemáticos para apresentar o trabalho de campo. Whyte também sustenta que uma explicação satisfatória sobre o modo como a pesquisa foi feita perpassa a forma como o/a pesquisador(a) viveu durante a realização do estudo, o que pode até mesmo ajudar a analisar os dados obtidos em campo. Para o autor, o pesquisador também tem um papel a desempenhar e demandas de sua personalidade, por isso deve-se “levar em conta que, assim como seus informantes, o pesquisador é um animal social” (WHYTE, 1933: 283).

Frúgoli Jr. apresenta seus contrapontos entre a Escola de Manchester e a Escola de Chicago¹⁸, que representaria, a grosso modo, duas vertentes diferentes sobre o conceito de situação (2007: 52-55). Enquanto a primeira enfatiza as interações entre pessoas, a segunda prefere o uso do termo indivíduos. Apesar de haver a preferência nos meios antropológicos pelo conceito de pessoa¹⁹ ao de indivíduo, Frúgoli Jr. ressalta que “a ênfase no indivíduo pelas correntes mais influenciadas por Simmel não significa um enfoque num indivíduo autônomo” (2007: 53). Ademais, a ideia simmeliana de que o indivíduo moderno exerce uma posição singular para a observação de relações e seus conflitos supõe que “não deve haver necessariamente uma escolha excludente entre o enfoque sobre pessoas e indivíduos, pois isso possivelmente também constitui uma condição situacional” (FRÚGOLI JR., 2007: 54).

A sociologia no Brasil é diretamente influenciada pelos trabalhos da Escola de Chicago com a presença de Donald Pierson no corpo docente da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP). Pierson, que foi

¹⁸ Para Eckert, é recorrente na Antropologia Urbana brasileira apontar a Escola de Manchester e a Escola de Chicago como “territórios mitos” ou como “referência laboratorial de microssituações” fundadoras (2010: 155).

¹⁹ Durham apresenta, no contexto brasileiro, críticas, cuidados e potencialidades nos usos de indivíduo e pessoa (1986: 29-34). Nesta pesquisa utilizo em algumas passagens o termo pessoa sem força específica de conceito. Quando elaboro reflexões sobre esse tema, utilizo o conceito de agentes, que problematizo no terceiro capítulo. De todo modo, reconheço a consideração de que “o problema do individualismo permeia toda a problemática da pessoa, fazendo com que este conceito seja utilizado de forma não apenas diferentes, mas antagônicas” (DURHAM, 1986: 30).

aluno de Park e Wirth, permaneceu na ELSP de 1939 a 1959 (ECKERT, 2010: 158; MAGNANI, 2012: 22). Não obstante, a antropologia urbana brasileira desenvolveu-se com mais ênfase em uma antropologia na cidade. Segundo Durham (1986: 11-37), uma dos expoentes da área no país e também docente na USP, não havia a difusão da tentativa de compreender o fenômeno urbano em si mesmo²⁰, como se desenvolveu na Escola de Chicago:

Ao contrário, trata-se de pesquisas que operam com temas, conceitos e métodos da antropologia, mas voltados para o estudo de populações que vivem nas cidades. A cidade é portanto, antes o lugar da investigação do que seu objeto (DURHAM, 1986: 19).

Nesta pesquisa encaminho-me na intenção de realizar uma antropologia não apenas na cidade, mas também da cidade, com o empenho de “construir uma narrativa da cidade” (LUZ, 2009: 275). Assumo, nos termos de Frúgoli Jr., “a cidade ou o contexto urbano como tema substancial da reflexão, não bastando, portanto, que apenas digam respeito a quaisquer fenômenos que ocorram dentro da esfera urbana” (2005: 134). Insiro-me em problemáticas acerca, nos termos de Eckert, do “urbanismo como prática política em suas reverberações no espaço social”. Buscando refletir “sobre políticas públicas para os espaços urbanos” (2010: 176).

A Região Portuária da cidade do Rio de Janeiro está, pelas classificações da Prefeitura, localizada na Área de Planejamento Centro, a AP 1²¹, e é composta pelos bairros Caju, Santo Cristo, Saúde e Gamboa, com um

²⁰ Por exemplo: “Dentro desta linha de trabalho não nos parece sempre fundamental a preocupação de distinguir ‘fenômenos urbanos’, nem de ter como primordial a tarefa de marcar os limites entre o rural e o urbano. Pelo contrário, muitas vezes não reconhecemos a generalidade ou universalidade de certos comportamentos, com a preocupação de delimitar etapas e estabelecer compartimentos” (SILVA, VELHO, 1976: 71, 72).

²¹ Informações sobre as áreas de planejamento da cidade do Rio de Janeiro estão no documento elaborado pela prefeitura “Plano Diretor Decenal de 1992: Subsídios para sua revisão – 2005”. Disponível em http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1653_plano_diretor.PDF. Acesso em 14.05.2012. Ressalta-se que o Centro espacialmente simbólico não

total, segundo os dados censitários de 2010, de 17.368 domicílios e 48.664 de população residente, distribuídos em uma área territorial de 8,4 quilômetros quadrados²². A Região Portuária não tem sido, certamente, a mesma através dos tempos. As divisões administrativas com caráter de coordenação de serviços locais são instauradas para regiões específicas em 1961, por meio do decreto 353, na gestão do governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda. No ano seguinte, 1962, ainda na gestão de Lacerda, é que toda a parte da cidade passa a se situar, por meio do decreto 898, em uma das divisões administrativas, inicialmente em 19 Regiões Administrativas (RAs) (ALEM, 2007: 1, 3). Em 1981, na gestão do prefeito Júlio Coutinho, em meio às reformulações dos marcos das RAs e oficialização dos limites dos bairros, são criadas, com o decreto 3158, as Áreas de Planejamento (APs), a partir dos estudos da Comissão do Plano da Cidade (COPLAN) (ALEM, 2007: 1, 2).

Considero, de todo modo, o uso das classificações das RAs proveitoso mesmo quando em referência a tempos anteriores à sua oficialização, já que, apesar de trabalhar com a perspectiva histórica, o foco não é no período anterior a 1962. Ao meu ver, soaria confuso alternar a nomeação mais recente, “Região Portuária”, para as antecessoras, como “Freguesias de Santa Rita, Santana e Gamboa” (quando mencionasse a primeira metade do século XX), e “Freguesias de Santa Rita e Santana” (em referência a um período anterior ao mencionado) (ABREU, 1987: 35-69). Pode-se ainda questionar o uso de uma definição oficial na medida em que o projeto Porto Maravilha tem outros limites dentro da Região Portuária, não sendo o seu equivalente, mas nela estando totalmente contido.

equivale ao centro espacialmente físico. Como se pode observar nos mapas, o Centro está fisicamente ao leste da formação atual da cidade. Destaca-se também o uso de “centro” quando faço referência à uma área central genérica e de “Centro” quando menciono o bairro Centro da cidade do Rio de Janeiro.

²² Mapas oficiais da cidade do Rio de Janeiro e das suas áreas de planejamento, regiões administrativas e bairros estão disponíveis em <http://mapas.rio.rj.gov.br/>. Lista dos bairros e das regiões administrativas alocados na Subprefeitura do Centro e Centro Histórico: <http://www.rio.rj.gov.br/web/scch/exibeConteudo?article-id=95257>. Dados populacionais, mapas, imagens e descrições dos limites por rua dos bairros, das regiões administrativas e da cidade do Rio de Janeiro: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/>. Últimos acessos em 18.07.2012.

Ressalto, sobre as fronteiras, que não busco reiterar, sem divergências, as delimitações espaciais do projeto. Trabalho com os limites impostos pelo Porto Maravilha na Região Portuária pelo próprio foco na observação das mudanças urbanísticas na área alvo das intervenções. Compreendo os problemas no enquadramento geográfico do projeto, que cria uma outra “cidade” não existente dentro de uma cidade consolidada, mas a análise comparativa entre as áreas da Região Portuária inseridas e as não inseridas no projeto demandaria outra abordagem da pesquisa. Acentuo, assim, que reconheço o processo de reconstrução das fronteiras que o Porto Maravilha opera na Região Portuária, mas tal configuração, apesar de instigante, não foi alvo desta pesquisa. Preferi, para a própria fluidez do texto, ocultar as áreas não compreendidas no projeto, utilizando a Região Portuária como sinônimo da área inserida no mapa de transformações do Porto Maravilha²³.

Ademais, o próprio conceito de região precisa ser bem pensado quanto às potencialidades do seu uso:

Conceitos como o de região, embora amplamente utilizados pelas diferentes disciplinas que compõem as ciências sociais, nem sempre possuem significados muito precisos, ou ainda, nem sempre são aplicados como critérios equivalentes (HEREDIA, 2001: 167).

O conceito de região é o foco nas considerações de Heredia (2001: 182-184). Para a autora, a classificação por região é o resultado de um esforço de busca por elementos comuns; porém, ao agrupar essas características sob o que há de semelhante, ocultam-se suas diferenças. As classificações construídas com base no conceito de região geram, seguindo essa análise, inflexões “delimitadas e restritivas” (HEREDIA, 2001: 184).

O uso da palavra região com força de conceito não me parece, portanto, proveitoso. No entanto, não concebo outra forma de nomeação que permita a fluidez do texto, além de que é significativa a possibilidade de utilizar os dados oficiais das RAs para contextualização e, sobretudo, ressaltar minhas escolhas

²³ Agradeço a Profa. Dra. Ana Lanna pelas considerações sobre o tema durante a defesa da dissertação.

de enfoques para, assim, não pensar a Região Portuária como apriorística. As mesmas considerações valem para os demais termos técnicos e oficiais utilizados ao longo do texto, que não possuem qualquer intenção reiterativa da linguagem formatada como norma pelo poder público e pelas instâncias urbanísticas, ainda que nem sempre se consiga deixar clara tal precaução.

Ao longo do texto busco problematizar algumas noções e conceitos. Resumidamente, os conceitos enfrentados e os respectivos autores acionados para tal circunscrição foram: modernidade, com Berman (1982) e Benjamin (1935); lugar e espaço, com, entre outros, De Certeau (1990), Bourdieu (1985, 1989, 1993a, 1993b, 1997), Augé (1993) e Agier (2011); tempo e turismo, com Urry (1985); patrimônio e museus, com diversos autores, incluindo Canclini (1989) e Gonçalves (1995, 2012); centralidade, sobretudo com Castells (1979); agência, com Bourdieu (1989); mapa de prestígio, com Velho (1973), trabalhado junto ao de cartografia imaginária, com Agier (2011); regiões morais, com Park (1915); enobrecimento, com Rubino (2006, 2009); embelezamento estratégico, com Benjamin (1935); propaganda e opinião pública, com Velho (1973, 1994) e Park (1915).

Contudo, há um certo tipo de termo que baliza o próprio objeto de análise. Durante o processo de pesquisa comumente lia e ouvia várias palavras que tentam sistematizar o que é um projeto ou uma intervenção urbanística, como revitalização, reurbanização, reforma, remodelação, requalificação, reabilitação e seus análogos. Para Rubino (2009), inspirada em Bresciani (2001: 343 *apud* RUBINO, 2009: 35):

Mais do que meros eufemismos para uma forma contemporânea de limpeza urbana, tais termos passaram a ser “lugares comuns”: palavras guarda-chuva que ao cobrir situações diversas terminam sem significado, ou termos associados a um lugar-comum onde falas diversas se encontram (RUBINO, 2009: 35).

Observou-se com a pesquisa que esses termos baseiam-se no léxico da decadência e em um inédito inventado. Tais palavras têm um caráter de eufemismo, com amenização do potencial brusco da força interventora. Como

esses termos e outros semelhantes possuem uma conotação positivada, utilizei no texto palavras mais neutras e com apelo mais palpável, como implantação do projeto, obras e intervenções urbanísticas.

Apresentação do texto

O texto está dividido em três capítulos que refletem diferentes acessos enfrentados na tentativa de compreensão das dinâmicas envolvendo o projeto Porto Maravilha.

O capítulo 1, “Formações de uma intervenção urbanística”, inicia-se com uma análise do Porto Maravilha, revelando seus principais motivos e expectativas. A partir de uma situação, a apresentação final da primeira fase do projeto, trabalha-se com a identificação do atual prefeito com um antigo gestor do cargo que fez grandes mudanças no Rio de Janeiro no início do século XX. Estabelece-se um jogo delicado com essas identificações, envolvendo polêmicas sobre remoções que espelham tal analogia com o passado.

Segue-se uma apresentação da Região Portuária, baseada em dados censitários, com foco nos desincentivos do uso habitacional do centro. Tal perfil inicia a apresentação de um arranjo não linear das composições anteriores da cidade que possibilitaram a formação de projetos como o Porto Maravilha. O foco do capítulo situa-se nos discursos fundamentados no embelezamento por decretos, os quais são justificados, sobretudo, através de apelos higienistas.

Ao final do primeiro capítulo é apresentado o processo pelo qual o prestígio do uso habitacional da cidade desloca-se para o eixo sudoeste, acompanhado por remoções que aumentam a população residente em subúrbios e favelas. O contexto apresentado revela a posição paradoxal que a Região Portuária ocupa no final dos anos 2000, época de início dos planos que desencadearam no projeto Porto Maravilha. Apesar de situada em uma posição central estratégica, o atual imaginário sobre a Região Portuária é acompanhado pelo léxico da decadência, que, ademais, não considera as dinâmicas ativas já presentes no lugar.

O capítulo 2, “Recomposições das experiências”, inicia-se com uma análise do desfile realizado pelo bloco de Carnaval Escravos da Mauá no ano de 2013. O bloco saiu às ruas com um novo trajeto, em homenagem à Região

Portuária. A mudança do itinerário é problematizada em conjunto com a criação de uma organização que congrega os grupos artísticos do lugar, o ComDomínio.

Em sequência, aborda-se o conceito de centralidade em paralelo com os discursos sobre decadência que estabelecem uma “retórica do abandono”. Articula tais perspectivas ao fundamento do projeto Porto Maravilha no ideal de modernidade da cidade de Barcelona, na Espanha.

Estabeleço ainda algumas considerações sobre os discursos de patrimonialização na Região Portuária, pensando as relações entre o Porto Maravilha e a vivência da patrimonialização. Por fim, penso nas articulações entre os grupos artísticos e o projeto, em um diálogo sobre as novas conformações, as quais se inserem ao abrigo do mito presente na alcunha da Região Portuária como “Pequena África”.

No capítulo 3, “Expectativas do possível”, elabora-se como alguns patrimônios passam a ser acionados como atrações turísticas, em conjunto com atrativos que, por outro lado, baseiam-se no futurismo e na concepção de uma cidade moderna. Pensa-se sobre os museus e circuitos de visitação em implantação, bem como na polêmica envolvendo a retirada de um viaduto, que articula discursos sobre a Região Portuária como um lugar de contemplação.

Aborda-se também as perspectivas dos vendedores ambulantes que trabalham na roda de samba da Pedra do Sal frente às mudanças contemporâneas na Região Portuária, abarcando discussões sobre direito à cidade e estratégias de permanência.

Por último, trabalho com questões sobre as formas como a Região Portuária passará a ser inserida no mapa de prestígio da cidade. Tais aspectos acionam representações de uma considerada “natureza turística”. Nesse contexto, em que a propaganda exerce um papel fundamental no convencimento das qualidades do Porto Maravilha, penso nas teorias de competição entre as cidades, bem como, em âmbito local, nas representações da Região Portuária que são utilizadas nos novos empreendimentos imobiliários.

CAPÍTULO 1 - FORMAÇÕES DE UMA INTERVENÇÃO URBANÍSTICA

O projeto

As mudanças urbanísticas em curso na Região Portuária da cidade do Rio de Janeiro desde o início dos anos 2000 possibilitam a análise de um momento extraordinário que torna latentes certos conflitos e percepções de cidade. Em junho de 2009, a Prefeitura do Rio de Janeiro, com o apoio dos níveis de poder federal e estadual, propõe o projeto²⁴ Porto Maravilha, na Região Portuária da cidade, como prioridade política.

Logotipo do projeto Porto Maravilha. Fonte: projeto Porto Maravilha.

A Prefeitura, coordenadora da proposta, e o Governo do Estado contam, cada um, com 6 % dos terrenos da região, enquanto o Governo Federal possui a maior parte dos lotes, 62%, sendo proprietário da companhia Docas do Rio, autoridade portuária²⁵. O projeto insere-se nas diretrizes do Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária, o PORTO DO RIO, que começou a ser desenvolvido em 2001 (INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS, 2003).

²⁴ “A partir da década de 1960, as noções de planejamento urbano vêm sendo definidas pela noção de projeto urbano, com a consequente ênfase em operações pontuais em detrimento da ideia da cidade como um todo e do alcance do processo de intervenção” (RUBINO, 2006: 69).

²⁵ Endereço eletrônico: <http://www.portosrio.gov.br/>. Acesso em 23.03.2012.

O projeto Porto Maravilha é estabelecido por meio da Lei Municipal Complementar n° 101/2009²⁶, promulgada em 23 de novembro de 2009, e com autoria assinada pelo poder executivo municipal. O eixo do projeto move-se a partir de um consórcio, nomeado Operação Urbana Consorciada da Área de Especial Interesse Urbanístico (Aeiu) da Região Portuária do Rio de Janeiro. Os limites dos cerca de 5 milhões de metros quadrados de abrangência são delimitados, basicamente, por três grandes avenidas da área central da cidade: a Av. Presidente Vargas, a Av. Rio Branco, a Av. Francisco Bicalho e a Av. Rodrigues Alves, esta a única localizada dentro dos contornos oficiais da Região Portuária²⁷.

Simultaneamente à lei de criação da operação urbana é promulgada a Lei Municipal Complementar n° 102/2009²⁸, instituidora da Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP)²⁹, gestora da área de especial interesse recém criada, e, por consequência, prestadora de contas à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e participante, na Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU), de grupo para aprovação de empreendimentos imobiliários. A CDURP³⁰ é a responsável, numa esfera mais ampla, por articular as conexões entre a prefeitura, demais órgãos públicos e

²⁶ Lei Municipal Complementar n° 101/2009. Disponível em: <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/bff0b82192929c2303256bc30052cb1c/b39b005f9fdb3d8032577220075c7d5?OpenDocument>. Acesso em 12.06.2012.

²⁷ Limites detalhados e mapa oficial disponíveis em [http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/bff0b82192929c2303256bc30052cb1c/b39b005f9fdb3d8032577220075c7d5/\\$FILE/ANEXO%20I-A.pdf](http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/bff0b82192929c2303256bc30052cb1c/b39b005f9fdb3d8032577220075c7d5/$FILE/ANEXO%20I-A.pdf). Acesso em 12.06.2012.

²⁸ A lei Municipal Complementar n° 102/2009 foi promulgada em 23.11.2009. Disponível em: <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/2ed241833abd7a5b8325787100687ecc/e1cddbddd8d118e66032577220075c7dc?OpenDocument>. Acesso em 12.06.2012.

²⁹ Legislação complementar ao desenvolvimento da CDURP: Decreto N.º 33364 de 19 de janeiro de 2011; Decreto n.º 32666 / 2010; Lei Complementar n.º 101 / 2009; Lei Complementar n.º 102 / 2009; Lei Complementar n.º 105 / 2009; Lei Federal n.º 10257 / 2001; Lei Federal n.º 11079 / 2004; Lei Complementar n.º 111 / 2011; Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro e suas emendas; Resolução SMF 2974 – ITBI; Resolução SMF 2675 - ISS Resolução SMF 2675; Resolução SMF 2676 - IPTU (Isenção); Resolução 2677 - IPTU (Remissão; Instrução CVM 400; Instrução CVM 401; Instrução CVM 472; Legislação do Sagas - Lei 971-87 Sagas; Legislação do Sagas – Decreto. Links para cada item disponíveis em [http:// portomaravilha.com.br/web/esq/legislacao.aspx](http://portomaravilha.com.br/web/esq/legislacao.aspx). Acesso em 12.03.2012.

³⁰ Apresentação da CDURP e arquivos dos seus relatórios trimestrais no endereço eletrônico do projeto Porto Maravilha: <http://portomaravilha.com.br/web/esq/mnuCDURP.aspx>. Acesso em 08.01.2012. A sede da CDURP, na R. Sacadura Cabral, está desde 2012 em construção.

as Parcerias Público Privadas (PPPs), cujo maior expoente é o consórcio Porto Novo³¹, formado pelas empreiteiras Norberto Odebrecht, OAS e Carioca Engenharia, escolhido vencedor da primeira PPP da cidade.

A inspiração para o projeto Porto Maravilha advém, segundo suas diretrizes, dos planos urbanísticos nas áreas portuárias de São Francisco (EUA), Buenos Aires (Argentina) e, especialmente, Barcelona (Espanha). A abrangência do projeto³² tem seu foco, basicamente, nas seguintes intervenções: revitalização da Praça Mauá, com construção do Túnel Binário, e urbanização do Píer Mauá; reurbanização do Morro da Conceição e do bairro da Saúde; calçamento, iluminação pública, drenagem e arborização de eixos viários; implantação do trecho inicial do Binário do Porto; renovação da Igreja do Lgo. de São Francisco da Prainha, erguida em 1696, e do edifício “A noite”, construído nos anos 1930; demolição de 4km do viaduto da Perimetral, sobre a

³¹ Endereço eletrônico: <http://www.portonovosa.com/>. Acesso em 12.03. 2012.

³² A Lei Municipal Complementar n° 101/2009 estabelece dez metas como o conjunto das principais intervenções: reurbanização de vias existentes, implantação de novas vias e trechos de ciclovia; recuperação, ampliação e implantação de novas redes de esgoto, de águas pluviais, de abastecimento de água, energia elétrica, telefonia, gás encanado, além de sistema de melhoria da qualidade das águas do Canal do Mangue; implantação de nova via de trilhos entre a Avenida Rodrigues Alves e a Avenida Venezuela, paralela a ambas, ligando a Avenida Barão de Tefé à Rua Silvino Montenegro; implantação de uma via de mão dupla com canteiro central, incluindo a criação de trecho entre a Rua Silvino Montenegro e a Rua Rivadávia Correia, e alargamento das ruas da Gamboa, Equador e General Luís M. de Moraes; construção de túnel sob o Morro da Saúde com duas galerias para a passagem de nova via de mão dupla; construção do túnel de acesso à Zona Portuária, paralelo ao túnel que substituirá o Elevado da Perimetral até o trecho sob a Praça Mauá e de onde seguirá por sob o atual prédio da Polícia Federal até retornar à superfície na futura Via Trilhos; construção de duas rampas, na altura da atual Rodoviária Novo Rio; previsão de espaço para futura implantação de sistema de transporte público de média capacidade (VLT); ampliação do túnel existente sob o Morro da Providência para implantação de sistema de transporte público de média capacidade; demolição do Elevado da Perimetral, com a remoção da estrutura existente no trecho compreendido entre o prédio do Arsenal da Marinha e a Avenida Francisco Bicalho; construção de túnel em substituição ao Elevado da Perimetral partindo das proximidades do prédio do Arsenal da Marinha, passando sob a Praça Mauá e Av. Rodrigues Alves, até a altura do Armazém 5; implantação de mobiliário urbano; construção de nova sede da Câmara Municipal do Rio de Janeiro; implantação dentro do perímetro da operação urbana consorciada do sistema cicloviário da Área Portuária, a partir da conexão MAM – Pça. Mauá viabilizando o acesso cicloviário do Cais do Porto ao final do Leblon. Marcação das vias alvo das intervenções no mapa disponível em [http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/bff0b82192929c2303256bc30052cb1c/b39b005f9fdbe3d8032577220075c7d5/\\$FILE/ANEXO%20III.pdf](http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/bff0b82192929c2303256bc30052cb1c/b39b005f9fdbe3d8032577220075c7d5/$FILE/ANEXO%20III.pdf). Acesso em 12.06.2012.

Av. Rodrigues Alves; implantação da Pinacoteca do Rio (renomeado Museu de Arte do Rio, o MAR), do Museu do Amanhã, do Museu Olímpico, do Aquário AquaRio, do Centro de Moda e Design, do novo prédio do Banco Central do Brasil e da nova Câmara Municipal³³.

Mapa da área compreendida no projeto Porto Maravilha.

Fonte: projeto Porto Maravilha.

Parte dos investimentos em equipamentos culturais e de lazer, voltada mais especificamente para o desenvolvimento de um potencial turístico no lugar, está sendo formulada com isenção de pagamento de Certificados de Potencial Adicional de Construção (CEPACs). A implantação dos CEPACs, ou seja, do aumento do potencial construtivo na região além dos limites atuais, é autorizado pela Lei Municipal Complementar n° 101/2009³⁴. De acordo com os dados de Bentes (2010: 4-27), estes são alguns dos espaços alvo das isenções: AquaRio (65 milhões de reais, no prédio da Cibrazém); Pinacoteca, atual MAR (80 milhões de reais, no Palácio Dom João VI e na antiga rodoviária); Píer Mauá, com anfiteatro, chafarizes, restaurantes e quiosques (300 milhões de reais, do parque linear até o Canal do Mangue), e o Museu do

³³ O cronograma atualizado das principais obras do projeto Porto Maravilha está disponível em: <http://portomaravilha.com.br/web/sup/serObrMapaObras.aspx>. Último acesso em 12.03.2013.

³⁴ Infográfico sobre as CEPACS apresentado pelo projeto Porto Maravilha <http://portomaravilha.com.br/web/cepac/index.html>. Acesso em 04.05.2012.

Amanhã (120 milhões de reais, nos Armazéns 5 e 6 do cais do porto). Ainda como atrativos, o projeto ressalta a proximidade dos principais modais de transporte³⁵, característico de sua posição central, bem como a presença de grandes empresas no lugar³⁶.

Até o primeiro semestre de 2013, algumas etapas de destaque do Porto Maravilha foram concluídas ou estavam em andamento³⁷: obras de recuperação da Av. Barão de Tefé, que passou por recapeamento e renovação da galeria de drenagem; obras de recapeamento das Av. Rodrigues Alves, Venezuela e das R. Sacadura Cabral e Camerino; restauração do Jardim do Valongo, no Morro da Conceição; construção do Museu do Amanhã e do Túnel do Binário; retirada do viaduto da Perimetral; ampliação da capacidade de escoamento das águas pluviais; estudos de impacto de vizinhança e de viabilidade econômica; estudos técnicos relacionados à implantação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT)³⁸.

Dois prefeitos

A primeira fase das obras do projeto Porto Maravilha foi inaugurada no dia 1º de julho de 2012. O prefeito Eduardo Paes, que assumiu o cargo em 2009 e foi reeleito, é acompanhado na cerimônia por um ator caracterizado como Pereira Passos³⁹, prefeito da cidade no início do século XX, mais

³⁵ Aeroporto Galeão Tom Jobim, Aeroporto Santos Dumont, Porto operacional, Rodoviária Novo Rio, Estação Ferroviária Central do Brasil, terminais de ônibus, terminal marítimo de passageiros, estação de metrô Cidade Nova e futura circulação de VLT. Listagem apresentada no Projeto Porto Maravilha: http://www2.rio.rj.gov.br/smu/compur/pdf/projeto_porto_maravilha.pdf. Acesso a partir de 15.09.2010. Último acesso em 26.06.2012.

³⁶ Multiterminais, Libra, Triunfo, Socicam, Metrô Rio, Embratel, Light, Xerox do Brasil, Moinho Fluminense, INT, Cia. Docas do Rio, Píer Mauá S.A., INPI, Lojas Americanas. Listagem apresentada no Projeto Porto Maravilha: http://www2.rio.rj.gov.br/smu/compur/pdf/projeto_porto_maravilha.pdf. Acesso a partir de 15.09.2010. Último acesso em 26.06.2012.

³⁷ Averiguado a partir de observações em campo e dos dados expostos no endereço eletrônico do Porto Maravilha: <http://portomaravilha.com.br/>. Último acesso em 07.07.2013.

³⁸ Estudo de tráfego e Estudo de Viabilidade Econômica da Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio de Janeiro, ambos disponíveis para download em <http://portomaravilha.com.br/web/esq/estudos.aspx>. Acesso em 12.05.2012.

³⁹ “Em campanha, Paes tenta vincular sua imagem às transformações feitas por Pereira Passos”. 09.07.2012. O Globo, Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/em->

especificamente no período de 1902 a 1906. O evento transcorreu no recém reformado Jardim do Valongo⁴⁰, que foi projetado pelo paisagista Luiz Rey na gestão de Pereira Passos⁴¹.

Na concepção original dessa apresentação dos resultados da primeira fase do Porto Maravilha, seria o prefeito Eduardo Paes quem estaria vestido aos modos de Pereira Passos⁴², porém a figura polêmica do antigo prefeito marca uma série de contradições entre as reformas urbanas cariocas dos inícios deste século e do anterior. Além da própria polêmica do exercício da teatralização por um burocrata, que o afastaria de uma imagem de político íntegro e sério, há outros aspectos delicados na analogia. Para compreender as estratégias de comparações entre esses períodos, com suas potencialidades e riscos, é necessária uma breve contextualização da figura de Pereira Passos, situando o acionamento de sua imagem pelo atual prefeito do Rio de Janeiro.

Ator caracterizado como Pereira Passos e prefeito Eduardo Paes.
Foto de Marcos Tristão. Fonte: O Globo.

campanha-paes-tenta-vincular-sua-imagem-as-transformacoes-feitas-por-pereira-passos-5433676#ixzz211iWMjwJ. Último acesso em 26.07.2013.

⁴⁰ “Pouco conhecido, Jardim do Valongo será recuperado”. 21.04.2012. O Globo, Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/pouco-conhecido-jardim-do-valongo-serarecuperado-4707637>. Último acesso em 26.07.2013.

⁴¹ Projeto Cais da Imperatriz do Portal dos Pretos Novos. 2002. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/proj_cais_imperatriz.shtm. Acesso em 14.07.2013.

⁴² “Em campanha, Paes tenta vincular sua imagem às transformações feitas por Pereira Passos”. 09.07.2012. O Globo, Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/em-campanha-paes-tenta-vincular-sua-imagem-as-transformacoes-feitas-por-pereira-passos5433676#ixzz211iWMjwJ>. Último acesso em 26.07.2013.

Nascido em 1836, Pereira Passos descende de uma família de cafeicultores do Vale do Paraíba. Com formação em Engenharia Civil pela Escola Militar, concluída em 1857, Pereira Passos ingressa na carreira diplomática (BENCHIMOL, 2010: 175). Transfere-se para Paris, onde permanece entre 1957 e 1860, e entra em contato com o urbanismo em reforma na cidade francesa. Frequenta cursos de arquitetura e áreas afins na École des Ponts et Chaussées, e assiste às reurbanizações que atravessavam a cidade (BENCHIMOL, 2010: 176; ROCHA, 1995: 56; ENDERS, 2002: 211).

Há forte influência nos trabalhos de Pereira Passos do modelo francês de Georges-Eugène Haussmann, conhecido como Barão Haussmann ou pela alcunha autodeclarada de "artista demolidor" (BENJAMIN, 1935: 41). Haussmann foi o gestor da "Paris burguesa e monumental surgida entre 1853 e 1870" (MALLMANN, 2010: 105). Tal contexto parisiense é abordado pelo atualmente renomado poeta e teórico de arte Charles Baudelaire em alguns de seus textos. Para Benjamin, "pela primeira vez, com Baudelaire, Paris se torna objeto da poesia lírica" (1935: 39), a qual é reconhecida por tratar de percepções e sentimentos do poeta que dialogam diretamente com o leitor, sem a mediação de personagens.

A modernidade é um tema recorrente nos escritos de Baudelaire, "que fez mais do que ninguém, no século XIX, para dotar seus contemporâneos de uma consciência de si mesmos enquanto modernos" (BERMAN, 1982: 159). Segundo Berman, uma das características da obra de Baudelaire é o destaque ao sentido impreciso da modernidade (1982: 160). O poema "O Cisne", publicado em *As flores do mal* (1857)⁴³ marca o desânimo e a nostalgia de Baudelaire:

Paris muda! porém minha melancolia / Não!, andaimes,
palácios novos, avenidas, / Blocos, para mim tudo vira
alegoria, / E mais que as pedras, pesam lembranças queridas.
(1857: sem paginação)⁴⁴

⁴³ No original "Le Cygne" em *Le fleurs du mal*. Na bibliografia consta a referência original.

⁴⁴ Tradução de Duda Machado publicada na página de traduções da Zunái - Revista de poesia e debates. Disponível em: http://www.revistazunai.com/traducoes/charles_baudelaire.htm. Acesso em 20.07.2013.

Tudo para Baudelaire se transforma, desta forma, em metáfora, em imagem. Dos paradigmas da vida moderna surgem experiências cotidianas palpáveis que figuram as paisagens que Berman posteriormente nomeou por “cenas modernas primordiais” (BERMAN, 1987: 178). Ao analisar poemas de Baudelaire, Berman conclui que a cidade desempenha um papel decisivo nos dramas abordados pelo poeta, o qual sustenta seu próprio protagonismo como cidadão junto ao papel central interpretado pela cidade (1987: 178-203).

Ainda na visão de Berman (1987: 175, 176), Benjamin foi o primeiro autor a perceber a potência analítica dos poemas de Baudelaire sobre Paris⁴⁵. Benjamin ressalta a propensão que permeia o século XIX de “enobrecer necessidades técnicas por meio de objetivos artísticos”⁴⁶ (1935: 41). Como exemplo do foco no caráter espetacular e belo das obras urbanas, há as cerimônias de inauguração das grandes avenidas, as quais eram recobertas por lonas antes de suas conclusões para serem apresentadas à população com a retirada do tecido, tal qual se faz com a estréia de um monumento. No entanto, as intervenções urbanísticas não se fazem sem reveses, como o aumento dos aluguéis em Paris, que impelem o proletariado rumo aos subúrbios, com o propiciamento da especulação imobiliária (BENJAMIN, 1935: 30-43)

Os prelúdios da modernização urbana estão amparados nessas modificações da capital francesa no século XIX, com o apontar de um nova forma de intervenção urbana. O urbanismo passa a ocupar uma função original, inaugurada por Haussmann, na qual há uma conexão entre o poder público e setores do capital (BENJAMIN, 1935: 30-43; FRÚGOLI JR., 2000: 19). No plano mais concreto das novas práticas urbanísticas, Berman (1987: 180, 181) destaca os bulevares, que possibilitavam a fluidez do tráfico pelo centro da cidade e a locomoção de um extremo ao outro em linha reta. Além dos bulevares, o conjunto do planejamento incluía locais para apresentações de ópera, mercados centrais, pontes, sistema de esgoto, fornecimento de água

⁴⁵ “Toda a minha reflexão se inscreve no caminho aberto por Benjamin, embora eu tenha encontrado elementos e componentes diferentes daqueles apontados por ele” (BERMAN, 1987: 175, 176).

⁴⁶ Esse tema volta à tona no capítulo 3, com as considerações de Benjamin sobre o “embelezamento estratégico”.

e parques. Tais atributos “ajudaram a transformar Paris em um espetáculo particularmente sedutor, uma festa para os olhos e para os sentidos” (BERMAN, 1987: 180, 181).

Alguns autores consideram Pereira Passos como um “Haussmann tropical” (PEREIRA, 2010: 154), que por consequência teria “haussmannizado” a cidade em sua gestão (OLIVEIRA, 2009: 13). No entanto, a inspiração em Haussmann é insuficiente para consideramos que houve uma “haussmanização” na cidade do Rio de Janeiro. A “haussmanização” deve ser compreendida como um episódio que envolveu as mudanças que atravessaram Paris durante a gestão de Haussmann. Esse modelo urbanístico influenciou outras intervenções que tentaram aplicá-lo, mas, dadas as especificidades de cada local, o fenômeno não se repete tal como ocorreu na capital francesa. A inspiração no planejamento de Haussmann para a obras de urbanização no Rio de Janeiro no início do século XX foi, segundo Needell, consciente e bem fundamentada” (1993: 33).

Ao retornar da França para o Brasil, Pereira Passos trabalha em obras públicas como engenheiro do Ministério do Império, participando da Comissão de Melhoramentos da cidade (BENCHIMOL, 210: 174, 176; OLIVEIRA, 2009: 57, PEREIRA, 2010: 149, 150)⁴⁷, na qual elaborou em 1857 um relatório para melhorias (ROCHA, 1995: 56), e dedicando-se em empreendimentos como a estrada de ferro para o Morro do Corcovado. Aos 66 anos, Pereira Passos aceita o convite do presidente Rodrigues Alves para ocupar o cargo de prefeito do Distrito Federal⁴⁸, na época com sede no Estado do Rio de Janeiro (ROCHA, 1995: 56; OLIVEIRA, 2009: 57).

⁴⁷ Tinha-se por objetivo “(...) formar uma Comissão de Melhoramentos, encarregada de formular uma política global de expansão para a cidade. Composta pelos engenheiros Francisco Pereira Passos, Jeronymo Moraes Jardim e Marcelino Ramos, a comissão tem por meta elaborar um plano revendo e articulando as iniciativas já aprovadas a fim de melhorar as condições higiênicas da cidade, facilitar a circulação e dar mais “beleza e harmonia” às contruções urbanas. Mas este plano será, como se sabe, duramente criticado sobre sua viabilidade financeira e suas decisões técnicas e acabam engavetados” (PEREIRA, 2010: 149, 150).

⁴⁸ “Rodrigues Alves, que assumiu a presidência em 15 de novembro de 1902, aprovou, com o apoio do Congresso, a Lei 939, que alterou radicalmente a organização municipal do Distrito Federal, inclusive com o prefeito e seu substituto, passando a ser indicados pelo presidente da República, sem a anuência do Senado” (MALLMANN, 2010: 109).

O futuro prefeito buscava administrar de acordo com princípios majoritariamente técnicos e científicos (OLIVEIRA, 2009: 57, 58), ignorando certas possibilidades de diálogo político. Pereira Passos aceita o cargo com a condição de fazer modificações na legislação sem estabelecer qualquer comunicação com a Câmara dos Vereadores (ROCHA, 1995: 56, 57), que foi suspensa por seis meses, “para que o prefeito pudesse legislar por decretos e realizar operações de crédito à sua revelia” (BENCHIMOL, 2010: 188).

Em 1906 foram 1681 habitações derrubadas e vinte mil pessoas obrigadas a procurar nova moradia no espaço de vinte anos (ROCHA, 1995: 69). Os dois principais aspectos da reforma urbana de Pereira Passos eram, de acordo com Rocha (1995: 57), a especulação imobiliária e a melhoria nos meios de comunicação. Para Rabha, a reforma foi situada em um viés elitista, “restrita ao centro, consolidando neste trecho uma cidade afrancesada, seguindo padrões construtivos e costumes civilizados. Ficavam de fora deste contexto os subúrbios e os bairros distantes, as favelas (...)” (200: 216).

As favelas surgem na cidade do Rio de Janeiro na década de 1880, com a expansão imobiliária pressionando a saída dos moradores pobres do Centro e da Zona Sul⁴⁹ (OLIVEIRA, 2008: 6-8). Enquanto a população pertencente às camadas altas e médias pôde ter acesso aos empreendimentos imobiliários que se desenvolviam nas áreas nobres, a população despejada das habitações coletivas demolidas, como os cortiços, foi parcialmente deslocada para os subúrbios, nos extremos das Zonas Oeste e Norte, cujo acesso estava em ampliação desde a década de 1880 com a expansão da malha ferroviária. Além de impor a “periferização”, as políticas de despejo intensificaram o fenômeno da “favelização”, pois não raro as condições para sobrevivência tornavam imprescindível a moradia nas áreas centrais da cidade (OLIVEIRA, 2008: 6-8).

Vale ressaltar que é nesse processo que o termo favela é generalizado para designar conjuntos de habitações precárias, sendo apropriado a partir da denominação do Morro da Favela, atual Morro da Providência, situado na Região Portuária, entre os bairros Santo Cristo e Gamboa⁵⁰. Na primeira

⁴⁹ Situação que é trabalhada mais profundamente no capítulo 2.

⁵⁰ Em 1897, o morro abrigou soldados que voltavam da Guerra de Canudos, durante a qual ocuparam uma colina chamada “favela”, sendo o termo já anteriormente usado para designar uma planta do sertão nordestino (VALLADARES, 2005: 3).

metade do século XX, durante a gestão de Pereira Passos, a ocupação do Morro da Favela foi impulsionada pela transferência da população que residia na área central e que não foi ou não quis ser removida para as periferias, passando a habitar os morros e outras áreas desvalorizadas do centro.

A imagem de Pereira Passos configura-se, assim, de forma polêmica, com a qual o prefeito Eduardo Paes joga com cautela. Em razão das controvérsias sobre as remoções que são atualmente uma das marcas negativas da gestão de Eduardo Paes, o mesmo buscou afastar a associação direta com Pereira Passos. Foram suas palavras no dia da apresentação da primeira fase do projeto Porto Maravilha: “Fiz questão de inaugurar as obras do cais e do Jardim do Valongo, para destacar essa diferença, valorizar a história da população local que ali está e ali chegou. Queremos muita gente morando na Região Portuária”⁵¹.

Estabelece-se uma diferença discursiva de Eduardo Paes frente a Pereira Passos. Enquanto este é visto como o responsável pela reforma que levou às primeiras favelas e à precariedade desses locais, Paes tenta enfatizar retoricamente a presença da população na Região Portuária para distanciar-se da parte negativa de sua associação com o prefeito do início do século XX. Eduardo Paes enfatiza a ligação simbólica a outro ex-prefeito, para compensar o lado controverso da herança de Passos, afirmando que gostaria de ser lembrado como:

Um urbanista à la Pereira Passos com um coração à lá Pedro Ernesto [que promoveu melhorias nas áreas da educação e da saúde]. Sob o ponto de vista da modernização da cidade, de grandes intervenções que possam melhorar e recuperar o Rio, acho que tem muita coisa acontecendo como aconteceu no governo Passos⁵².

⁵¹ “Em campanha, Paes tenta vincular sua imagem às transformações feitas por Pereira Passos”. 9.07.2012. O Globo, Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/em-campanha-paes-tenta-vincular-sua-imagem-as-transformacoes-feitas-por-pereira-passos-5433676#ixzz211iWMjwJ>. Último acesso em 26.07.2013.

⁵² “Em campanha, Paes tenta vincular sua imagem às transformações feitas por Pereira Passos”. 09.07.2012. O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/em-campanha-paes-tenta-vincular-sua-imagem-as-transformacoes-feitas-por-pereira-passos-5433676#ixzz211iWMjwJ>. Último acesso em 26.07.2013.

Apesar de tudo, as remoções são um ponto em comum entre as gestões, ainda que consideradas as proporções bem menores da situação contemporânea⁵³. Segundo o dossiê *Megaeventos e violações de Direitos Humanos no Rio de Janeiro*, lançado em 2012 pelo Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro⁵⁴, o quadro síntese até 2011 das famílias removidas ou ameaçadas é de 1860 removidas e 5325 ameaçadas, num total de 7185 famílias alvo das políticas de remoção. Destes números, correspondem ao projeto Porto Maravilha como justificativa 35 famílias removidas e 1415 famílias ameaçadas, somando 1450 famílias, as quais estavam ou estão residindo nos seguintes locais: Ocupação Machado de Assis, Ocupação Flor do Asfalto, Rua do Livramento e Adjacências, Ocupação Boa Vista e Morro da Providência⁵⁵ (COMITÊ POPULAR DA COPA E OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO, 2012: 16,17).

O Porto Maravilha traz consigo um grande debate sobre os limites do projeto e suas justificativas⁵⁶. A Região Portuária, como lócus de sua

⁵³ Sobre remoções de favelas do Rio de Janeiro no ano de 2010: Gonçalves, S., 2012. Sobre ocupações no centro do Rio de Janeiro: Oliveira, 2008, 2009.

⁵⁴ Endereço eletrônico: <http://comitepopulario.wordpress.com/>. Último acesso em 05. 06. 2013.

⁵⁵ Mais informações sobre remoções na Região Portuária, sobretudo no Morro da Conceição, podem ser lidas na dissertação de Freire. Segundo o autor: “As partes desertas e exangues existentes nos bairros portuários foram criadas, principalmente, por projetos de renovação urbana desenvolvidos pelo próprio Estado. A Avenida Rodrigues Alves, construída para abrigar o porto da cidade, é um exemplo desse processo. Apesar da sua extensa área, são poucos os edifícios utilizados para habitação, sendo a maior parte fruto da ação de famílias sem-teto” (FREIRE, 2011: 164).

⁵⁶ “Os descontentes do porto”. 01/2013. Revista Piauí. Ed. 76. Disponível (parcialmente) em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-76/questoes-de-politica-urbana/os-descontentes-doporto>. “Audiência discute projeto de revitalização da área portuária do Rio”. 31.08.2011. Agência Câmara de Notícias (Câmara dos Deputados RJ). Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/CIDADES/201824AUDIENCIA-DISCUITEPROJET-O-DE-REVITALIZACAO-DA-AREA-PORTUARIA-DO-RIO.html>. “Ocupação Flor do Asfalto resiste e persiste contra o despejo”. 20.06.2011. Correio do Brasil. Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/ocupacao-flor-do-asfalto-resiste-e-persiste-contr-o-despejo/256612/>. “Moradores de comunidades afetadas pelas obras da Copa e Olimpíada no Rio criticam remoções arbitrárias”. 29.07.2011. R7, Record. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/moradores-de-comunidades-afetadas-pelas-obras-da-copa-e-olimpiadas-no-rio-criticam-remocoes-arbitrarias-20110729.html>. “Desocupação compulsória também no Rio”. 24.01.2012. Outras Palavras. Disponível em: <http://ponto.outraspalavras.net/2012/01/24/desocupacao-compulsoria-nao-e-exclusividade-da-comunidade-pinheirinho/>. “Dossiê aponta

implantação, tornou-se uma área de forte visibilidade, tanto na imprensa e nos discursos públicos quanto nos movimentos sociais e nos grupos artísticos. Há elementos novos nas articulações urbanas que, apesar de controversos, estão sendo implantados. O projeto levanta polêmicas e, de forma simultânea, mobiliza reflexões sobre a cidade em direção ao porto. Um sinalizador desse “excesso de visibilidade” (CORDEIRO, COSTA, 199: 61)⁵⁷ é o número expressivo de pesquisas acadêmicas atuais ou recém finalizadas sobre a Região Portuária⁵⁸. No contexto de pesquisa sobre o bairro da Lapa, também

violações na área do porto do Rio de Janeiro”. 10.07.2011. Correio do Brasil. Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/rj-dossie-aponta-violacoes-na-area-do-porto/266966/>. “Exposição e seminário discutem futuro da Região Portuária”. 23.11.2011. Jornal do Brasil. Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2011/11/23/exposicao-e-seminario-discutem-futuro-da-regiao-portuaria/>. “Comunidades denunciam violação de direitos em obras dos megaeventos”. 12.07.2011. Correio do Brasil. Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/comunidades-denunciam-violacao-de-direitos-em-obras-dos-megaeventos-esportivos/267635/>. “Remoção de famílias para obras da Copa e das Olimpíadas gera polêmica”. 20.08.2011. G1, Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/remocao-de-familias-para-obras-da-copa-e-das-olimpiadas-gera-polemica.html>. “Sem-teto invadem prédio na Lapa e dizem que não saem nem por indenização de R\$ 20 mil”. 14.12.2010. Jornal do Brasil. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2010/12/14/sem-teto-invadem-predio-na-lapa-e-dizem-que-nao-saem-nem-por-indenizacao-de-r-20-mil/>. “O porto tem que ser maravilhoso para todos”. 02.07.2012. O Dia. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/o-porto-tem-que-ser-maravilhoso-para-todos-1.458078>. Últimos acessos em 26.07.2013.

⁵⁷ Expressão utilizada em pesquisa sobre o bairro de Alfama, cidade de Lisboa, Portugal, em contraponto com o bairro da Bica, na mesma cidade.

⁵⁸ Pode-se mencionar os seguintes trabalhos de: Letícia de Carvalho Giannella, doutoranda em Geografia pela UFF com o título “Zona Portuária do Rio de Janeiro: propostas, concepções e embates” (desde 2011); Elaine Freitas de Oliveira, mestre em Políticas Públicas pela UERJ com o título “Revitalização dos centros urbanos: a luta pelo direito à cidade” (2009); Matheus da Silveira Grandi, doutorando em Geografia pela UFRJ com o título “Fluxos escalares de opressão e insurgência: A política de escalas e sua construção social no movimento dos sem-teto carioca” (desde 2011); Flávia Carolina da Costa, doutoranda em Antropologia pela UFSC com o título “Nas tramas da revitalização: associativismos e movimentos na zona portuária do Rio de Janeiro” (desde 2010), ainda com mestrado na mesma instituição, intitulado “Morro da Conceição: uma etnografia da sociabilidade e do conflito numa metrópole brasileira” (2010); Jérôme Souty, pós-doutorando em Ciências Sociais pela UERJ com o título “Da Pequena África ao Porto Maravilha. Transformações culturais e sociais no processo de revitalização da zona portuária carioca” (desde 2010); Marcela Montalvão, doutoranda em Psicologia pela UFRJ com o título “Configurações Urbanas e Processos de Subjetivação: Estudo sobre a constituição histórico-política da região do Porto do Rio de Janeiro” (desde 2011); Pedro Guilherme Freire, com dissertação em Antropologia pela UFF de título “Porto dos desterrados: Morte e vida de uma habitação coletiva na área portuária do Rio” (2011); Simone Vassallo, antropóloga professora da UCAM, com projeto de pesquisa “Memórias em conflito: a trajetória

localizado na área central do Rio de Janeiro, Fazzioni ressalta a necessidade de assumir essa visibilidade “de um local intensamente estudado, visitado, narrado e representado” (2012: 22).

Para além dos meios acadêmicos, os discursos externos sobre a Região Portuária produziam, especialmente em período de início da implantação do Porto Maravilha, uma imagem de espaço estéril⁵⁹. As novas configurações vão “colorindo” o cenário, mas apenas quando se aborda as possibilidades do que é recente e feito na expectativa do futuro. Nas representações do passado recai o estigma de uma ausência de vida interessante às intervenções. A Região Portuária é comumente retratada pela imprensa⁶⁰ e pelos relatórios do

do Instituto dos Pretos Novos e as dinâmicas de patrimonialização na Zona Portuária do Rio de Janeiro” (desde 2010); Heitor Vianna Moura, mestrando em Sociologia pela USP com o título “‘Projeto Porto Maravilha’: o hiato entre a cidade projetada e a cidade praticada” (desde 2013); Rolf Malungo de Souza, que desenvolve desde 2012 pós-doutorado em Antropologia na UFF com título “Porto novo e a Caixa de Pandora”; Sabrina Parracho Sant’Anna, doutora em Sociologia e professora de Ciências Sociais na UFRJ, com projeto de pesquisa “Do Guggenheim ao Museu do Amanhã: o processo de musealização e o novo horizonte de expectativas nas intervenções urbanísticas da Zona Portuária do Rio de Janeiro” (desde 2011); Renato Cosentino Vianna Guimarães, especializando em Política e Planejamento Urbano pela UFRJ (desde 2011), que apresentou o trabalho “Porto Maravilha, CEPACS, e a segregação no Rio de Janeiro” na XVIII Semana IPPUR/UFRJ, em 2012. Quase a totalidade das pesquisas são contemporâneas e por isso nem todas já tiveram algum material publicado. Isto posto, não foi possível verificar a especificidade desta dissertação frente aos demais trabalhos. As pesquisas publicadas com que tive contato foram utilizadas como referência ao longo da dissertação e estão listadas na bibliografia.

⁵⁹ Não se exclui a presença do discurso de degradação em alguns trabalhos acadêmicos, como ENDERS (2002: 1-2), sobre a chegada no aeroporto internacional do Rio de Janeiro: “Ao longe se vêem os cartões-postais familiares, a maciça bonomia do Pão de Açúcar, a estátua do Cristo coroadando a insolente eminência do Corcovado, as favelas. Outros espetáculos chamam a atenção: as áreas militares do Galeão, a superfície enegrecida e nauseabunda das águas que contornam o fundo da baía, a monstruosa cidade universitária relegada à ilha do Fundão, os conjuntos de casas populares **e as instalações portuárias degradadas. O deslumbramento fica para mais tarde**” (grifos meus).

⁶⁰ “Rio 2016: bons ventos que sopram com os Jogos são esperança de tirar do papel planos antigos e revitalizar a Zona Portuária”. 27.11.2010. O Globo, Globo. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2010/11/26/rio-2016-bons-ventos-que-sopram-com-os-jogos-sao-esperanca-de-tirar-do-papel-planos-antigos-revitalizar-zona-portuaria923118456.asp>. “Paes assina contrato para recuperação da zona portuária do Rio”. 27.11.2010. G1, Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/12/paesassina-contrato-para-recuperacao-da-zona-portuaria-do-rio.html>. “Rio, um porto para o futuro”. 30.03.2011. O Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,rio-um-porto-para-o-futuro,699114,0.htm>. “Prefeitura firma acordo com empresa privada para revitalizar o Porto

Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos⁶¹ (IPP) como área degradada cujo imobiliário urbano não foi renovado, favorecendo o aumento dos domicílios vagos e da habitação de população com baixo poder aquisitivo.

Antes de confrontar esses discursos com o perfil censitário da Região Portuária, analisarei dois conceitos que são incorporados ao presente repertório de abordagens sobre o Porto Maravilha. Definir de que espaço e de que lugar estou escrevendo quando incorporo essas palavras no texto da pesquisa é fundamental para conceder força de conceito aos termos e delimitar as potencialidades de seu uso.

Lugar e espaço

Os conceitos de espaço e de lugar não constituem a cidade apenas fisicamente, mas por meios simbólicos e relacionais, como já foi pensado pela tradição das Ciências Sociais na área de estudos urbanos. Autor clássico das teorias urbanas, De Certeau (1990: 169-220) entende o espaço com base nas suas narrativas, as quais o decodificam. A cidade se converte em texto urbano e pode, deste modo, ser lida a partir de suas narrativas. O espaço de De Certeau situa-se no plano da imprevisibilidade, da construção cotidiana: “A rua geometricamente definida por um urbanismo, é transformada em espaço pelos pedestres” (DE CERTEAU, 1990: 201). Diferentemente do espaço, o lugar de De Certeau (1990: 201) está mais no plano normativo, refletindo a coesão entre

do Rio”. 26.11.2010. Globo Esporte (Globo). Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2010/11/prefeitura-firma-acordo-com-empresa-privada-para-revitalizar-o-porto-do-rio.html>. “Rio de Janeiro comemora 446 anos de conquistas, mas ainda falta muito para se tornar ‘a cidade maravilhosa’”. 01.03.2011. R7, Record. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/rio-de-janeiro-comemora-446-anos-de-conquistas-mas-ainda-falta-muito-para-se-tornar-a-cidade-maravilhosa-20110301.html>. “Voltamos os olhos para o centro do Rio de Janeiro”. 09.01.2012. Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/19113-voltamos-os-olhos-para-o-centro-do-rio-de-janeiro.shtml>. “Para quem busca charme e requinte”. 30.09.2012. O Globo, Globo. Rio imóveis e oportunidades. “Paes assina contrato para recuperação da zona portuária do Rio”. 27.12.2010. G1, Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/12/paes-assina-contrato-para-recuperacao-da-zona-portuaria-do-rio.html>. “Porto Maravilha e também bilionário”. 28.12.2010. Band, Bandeirantes. Disponível em: <http://www.band.com.br/noticias/economia/noticia/?id=100000383220>. “Uma cidade em transformação. 30.09.2012. O Globo, Globo. Rio imóveis e oportunidades. p. 1. Últimos acessos em 26.07.2013. Outros exemplos nas referências do material de imprensa.

⁶¹ Especialmente no relatório da Macrofunção Habitar o Centro (2003).

função e o uso. Pode-se considerar, nessa visão, o espaço como o lugar subvertido pelas dinâmicas do dia a dia da vida urbana.

Leite (2007:35) analisa casos brasileiros⁶² contemporâneos à luz dos termos de lugar e espaço. Com alusão a De Certeau, o autor afirma que o espaço é um “lugar praticado” que congrega movimento, tempo e trajetória (2007: 35). Desta forma, Leite corrobora com as interpretações de De Certeau ao considerar o lugar como aquele dotado de fronteiras mais padronizadas (2007:35). O lugar, em comparação ao espaço, é, portanto, menos passível de generalização, sendo sua forma estriada. Contudo, Leite ressalta que há margens para contingências, havendo mesclas entre as qualidades dos conceitos: “não significa necessariamente atribuir rígidas fronteiras ao primeiro e reservar ao segundo a dinâmica da mudança histórica” (LEITE, 2007: 35).

Assim como Leite, Arantes (2009) pesquisa casos brasileiros⁶³ trabalhando com esses conceitos. O autor utiliza um exemplo concreto para demonstrar como o conceito de lugar deduz o de espaço, mas não se funde completamente a ele:

Por exemplo, um templo: considere-se primeiro a edificação. Se ela for usada continuamente para as atividades religiosas para as quais aquele espaço foi concebido, o lugar religioso se realiza e se renova constantemente. Em outras palavras, o lugar religioso se concretiza no espaço edificado da igreja ou do terreiro. Mas também pode-se considerar um templo que se transformou em centro cultural, ou em museu. O espaço da edificação está lá, mas o sentido do lugar, a forma social de apropriação daquele espaço já é outra, não tem a ver com o sentido original (ARANTES, 2009: sem paginação)

Outro autor clássico dos estudos urbanos, Augé (1992: 51), que dialoga com De Certeau, concebe o conceito de lugar antropológico como uma construção concreta e simbólica do espaço. O lugar antropológico emerge de uma tradição antropológica ancorada na ideia de totalidade, conjugando o

⁶² Com pesquisas nas cidades de Recife, Salvador e Fortaleza.

⁶³ Sobretudo relacionados a processos de patrimonialização.

encontro do antropólogo com as pessoas pesquisadas e o próprio lugar desses nativos, onde residem e marcam suas fronteiras. O lugar antropológico não poderia por si só possibilitar as vicissitudes e contradições da vida social, mas serve como uma referência para todos a quem o lugar antropológico atribui uma posição social (AUGÉ, 1992: 51). O lugar antropológico é um princípio de sentido para as pessoas que nele vivem, bem como uma fonte de inteligibilidade para quem o observa e tenta compreendê-lo (AUGÉ, 1992: 52).

Tanto Leite (2007: 285) quanto Menezes (2000: 157), autora portuguesa contemporânea⁶⁴, compartilham a ideia de que a noção contemporânea de lugar difere da clássica noção de lugar antropológico dos trabalhos de Augé, que estabeleceria uma interpretação do lugar como algo mais perdurável e inflexível (LEITE, 2007: 285). No entanto, o próprio Augé considera que o status intelectual do lugar antropológico é ambíguo, variando de acordo o ponto de vista individual e a posição que as pessoas estabelecem na sociedade (AUGÉ, 1992: 56).

Um conceito de Augé (1992: 75-115) interessante para pensar os limites dos lugares é o de não-lugar, que emerge da contração das relações globais, com as consequentes mudanças de escala propiciadas por esse encolhimento das distâncias de um ponto a outro do planeta. O não-lugar se caracteriza por ser passageiro nas experiências individuais, ocorrendo nele a circulação de bens e pessoas – como exemplo de não-lugares há as vias rodoviárias expressas, aeroportos, estações de trem e metrô, campos de refugiados e salas de espera (AUGÉ, 1992: 75-115). O não-lugar, desta forma, está em oposição ao lugar antropológico, sendo transitório e não relacional. A efemeridade dos não-lugares dá-se por marcas da contemporaneidade, como a individualização das referências e a profusão espacial (AUGÉ, 1992: 75-115). Na interpretação de Agier, os não-lugares estão relacionados à “difusão dos espaços de circulação e consumo de massa, compatíveis com um certo anonimato” (2010: 172).

Leite (2007: 284-288) pensa na coletivização dos sentidos, com sua convergência, como substancial para a formação de um lugar e a sua caracterização como um espaço de representação. Agier igualmente

⁶⁴ Com pesquisas desenvolvidas sobre dois bairros de Lisboa, a Madragoa e o Casal Ventoso.

assemelha o conceito de lugar ao âmbito do não material: “O sentido do lugar é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica e social da qual é o seu suporte” (2011: 114). A convergência simbólica não significa que haja consensos, pelo contrário, os conflitos fazem parte da construção das fronteiras dos lugares, porém sempre há na consonância as possibilidades de entendimento (LEITE, 2007: 284, 285). As convergências e, por consequência, as fronteiras dos lugares são, desta forma, resultado de experiências compartilhadas, sendo agenciadas e negociadas (LEITE, 2007: 286).

O caráter simbólico é também associado ao entendimento e à instrumentalização na concepção de Menezes (2000: 157). Para a autora, as propriedades do lugar são articuladas por processos de cognição, direção e simbolização (2000, 157), compreendendo o lugar como a feição com a qual o espaço ganha visibilidade e objetividade (MENEZES, 2000: 172). Além da confluência de significados e suas combinações, outro traço importante sobre os limites dos lugares é a diferença que essas marcações engendram: “representações que demarcam diferenças traduzem-se em usos concretos do espaço, em práticas sociais específicas” (LEITE, 2007: 294). Menezes também pensa na condição essencialmente mutável do espaço:

O espaço - aqui entendido como o mundo habitado - é um espaço de produção, reprodução e desenvolvimento das sociedades, apresentando-se como um espaço em contínua transformação, quer do ponto de vista dos processos socioculturais, quer da reflexão que sobre ele se faz (MENEZES, 2000: 163).

No ensaio “Efeitos de lugar”, Bourdieu (1993a: 159-166), outro autor clássico, elabora uma análise sobre a noção de lugar por meio das relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico. Em sintonia com as ideias sobre lugar apresentadas, como seu modo de tornar palpável uma noção de espaço mais geral e sua agência nas demarcações de diferença, Bourdieu pondera em *Meditações Pascalianas*: “não existe ninguém que não seja caracterizado pelo lugar em que está situado de maneira mais ou menos permanente” (1997: 165).

O espaço assume um papel central por ser considerado por Bourdieu (1993a: 159-166) como um dos lugares de afirmação e exercício do poder sob a forma mais sutil da violência simbólica, praticamente despercebida. Isso ocorre, por exemplo, no impacto subjetivo que a opulência de certos espaços arquitetônicos pode constranger ao corpo⁶⁵. Para diferenciar o lugar e sua relação com os tipos de espaço, Bourdieu (1993a: 159-166) pontua que os seres humanos, considerados como corpos, estão, assim como as coisas, situados em um lugar e ocupam um espaço. O espaço equivalente ao lugar é o espaço físico, onde as coisas e os agentes se situam. Ao contrário do espaço físico, o espaço social não se vincula diretamente à realidade empírica. O espaço físico é delimitado “pela exterioridade recíproca das posições” (BOURDIEU, 1997: 164), enquanto “o espaço social é definido pela exclusão mútua, ou pela distinção, das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições” (BOURDIEU, 1997: 164).

Uma congregação das estruturas espaciais e as estruturas mentais é o que forma o espaço social, unindo a realidade empírica ao imaginário social. O espaço social torna-se manifesto em oposições espaciais e os agentes sociais são constituídos como tais em relação com e pelo espaço social, inclusive na sua apropriação como propriedade, relação fundamental no exercício do poder através do espaço (1993a: 159-166). A busca de Bourdieu pela construção de uma teoria do espaço social implica não apenas uma ruptura com o estruturalismo, como também uma ruptura com aspectos da teoria marxista que tendem potencialmente ao privilégio das substâncias em detrimento das relações (BOURDIEU, 1989: 133). Para a análise do espaço, não é suficiente a observação do que o constitui, mas como essa constituição é feita pelos agentes sociais e constantemente se atualiza por meio de suas relações.

O espaço social de Bourdieu, portanto, não é pensado somente em termos abstratos. Deve-se perceber como este se retraduz no espaço físico. Essa retradução não é estabelecida de forma direta, como em um espelho. O espaço social é retraduzido no espaço físico de forma dispersa e um tanto confusa (BOURDIEU, 1993a: 251, 252), mais por influência do que por sobreposição. A posição de um agente no espaço social se revela no lugar do

⁶⁵ Consideração esta muito inspiradora para a análise das imagens de perspectiva das novas edificações em construção na Região Portuária do Rio de Janeiro, como é feito no capítulo 3.

espaço físico onde está situado. A escolha do bairro onde se mora, por exemplo, não é feita somente pelos aspectos estruturais e aparência física, mas também, e talvez sobretudo, pelo estilo de vida, comumente associado ao lugar, com todos seus simbolismos, o que é uma clara evidência dessa correlação entre a posição do agente no espaço social e a posição no espaço físico.

Desta forma, o espaço social de Bourdieu é concebido como um potencial lócus de interação. É um espaço que, apesar de ser multidimensional e relativamente aberto às iniciativas autônomas, requer para seu funcionamento a subordinação às suas dinâmicas (BOURDIEU, 1989: 153). As disputas para apropriação do espaço são, por essa coerção e as dificuldades de manejo, envolvidas por tensões (BOURDIEU, 1993a, 252). Como o espaço social é um campo para exercício do poder, sua apropriação está distante de ser um registro banal.

Centro em outros tempos

Definidos os conceitos de lugar e de espaço, que serão trabalhados à luz do campo ao longo do texto, situo também de onde partem minhas referências para pensar aspectos das trajetórias do urbano. A seguir apresento o perfil da Região Portuária para em sequência contextualizá-la temporalmente, inserindo as dinâmicas do projeto Porto Maravilha num plano mais amplo da cidade do Rio de Janeiro.

O perfil dos domicílios da cidade traçado a partir da análise do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000, época em que começaram a ser elaborados os planos recentes de intervenção na Região Portuária, ratifica uma visão de abandono enfatizada pela imprensa, como já mencionado. De acordo com Sigaud (2007: 4-14), a Região Portuária possui a quinta, entre 33 regiões administrativas, maior proporção de unidades desocupadas (15%) e a quarta maior proporção de domicílios improvisados (0,8%), ou seja, os que são localizados em unidade não-residencial e não

possuem dependências destinadas exclusivamente à moradia⁶⁶. Ademais, figura como a terceira região com maior déficit de crescimento do Censo de 1991 para o de 2000 (- 6,4%) e está na nona posição na lista do rendimento médio *per capita* com o valor de R\$ 329, o que corresponde a menos da metade do rendimento médio *per capita* de toda a cidade, este equivalente a R\$ 754.

Segundo relatório da Habitar o Centro, macrofunção da prefeitura do Rio de Janeiro com o objetivo de coordenar os órgãos municipais relacionados à promoção do uso habitacional na área central da cidade, a mesma apresenta boas oportunidades de produção de habitações para faixas de renda média e média baixa (2003: 7-9). Ignora-se, portanto, a população local de baixa renda residente em situações precárias, como em ocupações e outras formas de domicílios improvisados. A existência dessas formas de moradia e das características socioeconômicas da população é, de toda forma, reconhecida pelo relatório: “Existência, em geral, de uma população de baixo poder aquisitivo, vivendo em cortiços, sem recursos para conservar os prédios e muitas vezes em situação de conflito com os proprietários” (2003: 11). No entanto, ao invés de tratar a precariedade dessas moradias e a situação de seus habitantes como uma questão prioritária nas medidas urbanísticas, considera-se a desocupação como um problema passível de interferir nos trabalhos dos funcionários da Secretaria Municipal de Urbanismo que trabalham no processo de reabilitação:

... os profissionais envolvidos com a cidade continuam encontrando problemas em propor soluções que respeitem o patrimônio cultural sem promover problemas sociais. O mais sério é, quase sempre, o da expulsão da população pobre que

⁶⁶ “(...) após a segunda metade do século XX, os centros perderam importância em relação aos novos vetores de expansão urbana. A fuga de moradores, empresas, profissionais liberais, entre outros deixou nas áreas centrais um rastro de edificações vazias e subutilizadas. No Brasil, na Cidade do Rio de Janeiro, este fato foi destacado pela primeira vez na década de 1960 nos trabalhos dos geógrafos Haidane Duarte, Aluisio Duarte (VILLAÇA, 1998, p. 276) e Maria Theresinha Soares (1968)” (SAMPAIO, 2007: 106).

invadiu os antigos sobrados... (MACROFUNÇÃO HABITAR O CENTRO, 2003: 11).

O relatório da Macrofunção chega a solicitar à Caixa Econômica Federal novas linhas de financiamento para a população com renda de um a três salários mínimos para o pagamento de aluguel social. Não é elaborado, contudo, um plano de habitação amplo e específico para a população com a faixa de renda até três salários mínimos, que, segundo sistematização censitária do IBGE elaborada em 2000 – época em que começam a ser pensados os planos urbanísticos que originam o projeto Porto Maravilha – variava entre 28,78% e 66,39% do total da população dos bairros do Centro, numa média aproximada de 46,19% (OLIVEIRA, 2008: 6).

Na Região Portuária, o percentual de residentes na faixa de renda de até três salários mínimos oscila, entre os quatro bairros que a integram, de 46,31% a 61,88%, sendo a média correspondente a 42,29% da população. Entretanto, apesar da média ser um pouco menor, é a que possui os menores rendimentos médios dentre as demais regiões administrativas do Centro: renda média domiciliar *per capita* do décimo mais rico de R\$ 973,30 e renda média domiciliar *per capita* do primeiro quinto mais pobre de R\$ 56,33 (OLIVEIRA, 2008: 6).

Apesar de novos empreendimentos imobiliários também possibilitarem a chance de garantia de residência a quem recebe até três salários mínimos, como o Programa Morando no Centro, são poucas, comparadas à população, as unidades habitacionais finalizadas. No Morando no Centro, são cinco empreendimentos recentes finalizados, todos comercializados em 2007 (João Homem, Joaquim Silva, Laurinda, André Luiz e João Caetano), que somam apenas 47 unidades habitacionais. Os candidatos a beneficiários tiveram que comprovar rendimentos de R\$ 900 a R\$ 1.200 para os imóveis avaliados em até 34 mil reais e de R\$ 1.200 a R\$ 1.800 para imóveis no valor de até 40 mil reais (OLIVEIRA, 2008: 8).

A possibilidade de adquirir um imóvel com as rendas de até dois e de dois a cinco salários mínimos é raríssima, de acordo com a pesquisa “Mobilidade Residencial na Cidade do Rio de Janeiro” elaborada por Abramo (2003), pesquisador do IPPUR/UFRJ em convênio com o Instituto Municipal de

Urbanismo Pereira Passos (IPP). São poucos os casos na cidade de adquirentes com renda familiar de até dois salários mínimos, os quais ocorreram apenas nos bairros Brás de Pina, Coelho Neto, Cordovil, Pilares, localizados na Zona Norte, e Bangu, na Zona Oeste. Na faixa seguinte, de dois a cinco salários mínimos, a porcentagem na área de planejamento central centro não é nula, mas chega aos 3,33%, somente – considerando a renda de sua população e o fato de que 64,41% dos adquirentes que se mudam de seu imóvel no Centro vão residir em outro imóvel na mesma área (ABRAMO, 2003: 10-12, 18).

O desincentivo ao uso habitacional do centro (OLIVEIRA, 2009: 35), atualmente em reversão, não é uma característica recente⁶⁷ Antes de apresentar as confluências que formaram o que a Região Portuária expressa hoje, ressalto que não se pretende fazer uma leitura de trás pra frente, desconsiderando as particularidades do passado, e tampouco há a perspectiva de busca por uma gênese ou uma linearidade histórica. Considero interessante pensar em temporalidades, no sentido que o tempo, assim como o espaço, não significa por si mesmo, somente existindo quando há alguma entidade da vida social operando em algum sentido nos termos temporais (URRY, 1985: 24):

(...) deve-se evitar o tratamento do “tempo” como o seu próprio produtor – como se a produção de efeitos fosse uma simples consequência de sua passagem ou de seu “fluxo”. Não existe uma seta do tempo como se houvesse algo de concreto que possa por si mesmo fluir ou voar ou cair ou passar por nós [tradução livre]⁶⁸ (URRY, 1985: 25).

⁶⁷ O desincentivo pode ser localizado no início do século XX, com a retirada de parte da população pobre que residia o Centro: “A cidade do Rio de Janeiro experimenta esta mobilização pelo direito à habitação inscrita desde os princípios do século XX, quando a então capital da República presencia a demolição dos cortiços e o simultâneo recrudescimento das favelas, principalmente na área central” (OLIVEIRA, 2009: 35) – ao longo do capítulo essas dinâmicas ficam mais evidentes. Corroboram também com o desincentivo as restrições às construções habitacionais para o foco no uso do solo para as atividades de negócios – processo que é analisado no capítulo 2.

⁶⁸ Trecho original da citação: “(...) we should avoid treating “time” as itself productive - as producing effects as a simple consequence of its passage or of its “flowing”. There is no arrow of the time as though there were something concrete which could itself flow or fly or fall or pass us by” (URRY, 1985: 25).

Retomo, após essas considerações necessárias sobre o tempo, o enfoque nos usos do centro. É na gestão do prefeito Pereira Passos que se marca a trajetória da diminuição do uso habitacional do centro do Rio de Janeiro, e que atualmente se busca reverter com a atração de uma população residente mais enriquecida. Durante o período em que Pereira Passos esteve no poder, diversos projetos de renovação urbana foram implantados para consolidar o centro como núcleo financeiro e de decisões da cidade, como a demolição de cortiços e de ruas, o que provocou a saída em larga escala da população com menor poder aquisitivo (ABREU, 1987: 71-91; SAMPAIO, 2007: 111-113; OLIVEIRA, 2009: 56-60):

A renovação urbana negligencia – como, a seu tempo, a haussmannização parisiense – a questão do alojamento social. Trata-se de uma cidade destinada a uma elite, européia por suas origens, seu modo de vida e suas aspirações” (ENDERS, 2002: 215).

Apesar de se intensificar na gestão de Pereira Passos, a proliferação de cortiços no centro⁶⁹ já preocupava os prefeitos de mandatos anteriores, que combatiam esses tipos de habitação⁷⁰ a partir, sobretudo, de um discurso sanitarista⁷¹, ou seja, ancorado em práticas de higiene em prol da saúde: “O discurso higienista não hesitou em apontar as formas populares de moradia

⁶⁹ “Em 1888, as autoridades municipais contam 1331 cortiços, que pululam sobretudo nos arredores da Cidade Velha (paróquias da Candelária, de São José, Santa Rita, Sacramento, Glória) e da Cidade Nova (Santana, Santo Antônio, Espírito Santo), urbanizadas no início do século XIX.” (ENDERS, 2002: 202).

⁷⁰ “Do decreto n. 224 de 20 de abril de 1896 ao decreto n. 391 de 10 de fevereiro de 1903, o poder executivo promoveu medidas que colocaram na ilegalidade as habitações coletivas nas quais residiam trabalhadores e demais pobres, em busca das oportunidades de acesso a bens e serviços concentrados na área central. Não seria mais permitido construir estalagens e cortiços, nem tampouco reformar as já existentes” (OLIVEIRA, 2009: 58).

⁷¹ Trata-se, desta forma, de um processo de identificação da precariedade habitacional com a marginalidade social (VALLADARES, 1982). Com essa associação, “o bairro segregado não é apenas um lugar no espaço da cidade, mas é o próprio grupo social que o ocupa e com ele se identifica” (ROLNIK, 1988: 79).

localizadas no centro da cidade como a principal fonte de diversas doenças que assolavam a cidade na época” (MALLMANN, 2010: 109).

O primeiro plano urbanístico que pretende tratar o Rio de Janeiro de forma integral é o Rohan, elaborado pelo engenheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, que ocupou, antes da submissão do plano, o cargo de diretor das Obras Públicas da Câmara Municipal (PEREIRA, 2010, 143; RABHA, 2010: 212). As proposições, reunidas em um relatório de 1843, apresentam, a partir das justificativas da salubridade e do embelezamento, a defesa da demolição de quase um terço da área urbanizada do Rio de Janeiro, manifestando “uma firme convicção quanto ao papel ativo e propositivo que as ‘elites’ técnicas devem ocupar no processo de modernização do país” (PEREIRA, 2010: 143). Apesar de nem todas suas indicações serem implantadas, o plano Rohan passou a orientar as ações da Câmara Municipal, inspirando dezenas de propostas para a cidade na segunda metade do século XIX (PEREIRA, 2010 143; RABHA, 2010: 213):

A velha higiene tinha como característica a desmedida ambição: cada doença que se propunha a vencer requeria batalhas num leque amplíssimo de frentes, contra as forças da natureza, a topografia das cidades, os mais variados componentes da vida urbana (BENCHIMOL, 2010: 192).

Em 1886 foram elaborados relatórios do Conselho Superior de Saúde Pública que consideravam os cortiços como higienicamente perigosos (ENDERS, 2002: 202; ABREU, 1987: 50-51)⁷²: “A crise da habitação vinha assim acompanhada, nas suas causas e nos seus sintomas, de uma não menos grave crise de teor sanitário” (O’DONNELL, 2013: 20). A medicina social teve um importante papel de legitimação do discurso higienista até o começo do século XX, impregnando o senso comum das elites e das camadas médias,

⁷² Assim escreveu Cintra (1978 *apud* ABREU, 1987: 50) sobre os relatórios de 1886 do Conselho Superior de Saúde Pública acerca dos cortiços: “todos deplorando as condições dos cortiços e concordando em que as habitações eram higienicamente perigosas e que os moradores deveriam ser removidos ‘para os arredores da cidade em pontos por onde passem trens e bondes’. Os relatórios pressionavam o governo a expropriar os cortiços, destruí-los e construir casas individuais para o pobre”.

“que nas décadas de 1870 e de 1880 já constituíam influente opinião pública, favorável a tudo que viesse transformar a capital do Império em uma metrópole salubre e moderna” (BENCHIMOL, 2010: 174).

Enquanto o ano de 1981 foi marcado por um violento surto de epidemias⁷³ (BOAVENTURA, 2011: 115), em 1893 a administração do prefeito Barata Ribeiro intensifica as remoções (ABREU, 1987: 50)⁷⁴. Embora houvesse a recomendação para a construção de moradias individuais voltadas aos moradores dos cortiços, sobreveio basicamente a desapropriação⁷⁵ (ABREU, 1987: 50). Uma das alternativas pensadas era a expansão das vilas operárias, cujas construções passaram a ser autorizadas em 1882, contemplando isenções de impostos e o uso de terrenos do Estado ou desapropriados de particulares:

No entanto, são poucos os exemplos de finalização de obras, além do alcance restrito em comparação com a demanda populacional por uma política de habitação popular. Demanda, esta, cujo quantitativo recrudescer após a gestão de Pereira Passos (OLIVEIRA, 2009: 58).

A gestão de Pereira Passos foi fortemente influenciada pelo pensamento do presidente que exerceu o cargo nos últimos anos anteriores à sua posse na Prefeitura. Em 1898, Campos Sales assume a presidência da República recém-instaurada no Brasil. A capital federal estava, contudo, aquém dos anseios das elites por modernização (BOAVENTURA, 2011: 116) O Rio de Janeiro, em comparação ao restante do país, era privilegiado, comportando as

⁷³ A taxa de mortalidade em tal ano foi de 52/1000 habitantes (BOAVENTURA, 2011:115).

⁷⁴ Dentre os cortiços removidos na gestão Barata Ribeiro está “o célebre Cabeça de Porco” (ABREU, 1987: 50). Destruído no dia 26 de janeiro de 1893, era o cortiço mais povoado do Rio de Janeiro: “O número exato de pessoas alojadas na centena de casebres agrupados atrás do portão ornado com uma cabeça de porco escapa aos observadores – os jornais de 1893 falam em dois mil (...)” (ENDERS, 2002: 202). Charge da época sobre o acontecimento (Revista Ilustrada n. 656, fevereiro de 1893) em Abreu (1987: 51).

⁷⁵ “Essa longa e não raro sangrenta batalha na administração municipal contra os cortiços do Rio tinha, de acordo com o historiador Sidney Chalhoub, uma dupla motivação: em primeiro lugar, o princípio de que a cidade deveria ser gerida por critérios técnicos e científicos e, em segundo, o processo de transformação, aos olhos das elites locais, das ‘classes pobres’ em ‘classes perigosas’” (O’DONNELL, 2013: 20).

sedes de diversas instituições, tais como o Banco do Brasil e a Bolsa de Valores (MALLMANN, 2010: 05). Ademais, era a cidade do país com o núcleo da maior rede ferroviária e a cidade brasileira de maior mercado consumidor e de maior mão de obra, possuindo na transição do século XIX para o XX, o terceiro maior porto em volume de comércio do continente americano (SEVCENKO, 1985, p. 27).

A aspiração das elites pela modernidade marca a época entre séculos no Rio de Janeiro pelo período que se inicia no governo de Campos Sales⁷⁶ e fica conhecido como a *Béle Époque*, “primeira realização do espírito autofágico que regeu a história moderna da cidade” (BENCHIMOL, 2010: 197). Nesse período ser moderno era estar no Rio de Janeiro, uma cidade em que se abriam novas possibilidades de sucesso (NEEDELL, 1987: 39; MALLMANN, 2010: 106):

A cultura da modernidade predominante na *Béle Époque* é eminentemente urbana, e a cidade é consolidadora, ou seja, ela própria torna-se tema e sujeito das manifestações culturais e artísticas. A cidade é o lugar da construção da modernidade, é a metrópole (...) (MALLMANN, 2010: 106).

Aos discursos de repressão fundamentados na higiene, presentes desde o século XIX, Pereira Passos somou a questão do embelezamento, priorizada na gestão de Campos Sales: “O discurso higienista somou-se aos argumentos de modernizar e civilizar a capital” (OLIVEIRA, 2009: 58). Desta forma, enfrentaram-se questões relacionadas “à salubridade e ao embelezamento” (PEREIRA, 2010: 154). Um dos maiores empreendimentos desse período foi a construção da Av. Central⁷⁷, no Centro da cidade, que passa a se chamar Av. Rio Branco em 1912 (ENDERS, 2002: 214). Mallmann destaca a obra como um

⁷⁶ A presidência de Campos Sales durou até 1902, quando assumiu o já mencionado Rodrigues Alves, na gestão de 1902 até 1906, período em que Pereira Passos foi prefeito.

⁷⁷ “As demolições começam em 29 de fevereiro de 1904, e desalojam cerca de vinte mil cariocas de seus sobrados, cortiços e pensões” (ENDERS, 2002: 214). “Milhares de pessoas ficaram desabrigadas e tiveram seu quadro cotidiano de existência pulverizado pelas obras, e pelas normas e proibições que foram concomitantemente instituídas. Segundo Reis, foram demolidos setecentos prédios. Eulália Lobo fala em 641 casas de comércio desapropriadas” (BENCHIMOL, 2010: 185).

relevante exemplo para esta remodelação do espaço urbano (2010: 106). Para Needell, a avenida configurou o símbolo maior das reformas de Pereira Passos, equiparada a um monumento tanto à República quanto à modernidade brasileira (1987: 39).

A Av. Central foi inaugurada em apenas um ano e meio, com 33 metros de largura e quase dois quilômetros de extensão. Dava concretude à ambição das elites pela modernidade, com edificações ecléticas e luxuosas que cortavam as antigas construções coloniais (BOAVENTURA, 2011: 117; ENDERS, 2002: 214). Frente à clara inspiração francesa sobre a cidade, Needell criou a alcunha “um corpo brasileiro numa máscara francesa” (1987: 66). Segundo o autor, “aceitava-se com naturalidade a precária adoção de tecnologias, costumes e capitais estrangeiros no Rio de Janeiro, reflexo das realidades neocoloniais” (NEEDELL, 1987: 48).

As reformas de Pereira Passos não foram, contudo, estabelecidas apenas no âmbito viário. A cidade passou a abrigar novos equipamentos como o Teatro Municipal, o Mercado Público e o primeiro posto de atendimento médico municipal (PEREIRA, 2010: 155). Para além da arquitetura, os costumes da cidade também começaram a ganhar inspirações nos padrões europeus. A gestão de Pereira Passos abafou tradições populares, tais como os quiosques da cidade e as brincadeiras de ruas, além de sufocar pessoas consideradas à margem, como os vendedores ambulantes e os mendigos (BOAVENTURA, 2011: 117; ABREU, 1987: 63; BENCHIMOL, 2010: 197): Ao promover um embelezamento por decretos, “o prefeito semeava um cipoal de interdições para banir ‘velhas usanças’ incompatíveis com a ‘civilização’” (BENCHIMOL, 2010: 190). De todo modo, o sonho de modernidade se materializava:

Ao findar a gestão de Pereira Passos, em 1906, o Rio de Janeiro, com seus 800 mil habitantes, era a capital da Belle Époque por excelência na América do Sul ao lado de Buenos Aires, que já se debatia para implantar o Nuevo Plano de la Ciudad (PEREIRA, 2010: 155).

Na gestão de Pereira Passos há um caráter original, ainda que conservador, seguido em outras gestões: é o primeiro exemplo de intervenção estatal maciça sobre o urbano na cidade do Rio de Janeiro (ABREU, 1987: 63). Segundo Abreu (1987: 73), as reformas realizadas por Pereira Passos representam um momento de corte na relação entre o Estado e o urbano. Até então a relação havia se dado indiretamente, com o Estado limitado no controle, estimulando ou proibindo iniciativas vindas de grupos privados. A ação direta na gestão de Pereira Passos não só modificou as relações anteriores, “como alterou substancialmente o padrão de evolução urbana que seria seguido pela cidade no século XX” (ABREU, 1987: 73).

No decorrer da gestão de Pereira Passos, além do aumento já citado das remoções, se impulsionaram as atividades portuárias por meio do primeiro aterro marítimo de grandes dimensões no Rio de Janeiro: diante dos morros do Livramento, Conceição, Providência e Saúde, os 170 hectares da nova linha da costa foram construídos a partir da demolição do Morro do Senado, possibilitando a instauração do cais do porto do berço da Gamboa (ANDREATTA, CHIAVARI, REGO, 2009: 6-8). As obras de aterro não são características únicas da construção da Região Portuária. Ao observar o histórico do desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro, vê-se que os desmontes e reconstruções revelam o paradoxo da identificação da recorrente cidade com a natureza⁷⁸.

Desde meados do século XIX a cidade do Rio de Janeiro é marcada por desmontes e aterramentos (ABREU, 1987: 76-78; ANDREATTA, CHIAVARI e REGO, 2009: 6-8). E mesmo antes:

Desde que os portugueses fundaram, em janeiro de 1565, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, as autoridades mandaram secar os pântanos, arrasar e escavar os morros, canalizar os cursos d'água. Perfuraram-se túneis, retificaram-se costas, redesenharam-se as praias, e o mar teve de recuar diante das atividades humanas (ENDERS, 2002: 4).

⁷⁸ Correlação que é desenvolvida mais a frente, no terceiro capítulo.

Para a reafirmação da cidade como de beleza esplendorosa, construída no contorno de uma forma natural, aspectos substanciais de mudanças no século XX não recebem enfoque nos relatos mais corriqueiros sobre a cidade: o desaparecimento das praias de Santa Luzia e da Ponta do Calabouço, com o desmonte do Morro do Castelo em 1922⁷⁹, cuja esplanada permitiu a construção do local para a Exposição Universal de 1922, onde depois foi instalado o aeroporto Santos Dumont nos anos 1940; o desmonte do Morro do Santo Antônio na década de 1960, a partir do qual surgiu o Aterro do Flamengo; o alargamento das praias de Copacabana e do Leblon na década de 1970; isso dentre tantas outras intervenções que são praticamente naturalizadas e, por consequência, toma-se, mascaradamente, a atual topografia carioca como natural (ABREU, 1987: 76-78; ANDREATTA, CHIAVARI e REGO, 2009: 6-8).

Duas décadas após a gestão de Pereira Passos, a administração do prefeito Carlos Sampaio foi perpassada pelo objetivo de preparar a cidade para o 1º Centenário de Independência do Brasil, em 1922. Envoltos ao preparo para o recebimento de turistas, personalidades e festejos, tal gestão também acionou o discurso higienista e estético para uma das obras mais monumentais já efetivadas na cidade, o já mencionado desmonte do Morro do Castelo. Ainda que fosse um sítio histórico, o Morro do Castelo, representante do centro antigo originário no século XVI, foi desmontado por sua condição de lócus de habitação de famílias pobres que residiam nos casarões velhos com aluguéis baratos (ABREU, 1987: 76-79).

Na concepção de Abreu, as eliminações de moradias para os pobres no centro durante a gestão de Carlos Sampaio não ocorrem apenas em nome da estética e da higiene, mas também em nome da reprodução do capital, pois a área, considerando seu entorno nobre, possuía claro potencial de grande valorização (1987: 76). Carlos Sampaio promove ainda outras medidas de remoções no centro e também na Zona Sul, com destaque para a retirada da população que vivia no entorno das margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. Nas palavras do próprio prefeito, tratava-se de mudanças promovidas

⁷⁹ A terra do desmonte do Morro do Castelo também propiciou a criação da Praia Vermelha, acompanhando outros aterros para criação da atual costa do bairro da Urca, na Zona Sul da cidade (ABREU, 1987:77).

intencionalmente “sob o tríplice aspecto da hygiene, do embelezamento e da economia [sic]” (*apud* ABREU, 1987: 77).

Durante o século XX, a cidade foi basicamente objeto de quatro planos urbanísticos: Diretor Decenal (1922), Agache (1930), Doxiadis (1965) e Puc-Rio (1977) (REZENDE, 2002: 257-281). Cabe ressaltar que o Plano Agache, durante a gestão de Prado Júnior, jamais foi realizado propriamente, em seus moldes originais, mas as ideias nele sugeridas foram implantadas em governos subsequentes. Prado Júnior contratou o urbanista francês Alfredo H. D. Agache para elaborar o que seria considerado o primeiro plano diretor do Rio de Janeiro: “Iniciado em 1926, suas orientações vão propor mecanismo para embelezamento e funcionalidade da cidade” (OLIVEIRA, 2009: 161), sobretudo o “projeto de renovação e embelezamento do centro” (PINHEIRO, 2010: 35).

Já o Plano Doxiadis, apresentado pelo então governador Carlos Lacerda e elaborado pelo urbanista grego Constantin Doxiadis, assemelhava-se ao Agache, mas era mais ambicioso e, por ser desenvolvido em período ditatorial, focou-se nas reformas segregacionistas, tais como as do início do século XX (ABREU, 1987: 95; PINHEIRO, 2010: 37). Por exemplo, o privilégio nos deslocamentos de tráfego por automóveis, com a passagem de vias expressas, túneis e viadutos cortando bairros residenciais pobres que estavam no caminho dos interesses governamentais, tais como a Lapa, o Mangue e o Catumbi (ABREU, 1987: 134; PINHEIRO, 2010: 37; BENCHIMOL, 2010: 197).

Esvaziamentos e expansões

Nessas décadas seguintes à prefeitura de Pereira Passos, enquanto a população da cidade continuava a crescer exponencialmente⁸⁰, permaneceu o processo de esvaziamento populacional do centro devido à especialização dos serviços e da mudança de uso de certas áreas historicamente residenciais em escritórios e espaços para o comércio. A concentração das atividades

⁸⁰ “Entre 1872 e 1890, a população do Rio duplicara, passando de 274.972 para 522.651 habitantes. Em 1906, eleva-se a 811.444 habitantes. Era a única cidade do país com mais de 500 mil habitantes” (BENCHIMOL, 2010: 177). “Entre 1838 e 1920, o número de cariocas passa de 137.000 a 1.150.000, a urbanização alcança regiões rurais, subúrbios se tornam bairros” (ENDERS, 2002: 159).

econômicas na área central e a competição pelo uso do solo habitacional para outros fins geraram o deslocamento de parte considerável da população, em um movimento crescente para o norte, o oeste e o sul da cidade (MALLMANN, 2010: 108). A deterioração do habitar no centro é acompanhada pela expansão e valorização de outros bairros, que são a ele contrapostos e surgem como novas áreas de moradia e demais usos. A mudança do mapa de prestígio da cidade volta-se principalmente para a Zona Sul, sobretudo para o bairro de Copacabana, transferindo para a orla do sul da cidade a parcela da população de renda mais elevada e intermediária (VELHO, 1973).

Copacabana passa a se conectar mais facilmente com o centro da cidade em 1862, com a abertura de um túnel para Botafogo, seguido de um segundo túnel em 1906 (ENDERS, 2002: 198; O'DONNELL, 2013: 17). Enquanto de 1920 a 1970 a cidade cresceu cerca de 240%, Copacabana crescia sete vezes mais, chegando a aproximadamente 1500%. A partir da década de 1940, o bairro passa por uma intensa expansão vertical, ocasionando quase a duplicação do número de domicílios da década de 1950 para a de 1960, saltando dos 27.864 aos 43.872 (VELHO, 1973: 23-28). Como a área já estava demasiadamente ocupada, foi o uso intensivo do solo através da verticalização que permitiu a incorporação de novos residentes a partir de 1946, quando a prefeitura liberou o gabarito para aumento dos prédios conforme a localização, permitindo “a substituição rápida e quase total das edificações construídas na fase da ocupação do bairro, por construções mais modernas, de vários pavimentos” (ABREU, 1987: 126).

O crescimento populacional de Copacabana transformou o bairro em um subcentro, que na época extraiu da área central parte de suas atividades de serviços, lazer e comércio, especialmente o de luxo⁸¹ (ABREU, 1987: 114; ENDERS, 2002: 6): “Dos anos 1930 ao fim dos anos 1950, Copacabana é a

⁸¹ “(...) após a segunda metade do século XX, os centros perderam importância em relação aos novos vetores de expansão urbana. A fuga de moradores, empresas, profissionais liberais, entre outros deixou nas áreas centrais um rastro de edificações vazias e subutilizadas. No Brasil, na Cidade do Rio de Janeiro, este fato foi destacado pela primeira vez na década de 1960 nos trabalhos dos geógrafos Haidane Duarte, Aluisio Duarte (VILLAÇA, 1998, p. 276) e Maria Theresinha Soares (1968)” (SAMPAIO, 2007: 106).

Princesinha do Mar⁸², onde se harmonizam modernidade e prazer de viver” (ENDERS, 2002: 261). Diversos elementos relacionados ao bem viver e ao caráter metropolitano são acionados. Segundo O’Donnell (2013), em análise de narrativas sobre Copacabana:

É fácil interferir que a apresentação atual do bairro não se limita a uma (impressionante) narrativa numérico-espacial. (...) Boemia, glamour, riqueza, multidão, cosmopolitismo e turismo são algumas das palavras empregadas nessa discussão, que corresponde, em grande medida, ao senso comum produzido acerca do bairro e recorrentemente acionado por quem nele vive ou transita (2013: 13).

Nos anos 1960 o bairro de Copacabana perde parte de sua imponente em razão da alta densidade demográfica, que torna sua composição social mais heterogênea (ENDERS, 2002: 261; O’DONNELL, 2013: 13). Nas décadas seguintes, o mapa de prestígio da cidade segue na direção oeste da orla (VELHO, 1973: 82-85), sobretudo para os bairros Ipanema e Barra da Tijuca⁸³, ampliando a centralidade⁸⁴ carioca.

A escolha da orla como o espaço privilegiado para a moradia foi difundida por propagandas que associavam a vida à beira mar com um estilo de vida moderno, destacando-se os anúncios da companhia de bonde que servia a Zona Sul à época (ABREU, 1987: 47). O estímulo para a conformação de áreas nobres no eixo sudoeste partiu não apenas das empresas privadas.

⁸² Alcinha presente, por exemplo, na música samba-canção "Copacabana", encomendada pelo cineasta estadunidense Wallace Downey, que produziu filmes no Brasil nos anos 1930 e 1940, aos compositores João de Barro e Alberto Ribeiro. Fonte: Verbetes "Braguinha" do Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, redigido pelo Instituto Cultural Cravo Albin. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/braguinha/dados-artisticos>. Acesso em 10.07.2013.

⁸³ “A criação do mito ‘Copacabana’, assim como ‘Ipanema’ ou ‘Barra’ só é possível em um tipo de sociedade em que exista uma identificação entre local de residência e prestígio social de tal forma acentuada que a simples mudança de bairro possa ser interpretada como ascensão social, mesmo não havendo alterações na ocupação ou na renda das pessoas em pauta” (VELHO, 1973: 89).

⁸⁴ A questão da centralidade será mais problematizada a seguir, no capítulo 2. Sobre a centralidade e a formação de subcentros com sua expansão, ver Frúgoli Jr. (2006).

Ao contrário, as novas conformações foram impulsionadas principalmente pelo poder público. Em Copacabana foi a Prefeitura quem intimou a companhia de bondes para acelerar as obras de perfuração dos já citados túneis conectores às áreas centrais (ABREU, 1987: 63)⁸⁵.

Os estímulos governamentais para a expansão da cidade não ocorrem somente por meio de subsídios para os deslocamentos das elites. Há incentivo tanto para o estabelecimento das camadas nobres no eixo sudoeste, em direção à Barra da Tijuca, com infraestrutura urbana que favorece grandes complexos imobiliários, quanto para a consolidação dos subúrbios como áreas não mais rurais, no sentido ao extremo noroeste, para onde é impulsionada a ocupação por meio de linhas de trem e da mudança forçada para conjuntos habitacionais⁸⁶ movidos pelas remoções de favelas que ocorriam no outro vetor para a valorização e a especulação imobiliária⁸⁷.

A expulsão da população para os subúrbios ocorre também pela iniciativa privada, com processos informais de elevação de preços de terrenos em áreas enobrecidas, ainda que o aumento de prestígio comumente seja fomentado antes pelo poder público (ABREU, 1987: 26). Um exemplo é a especulação imobiliária na direção da Barra da Tijuca, que contou com apoio decisivo do poder público através da custosa obra de construção da primeira etapa da autoestrada Lagoa – Barra no fim da década de 1960 (ABREU, 1987: 135).

No caso do atual contexto da Região Portuária, a Prefeitura possui expectativas quanto ao aumento do seu uso habitacional nos próximos anos. De acordo com o IPP⁸⁸, a expectativa de crescimento dos bairros da Região Portuária do ano de 2010 ao de 2020 é de 13,16%, enquanto o crescimento esperado do bairro Centro é de 3,59%. A Barra da Tijuca continua com a previsão de amplo crescimento populacional, de 30,99%, enquanto a Zona Sul

⁸⁵ Em estudo sobre a centralidade paulistana, Frúgoli Jr. (2006: 43) ressalta como a “centralidade vem sendo redefinida, articulada e negociada pelos grupos sociais dominantes”.

⁸⁶ Sobre conjuntos habitacionais no Rio de Janeiro: Oliveira, 2009: 62-66.

⁸⁷ “A Constituição Estadual, promulgada em março de 1961, abordará o tema ‘favela’ guardando a ambigüidade entre a urbanização e a remoção. Em 1964, o Rio de Janeiro, uma das localidades de maior concentração de riqueza no território nacional, contava com 38% de sua população habitando em favelas” (OLIVEIRA, 2009: 66, 67).

⁸⁸ “Estudo revela que a cidade não encolherá”. 24.03.2013. O Globo. Globo . Rio. 18

já demonstra a saturação dos empreendimentos imobiliários, com expectativa de que Copacabana cresça 0,01% no período.

A Região Portuária ocupava no fim dos anos 2000 uma posição paradoxal, ainda que recorrente em vista das dinâmicas urbanas: situa-se na área central, próxima dos serviços e com ampla oferta de transportes para toda a cidade, mas era considerada em decadência e, por isso, pouco valorizada, especialmente para a moradia das classes médias. O léxico da decadência constrói-se a partir do perfil de habitantes, sem grande poder aquisitivo, e da falta de manutenção da infraestrutura urbana, que tornam o espaço considerado pouco interessante às elites. A antiga função residencial da área central foi substituída por zonas comerciais e financeiras cercadas por áreas marcadas pela escassez dos investimentos urbanísticos (ABREU, 1987: 26). Assim como as zonas portuárias de outras cidades no mundo⁸⁹, “o Porto do Rio sofreu processos de desfuncionalização por questões tecnológicas e político-econômicas” (MOREIRA, 2011: sem paginação).

Ao longo da década de 2000, com o Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária e o Porto Maravilha, outras ações de mudança na Região Portuária parecem trazer possibilidades de novas imagens e significados para o lugar, as quais se consolidam, basicamente, em tentativas de enobrecimento. Como exemplo, há a exposição “Um século de vivências num porto moderno”⁹⁰, realizada de 23 de novembro de 2011 a 8 de janeiro de 2012 no Centro Cultural Correios do Rio de Janeiro; com apoio do projeto Porto Maravilha, a exposição “Meu Porto Maravilha”⁹¹, inaugurada em julho de 2012 e com previsão de permanência até 2016; o aluguel de seis armazéns do cais do porto, no Píer Mauá, reformados ao custo de R\$ 12 milhões cada, para sediar as edições de 2008 a 2013 do segundo maior evento de moda do Brasil, o Fashion Rio, tendo havido na edição de 2010 uma exposição com painéis de

⁸⁹ Como Barcelona (Espanha), São Francisco (EUA), Buenos Aires (Argentina), Belém (Brasil), Hamburgo (Alemanha) e Nova Iorque (EUA) (Magalhães, 2011, sem paginação).

⁹⁰ Informações sobre a exposição estão disponíveis em: <http://rioshow.oglobo.globo.com/exposicoes/galerias/um-seculo-de-vivencias-num-porto-moderno-rio-de-janeiro-19102010-5756.aspx>. Último acesso em 20.12.2011.

⁹¹ Informações sobre a exposição estão disponíveis em: <http://www.artrio.art.br/meu-porto-maravilha-inaugura-exposicao-interativa/>. Último acesso em 13.07.2012

três metros de altura para a comemoração dos cem anos de existência do cais do porto⁹².

O recorte histórico apresentado procurou contextualizar o presente da Região Portuária, marcado por um passado de embates frente a intervenções urbanísticas na área central que possibilita pensar o alcance da originalidade das propostas do atual projeto. O jogo delicado de proximidades e distanciamentos do prefeito vigente, Eduardo Paes, com o antigo prefeito Pereira Passos revela a reinvenção do passado através de novos significados contemporâneos. Desta forma, as temporalidades esmiuçadas a partir da situação de inauguração do Porto Maravilha permitem não apenas enquadrar o projeto, como também revelam como o acionamento do passado pode atualizar as relações com os acontecimentos históricos.

O Rio de Janeiro vive um movimento *sui generis* do ponto de vista urbanístico e o Porto Maravilha aparece como um dos principais marcadores das dinâmicas envolvendo as intervenções que estão em processo. Com interesses claros na imagem do Rio de Janeiro para o exterior, são viabilizados projetos de grandes dimensões e de forte apelo ao espetacular, dos quais o Porto Maravilha, conjugando ideias de patrimônio e de novidade, sintetiza visões do que é um Rio de Janeiro embelezado e turístico, como será exposto nos capítulos subsequentes.

⁹² <http://ffw.com.br/fashionrio/>. Último acesso em 12 de fevereiro de 2011; “O novo cais do porto do Rio”, publicado em 29 de maio de 2010 na revista Veja <http://veja.abril.com.br/blog/veja-acompanha/tag/cais-do-porto/>. Último acesso em 22.06.2012.

CAPÍTULO 2 - RECOMPOSIÇÕES DAS EXPERIÊNCIAS

O trajeto invertido

Na manhã do dia 3 de fevereiro de 2013 caminhei rumo à Região Portuária com uma enorme expectativa. Todos meus sentidos estavam aguçados frente a experiência pela qual passaria nas próximas horas: desfilar por mais de cinco horas em cima de uma perna de pau no Escravos da Mauá, bloco integrante da Sebastiana, uma associação de blocos de Carnaval de rua da Zona Sul e dos bairros Santa Teresa e Centro.

No período de carnaval, mais exatamente no domingo anterior ao do fim de semana de recesso, os pernaltas da Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades⁹³ desfilam num bloco da área, o Escravos da Mauá. Nos dois anos anteriores havia acompanhado o bloco e em 2013 participei como pernalta. Assim como em 2010⁹⁴, quando o tema fora a relação entre passado e futuro da Região Portuária⁹⁵, em 2013 o bloco recebeu o troféu do jornal O Globo de melhor bloco do ano⁹⁶. O tema foi então sobre os “tesouros” da Região Portuária, confrontando o passado e suas referências africanas, que concederam a alcunha de “Pequena África”⁹⁷.

⁹³ Localizada na R. Pedro Enersto, na Gamboa. Endereço eletrônico: www.ciademysterios.com. Acesso em 20.05.2013.

⁹⁴ “Serpentina de Ouro, do GLOBO, premia os destaques da folia de rua”. 23/02/13. O Globo, Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blocos-de-carnaval/serpentina-de-ouro-do-globo-premia-os-destaques-da-folia-de-rua-7659014>. Último acesso em 04.06.2013

⁹⁵ O Que Passou e o Que Virá. Autores: Tiago Prata, João Costa, Miguel Diniz e Miguel Costa. Mauá / Quanta coisa bonita ouvi contar / E a gente acredita / Guarda no samba a lembrança / Prainha... no mar (navegar!) / Porto de toda a esperança / Futuro é... sonhar / Meu canto é a minha Providência / Santo cristo, a minha devoção – de folião! / Sou livre... / Pra desfilar minha / Saúde (e que saúde!) / E a vida é muito boa – na Gamboa! / Conceição nunca se muda / Visto a fantasia / E vou sem pressa de chegar / Cantando / O que passou e o que virá / Na praça dos Escravos da Mauá.

⁹⁶ “Escravos da Mauá ganha o Prêmio Serpentina de Ouro 2013”. 19/02/2013. O Globo, Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blocos-de-carnaval/escravos-da-maua-ganha-premio-serpentina-de-ouro-2013-7625676>. Último acesso em 04.06.2013.

⁹⁷ Tesouro da Mauá. Autores: Tiago Prata, João Costa, Miguel Diniz e Miguel Costa. Pequena África, / Desci no Cais do Valongo / Fiz o caminho mais longo / Para encontrar uma saudade. / Ouço a dor gritar / E ecoar na Camerino / Mas meus olhos de menino / Não esquecem a vontade. / De ver o mar / E avistar algum navio / A disparar sobre o meu Rio / Mil canhões de alegria. / Num olhar, / Escravizar um coração / E libertar a multidão / Prainha, praça de

Antes de analisar a situação vivida no Carnaval, período de contraste com os atos do mundo diário (DAMATTA, 1979: 47), apresento a minha inserção até a chegada desse dia. Como relatei brevemente na Introdução, iniciei as aulas de perna de pau em agosto de 2012, quando fui conhecer a oficina de “Dança nas alturas”, patrocinada pela concessionária Porto Novo e ministrada pela Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades⁹⁸ em sua sede, no bairro da Gamboa. Nas primeiras visitas me identifiquei com as atividades do grupo e me envolvi pessoalmente com as aulas e em apresentações. Havia decidido não abordar na dissertação a minha convivência na companhia, pois acreditava que não teria importância acadêmica, e continuei as aulas apenas por interesse pessoal. A partir do Carnaval senti que não poderia mais ignorar um relato sobre a oficina de perna de pau e, especialmente, o desenvolvimento do desfile do Escravos da Mauá.

Desfile do bloco Escravos da Mauá em 2013.

Foto de Publius Vergilius. Fonte: O Globo.

harmonia. / No cais a esperar, a imperatriz / A se enfeitar, a meretriz / Para encantar o marinheiro / Sob os meus pés, / Miçangas, contas e anéis / Ainda reluzem feito pedras preciosas / Tesouro dos escravos da Mauá. / Negro chegou na galé / E no pé inventou... / O samba! / E no gingar da maré / 'Inda posso escutar... / O canto que me faz lembrar.

⁹⁸ Sobre a Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades: “Terra (nova) à vista”. O Globo, Globo. 01/03/2013. pp. 22-26. Sobre a diretora da companhia, Lígia Vieira: “Nas alturas”. Revista Piauí. Ed. 78, março 2013. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-78/esquina/nas-alturas>. Último acesso em 26.07.2013.

O trajeto dos Escravos da Mauá, e esse é o dado mais importante, foi modificado. Durante os outros vinte anos de existência do bloco fora feito um itinerário que começava na Região Portuária mas se direcionava à Região Administrativa Central, que concentra as atividades de negócios e comércio. O trajeto se iniciava no Lgo. São Francisco da Prainha e seguia pela R. Sacadura Cabral, passando pela Pça. Mauá e entrando na Av. Rio Branco; depois seguia pela Av. Visconde de Inhaúma e pela R. Marechal Floriano, retornando pela R. do Acre para a R. Sacadura Cabral.

Mapa do trajeto, em vermelho, do Escravos da Mauá em 2011. O marcador representa a localização do Cais do Valongo. Fonte: Google Maps.

Em 2012, em decorrência das obras do Porto Maravilha no Lgo. São Francisco da Prainha, o trajeto foi alterado, mas com a permanência do fluxo rumo à área de negócios do Centro, com saída no Lgo. de Santa Rita, conhecido como Beco das Sardinhas, e seguindo pela R. do Acre, Av. Rio Branco, R. Visconde de Inhaúma até a esquina da R. Miguel Couto, voltando para a R. do Acre. Houve a preocupação de manter o trajeto, nas áreas centrais. Ricardo Sarmiento, um dos organizadores do Escravos da Mauá, sobre o Carnaval de 2012, afirmou na época: “Nosso bloco é muito ligado à essa região, nossos sambas sempre falam do Morro da Conceição e da

Não se perca de mim

De onde o bloco sai? Largo da prainha.

Quando? 03 de fevereiro (domingo)

Desfile: a partir das 12h30min no Largo de São Francisco da Prainha, próximo à rua Sacadura Cabral.

Por onde vamos? Por conta das obras na Zona Portuária o tradicional trajeto do bloco foi alterado esse ano. A concentração será no Largo de São Francisco da Prainha, depois o bloco segue pela rua Sacadura Cabral até a Praça da Harmonia, de lá entra na Av. Venezuela até a Praça Mauá, terminando com a volta ao largo de São Francisco da Prainha.

Mapa da Sebastiana de divulgação do trajeto do Escravos da Mauá em 2013. Apesar da programação listada estar correta, o mapa é do trajeto de 2011. Fonte: endereço eletrônico¹⁰⁰ da Sebastiana.

Mapa do trajeto, em vermelho, do Escravos da Mauá em 2013. O retorno do bloco foi realizado de modo bifurcado. O marcador representa a localização do Cais do Valongo. Fonte: Google Maps.

¹⁰⁰ Endereço eletrônico: http://www.sebastiana.org.br/blocos/blocos.php?cod_bloco=escravos. Acesso em 20.03.2013.

Externamente à comunhão de sentidos nos tratamentos do lugar, podemos também pensar a Região Portuária como um espaço social marcado tanto por negociações, como pela sua apropriação. O período festivo torna essas profundas e complexas relações mais à superfície. Para Cavalcanti (1998), as festas mantêm um vínculo de “licença poética” com o cotidiano:

(...) sem dele se esquecerem, até porque supõem laboriosos preparativos e meticulosa organização, dele se afastam temporariamente, introduzindo-nos num tempo especial por meio de elaborada linguagem artística e simbólica. Um tempo cíclico, fortemente ligado à experiência vital, cheio de conteúdos cognitivos e afetivos (1998: 2).

O tempo cíclico das festas perpassa o calendário histórico ao voltar a cada ano, o que não significa que os festejos sejam os mesmos ao longo desses anos. Assim como a sociedade, as mudanças estão presentes nos meios de sua manutenção das festas, que, ao voltarem, “trazem consigo alguma novidade, e assim, de modo lento, muitas vezes imperceptível, vão se modificando, se recompondo, às vezes mesmo se reinventando” (CAVALCANTI, 1998: 2)

A mudança de trajeto do bloco Escravos da Mauá teve que passar pela aprovação da Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro (Riotur). A mensagem de convite enviada pelo Escravos da Mauá por e-mail marcava o ânimo pelas novas ruas a serem percorridas:

Pela primeira vez em nossos 21 CARNAVAIS, nosso trajeto se inverterá: em vez de irmos na direção da Praça Mauá e Av. Rio Branco, vamos entrar pela Sacadura Cabral, percorrendo por dentro a região que já foi conhecida como a PEQUENA ÁFRICA do Rio de Janeiro. Vamos em direção aos TESOUROS DA MAUÁ, título do samba 2013.

E o que são os tesouros de um lugar senão sua história, seus personagens e sua cultura popular? Pois então... além de preciosidades como a Pedra do Sal, o Cais do Valongo, e as Igrejas da Saúde e de Nossa Senhora da Prainha, o desfile dos

Escravos promoverá também muitos encontros ao longo do percurso, destacando pessoas, grupos e projetos que enchem de vida o dia a dia da região. [Palavras inteiras em maiúsculo são do texto original].

A expectativa também estava presente nas declarações para – e na – imprensa. Segundo o diretor do Escravos da Mauá, Ricardo Sarmiento:

Sempre buscamos destacar o que há de interessante por ali e, com tantas mudanças acontecendo, optamos por fazer um discurso afirmativo e convidamos aqueles que têm bons projetos. É a metáfora de uma busca ao “Tesouro da Mauá”, que é o nosso enredo, e por isso faremos escavações no passado, no futuro e no imaginário.

Vai ser um desfile emocionante e muito simbólico, porque passaremos pelo interior da região e vamos envolver as pessoas com a história da cidade por meio da arte. Será um momento sublime¹⁰¹.

O desfile, que agregou milhares de foliões, começou com um pouco de atraso do horário combinado, meio-dia, partindo da concentração no Lgo. São Francisco da Prainha, já modificado pelas obras do projeto Porto Maravilha. As paradas do bloco por lugares marcantes no circuito já estava programada e ensaiada pelos grupos que compunham o desfile, incluindo, além da organização do Escravos da Mauá e da Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades, o Afoxé Filhos de Gandhi, o Cordão do Prata Preta, o Sindicato dos Estivadores, o Galpão das Artes, a escola de arte Spetaculu e os seguintes blocos da Região Portuária: Coração das Meninas, Escorrega mas não cai, Fala meu louro, Pinto sarado, Vizinha faladeira, Alegria portuária, Filhos de Talma, Banda da Conceição, Oba, Amarelo providencial, Independentes do Morro do Pinto e Eles que digam.

¹⁰¹ “Escravos da Mauá vai mostrar os tesouros da Zona Portuária”. 01.02.2013. O Globo, Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blocos-de-carnaval/escravos-da-maua-vai-mostrar-os-tesouros-da-zona-portuaria-7461002>. Último acesso em 26.07.2013.

A composição dos pernaltas da companhia estava dividida em três partes. À esquerda, no sentido do fluxo pelas ruas, estavam as figuras representantes da tradição negra: dois reis e uma rainha africanos, três brincantes (com roupas do tecido chita coloridas, sendo essa a fantasia que eu vesti), uma mãe de santo e dois compositores de samba. À direita, eram personagens do Brasil Imperial e da tradição portuguesa: Imperador D. Pedro II, Imperatriz Teresa Cristina, um terceiro membro da Corte, um papagaio, um tucano e duas cantoras de rádio. No centro seguiam aproximadamente uma dezena de marinheiros, dos quais quatro carregavam um dossel fornecendo abrigo à personagem caracterizada de Iemanjá. Atrás das três formações seguiam dois bate-bolas, também conhecidos como clóvis, e ao redor de todos circulavam quatro diabos, abrindo caminho. DaMatta ressalta em seus trabalhos sobre Carnaval como no Brasil as fantasias para o período tradicionalmente encarnam personagens que habitam os contornos do mundo social, como figuras representantes da nobreza, por um lado e diabos, por outro:

O mundo dos personagens dos carnavais é, pois, o mundo da periferia, do passado e das fronteiras da sociedade brasileira. Seu foco é ilícito, o que está completamente fora do sistema, ou que está nos interstícios desse sistema (DAMATTA, 1979: 62).

Seguimos pela R. Sacadura Cabral com parada a poucos metros da Lgo. Prainha, na Pedra do Sal, à esquerda, com homenagem aos baluartes do samba. Mais a frente, à direita, houve outra parada, na esquina da R. Sacadura Cabral com a R. Camerino, onde se localizava o Mercado de Escravos do Valongo. As ficções – no sentido de criação - sobre a Região Portuária foram sendo construídas através de dramatizações ao longo do percurso. Ao lado do sítio arqueológico do Cais do Valongo e do Cais da Imperatriz, foi encenado um encontro imaginário entre as tradições negra e portuguesa, com o cumprimento entre os reis e os imperadores.

Ao final da R. Sacadura Cabral, chegando à Pça. Cel. Assunção, mais conhecida como Pça. da Harmonia¹⁰², os pernaltas, exceto os marinheiros e a Iemanjá, passaram a segurar estandartes de blocos da Região Portuária em atuação, já citados, e outros extintos, tais como Rei de Ouro, Gualemadas, Crocodilos do Barroso, Harmonia, Favela dos meus Amores, Recreio das Flores, Repentinóis do Brasil, Pega o Lenço e Vail!, Amantes da Saúde, Fique Firme na Favela, Tudo é Preto e Teimosos da Gamboa. Com os estandartes em punho, demos uma volta no coreto que fica ao centro da Pça. da Harmonia e depois nos misturamos à multidão ao encontro dos marinheiros e da Iemanjá, que se preparavam para mais uma ponto de destaque no circuito do bloco.

Em frente ao Sindicato dos Estivadores do Rio de Janeiro, na R. Antônio Lage, os Escravos da Mauá fizeram uma inédita ruptura provisória do samba, em seus vinte e um anos de existência. A homenagem foi à figura de João Cândido, conhecido como o Almirante Negro, que se tornou estivador após o banimento da Marinha em razão da liderança na Revolta da Chibata, em 1910. Na presença do filho do homenageado, Seu Candinho, o samba foi interrompido para que se cantasse “Mestre-sala dos mares”, canção de João Bosco e Aldir Blanc sobre João Cândido, composta em 1975¹⁰³.

O bloco seguiu a evolução pela Av. Venezuela, que ficou fechada para trânsito de veículos em boa parte dos meses de 2010 e 2011, em decorrência das obras do projeto Porto Maravilha. Dali, após quase cinco horas de desfile, o bloco se dividiu para o retorno, com uma parte indo por um caminho mais

¹⁰² “Em torno de 1850, foi inaugurada a praça da Harmonia (atual Praça Coronel Assunção), e nas proximidades instalou-se o segundo Mercado Municipal da cidade; o primeiro era no Largo do Paço” (MELLO, 2003: 36).

¹⁰³ Há muito tempo nas águas da Guanabara / O dragão do mar reapareceu / Na figura de um bravo feiticeiro / A quem a história não esqueceu / Conhecido como o navegante negro / Tinha a dignidade de um mestre-sala / E ao acenar pelo mar na alegria das regatas / Foi saudado no porto pelas mocinhas francesas / Jovens polacas e por batalhões de mulatas / Rubras cascatas / Jorravam das costas dos santos entre cantos e chibatas / Inundando o coração do pessoal do porão / Que, a exemplo do feiticeiro, gritava então / Glória aos piratas / Às mulatas, às sereias / Glória à farofa / À cachaça, às baleias / Glória a todas as lutas inglórias / Que através da nossa história não esquecemos jamais / Salve o navegante negro / Que tem por monumento as pedras pisadas do cais / Mas salve / Salve o navegante negro / Que tem por monumento as pedras pisadas do cais / Mas faz muito tempo.

curto até a R. Sacadura Cabral, pela R. Edgar Gordilho, e outra parte andando até o final da Av. Venezuela, em que forma esquina com a R. Sacadura Cabral.

As típicas ventarolas de Carnaval¹⁰⁴, distribuídas para os foliões amenizarem o calor do dia, continham, além da letra do samba, um mapa do circuito traçado pelo bloco com treze lugares marcados como simbólicos, incluindo outros marcos além dos que foram lócus das dramatizações ao longo do percurso: Lgo. da Prainha, Pedra do Sal, Jardim do Valongo, Cais da Imperatriz e Cais do Valongo, sede do Coração das Meninas, sede da Cia. de Mistérios e Novidades, Cemitério dos Pretos Novos, Pça. da Harmonia, sede do Cordão do Prata Preta, sede do Sindicato dos Estivadores, Pça. Mauá, Mosteiro de São Bento e Igreja de São Francisco da Prainha.

Ventarolas distribuídas no desfile do Escravos da Mauá de 2011.

¹⁰⁴ Uma espécie de leque de papel grosso sem dobras, tradicional no Carnaval carioca.

Ventarolas distribuídas no desfile do Escravos da Mauá de 2012.

Ventarolas distribuídas no desfile do Escravos da Mauá de 2013.

Durante a preparação para o Carnaval na Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades foi ressaltada a importância do movimento interno do bloco, rumo as ruas da Região Portuária, e das dramatizações nos pontos que contam a história daquele lugar. A coordenação da companhia ressaltou nas aulas de preparação que considerava o Porto Maravilha como uma reurbanização e não como uma revitalização, já que vida era o que não faltava na Região Portuária.

Além do prêmio Serpentina de Ouro, do qual foi vencedor, o bloco Escravos da Mauá foi elogiado nas ruas e na imprensa. Por exemplo, em uma reportagem do jornal O Globo, que realiza a premiação:

Arrepiante. Esse foi o adjetivo mais usado para descrever o desfile do Escravos da Mauá. (..) O bloco deu um show de beleza, harmonia e cidadania, mostrando a força da relação que construiu com a região onde nasceu. (...) O desfile resumiu o trabalho de revitalização e valorização cultural da região que o bloco faz desde a fundação em 1993. Segundo um dos fundadores do bloco, Ricardo Sarmiento, na mesma reportagem: “Não foi um bloco passando em um lugar, foi a Zona Portuária passando no bloco. Algo realmente diferente de tudo que já havíamos feito¹⁰⁵.

O novo trajeto dos Escravos da Mauá revela uma mútua afetação entre o espaço físico e o espaço social. O simbolismo perpassa as ruas e concede destaque a edificações e marcos paradigmáticos, os quais, por sua vez, não possuem sentido em si mesmos, mas sim nessa determinada conformação de um circuito concreto que só faz sentido em conjunto, tornando palpável a trajetória da Região Portuária que se quer contar. Antes de prosseguir com a descrição e a análise das atividades artísticas da Região Portuária e sua relação com a concessionária Porto Novo, apresento uma breve contextualização temporal das localidades que foram destacadas no Carnaval, as quais ainda aparecerão como protagonistas no restante do texto.

¹⁰⁵ “Escravos da Mauá ganha o Prêmio Serpentina de Ouro 2013”. 19.02.2013. Globo, Globo. O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blocos-de-carnaval/escravos-da-maua-ganha-premio-serpentina-de-ouro-2013-7625676> . Último acesso em 26.07.2013.

Com Domínio da “Pequena África”

O Rio de Janeiro cresceu ao redor Região Portuária, em cujas adjacências ainda se concentraram as instituições e os negócios financeiros e comerciais da cidade¹⁰⁶. Na gestão do já citado prefeito Pereira Passos, de 1902 a 1906, o governo federal investiu, além da abertura da mencionada Av. Central / Av. Rio Branco, na construção de duas avenidas que ligam o porto à outras partes das áreas centrais da cidade, a Av. Rodrigues Alves e a Av. Francisco Bicalho:

Este desenho urbano, em processos distintos quanto sua forma e processo resultou na imagem contrastante existente até hoje, delimitada claramente pela R. Sacadura Cabral, de um lado a cidade dos morros e dos lotes estreitos e do outro com o projeto cartesiano de loteamento e arruamento dos aterros (MELLO, 2003: 29).

No mesmo período o porto, na época o terceiro principal do continente¹⁰⁷, passou por um processo de ampliação, “no intento de modernizar a economia carioca, em associação com o projeto civilizatório de embelezamento e ordenamento urbano da prefeitura” (OLIVEIRA, 2009: 33). Em 1904 foi edificado um cais corrido com 3500 metros de extensão (BENCHIMOL, 2010: 184). Os projetos, entretanto, começam a ser pensados a partir da década de 1850, quando se iniciaram “as primeiras realizações de porte visando a modernização da área portuária” (PEREIRA, 2010: 144). É nesse momento que a delimitação do porto define o que é a Região Portuária até o período atual (MELLO, 2003: 30):

Uns mantêm sua localização secular na frente do Paço, mas outros criam uma nova zona portuária em direção ao norte, nos bairros da Prainha, Gamboa e Santo Cristo, onde

¹⁰⁶ “Considerando que o papel simbólico e a função comercial do velho centro urbano tendem paulatinamente a dispersar-se espacialmente e que a função residencial desaparece praticamente deste sector [sic], o nome ‘centro de negócios’ parece o mais adequado, desde que se tome ‘negócios’ num sentido suficientemente amplo para se incluir a gestão pública, política, administrativa” (CASTELLS, 1979: 198).

¹⁰⁷ Atrás apenas dos portos de Buenos Aires e Nova Iorque (BENCHIMOL, 2010: 184).

embarcadouros e armazéns mais novos já vinham se instalando (PEREIRA, 2010: 145-146).

A presença na Região Portuária dos africanos que atracavam no porto como escravos vítimas do tráfico negreiro formou a alcunha “Pequena África”. Sobre o contexto do final do século XIX, Enders afirma: “Os bairros situados perto dos empregos do porto e da Candelária, entre a enseada da Gamboa, o Campo de Santana e a Cidade Nova, são majoritariamente povoados por negros de todas as condições” (2002: 199).

A força das lembranças e da permanência do que significa a “Pequena África” move ações que hoje surgem na Região Portuária como possibilidades de vivência das intervenções urbanísticas. Na participação das atividades envolvendo o Carnaval, foi possível perceber que as relações com a Porto Novo e o Porto Maravilha não são em geral positivadas pelos grupos do lugar. No processo de obtenção de recursos¹⁰⁸, foram os grupos que entraram com os pedidos para que o recebimento dos 3% da arrecadação dos CEPACs sejam aplicados em financiamentos de projetos locais voltados para a recuperação e a valorização dos patrimônios e das práticas culturais¹⁰⁹. Há uma certa intenção de agenciar, já que o projeto está sendo implantado de todo modo, a obtenção de recursos para o uso de acordo com as concepções internas do que deve ser feito na Região Portuária.

No dia 23 abril de 2013 é lançado o ComDomínio Cultural, com uma comemoração do feriado do dia de São Jorge¹¹⁰, na qual participei como pernalta junto à Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades. Além da companhia, mais dezenove grupos (inclusas duas pessoas físicas de projeção) são

¹⁰⁸ Edital de Prêmio n. 1/2013 para seleção de projetos culturais no âmbito do Porto Maravilha Cultural: <http://portomaravilha.com.br/web/esq/edital.pdf>. Último acesso em 06.07.2013. O programa disponibiliza dois milhões de reais do orçamento da CDURP distribuídos entre dez projetos de pessoa física, no valor de cinquenta mil reais cada, e dez projetos de pessoa jurídica, no valor cento e cinquenta mil cada.

¹⁰⁹ <http://portomaravilha.com.br/web/sup/OperUrbanaApresent.aspx> / <http://portomaravilha.com.br/conteudo/ccjb.aspx>. Últimos acessos em 06.07.2013.

¹¹⁰ Divulgação pelo Porto Maravilha em texto: <http://blogportomaravilha.com/2013/04/26/festa-com-o-dominio-de-jorge-lanca-comdominio-cultural/>. Último acesso em 06.07.2013. Divulgação também em vídeo pelo Cidade Olímpica, órgão da Prefeitura que coordena a execução dos projetos e atividades municipais relacionados aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=pSUcGZgACP8&noredirect=1.

signatários do ComDomínio: Associação do Armazém Cultural das Artes e Técnicas em Espetáculos de Diversão (AACATED), Associação Cultural Ilê Mestre Benedito de Angola (ACIMBA), Afoxé Filhos de Gandhi, Associação de Capoeira Estilizada Portal da Gamboa, Bloco Escravos da Mauá, Casa Amarela, Casa de Cultura do Porto, Centro Cultural da Ação e da Cidadania¹¹¹, Centro Cultural Velhos Malandros, Conexão Carioca de Rodas na Rua / Roda do Cais do Valongo, Feira de Artes Porto do Rio em Harmonia, Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN)¹¹², Instituto Fim, Instituto Galpão Gamboa¹¹³, Mostra + CineRG – Registro Geral e Vozes do Cais, Museu de Arte do Rio¹¹⁴, Projeto SANIN, Sônia Baiana¹¹⁵ e Tia Lúcia¹¹⁶.

¹¹¹ No galpão da Ação da Cidadania ocorreu, no dia 26 de junho de 2012, a audiência pública para abertura do Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana.

¹¹² Sítio arqueológico dedicado à pesquisa e à educação. Segundo folheto de apresentação do IPN, que está listado nas referências: “Em 1996, na Rua Pedro Ernesto, número 36, bairro da Gamboa, Rio de Janeiro, foi descoberto o Cemitério dos Pretos Novos, do qual não se tinha exata localização. Tal cemitério era destinado ao sepultamento de escravos africanos recém-chegados ao porto do Rio de Janeiro, do século XVIII ao século XIX”. O IPN foi criado em 2005 e tem por finalidade “propor reflexões, estimular projetos educativos e de pesquisa, para a preservação da memória relacionada ao período da escravidão legal, com seus desdobramentos nos dias atuais. (...) Reconhecido como organização de Utilidade Pública pela Lei 4.822 de 07/05/2008, publicado em Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, em 09.05.2008, o IPN é mantido, em grande parte, pelos esforços do casal Guimarães, auxiliado pelo trabalho de voluntários de diversos segmentos da sociedade civil, identificados com os ideais da promoção da igualdade racial e social no Brasil”. Endereço eletrônico: <http://www.pretosnovos.com.br>. Acesso em 14.06.2013.

¹¹³ Apresenta espetáculos de teatro e dança, além de receber shows e festas. Nos meses de novembro e dezembro de 2012 o Galpão Gamboa realizou, em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro e a Secretaria Municipal de Cultura, a segunda edição do Gamboa Vista. O folheto do evento descreve a Gamboa como um “bairro que guarda valiosas características da cidade e com enorme potencial para atividades sócio-culturais, de forma democrática e dinâmica”. No dia em que fui assistir a uma peça de teatro dentro da programação percebi a presença de um público com maioria aparentemente de não moradores e de poder aquisitivo mais elevado, com muitos táxis parados na porta. De todo modo, há uma preocupação com quem habita na Região Portuária, pois o Galpão consolidou-se como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), que, segundo seu endereço eletrônico, “cria oportunidades de formação e inclusão social” no Morro da Providência e nos bairros da Gamboa, Saúde e Santo Cristo: <http://galpaogamboa.com.br>. Acesso em 14.06.2013.

¹¹⁴ Que é analisado no capítulo 3.

¹¹⁵ Sônia Baiana é responsável pelo Acarajé do Circuito da Herança Africana. Ela participou nos dias 24 e 25 de novembro de 2012 do I Festival de Gastronomia e Cultura Sabores do Porto, organizado, entre outros, pela Prefeitura e pelo Porto Maravilha Cidadão, com apoio, dentre vários financiadores, da concessionária Porto Novo. Folheto do festival disponível em:

A comemoração do lançamento deu-se em forma de um cortejo matinal celebrativo de São Jorge¹¹⁷, nomeado “Triunfo de São Jorge”. O cortejo contou com a participação, além dos grupos citados, da Folia de Reis Branca e Rosa Estrela Guia, bem como do grupo Tá na Rua. O cortejo saiu do Museu de Arte do Rio (MAR) e seguiu pela R. Sacadura Cabral até a Pça. da Harmonia, onde foi apresentado o espetáculo “Saga de Jorge” pela Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades, seguido de rodas de tambor, samba e capoeira, com Roda de Capoeira do Mestre Graúna, Tambor de Crioula das Mariocas, Vozes do Cais com o Coletivo Utensílios Domésticos, Conexão Carioca de Rodas na Rua e Roda de Samba com os Teimosos da Gamboa.

Folheto de lançamento do ComDomínio Cultural.

<http://www.portomaravilha.com.br/conteudo/pdfs/Folder-e-Mapa-Festival-Gastronomico-Sabores-do-Porto-2012-11-14.pdf>. Acesso em 20.11.2012.

¹¹⁶ Tia Lúcia oferece oficinas de arte com materiais recicláveis na Vila Olímpica da Gamboa e tem alguns de seus trabalhos expostos no Instituto Pretos Novos (IPN). Na Semana do Meio Ambiente de 2013 o Movimento Social Cultural (MSC) fez um perfil da Tia Lúcia: http://www.movimentoculturalsocial.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15. Acesso em 18.07.2013.

¹¹⁷ Vídeo do cortejo, nomeado a “A alvorada cultural do Porto”, foi publicado no canal do YouTube, plataforma de compartilhamento de vídeos, da Cidade Olímpica. Apesar da presença das falas de agentes artísticos da Região Portuária, o “alvorada” do título implica a ideia de um certo recomeço, o que considero problemático. Outros vídeos da Cidade Olímpica em <https://www.youtube.com/user/riocidadeolimpica/videos>. O projeto Porto Maravilha também possui um canal do You Tube: <https://www.youtube.com/user/VIDEOSPORTOMARAVILHA>. Últimos acessos em 12.07.2013.

Em folheto do ComDomínio distribuído no dia do lançamento, no qual constam os patrocínios da Prefeitura, do Porto Maravilha Cultural e da Porto Novo, há uma mão segurando um mapa parcialmente enrolado com apenas o dedo médio estendido, o que é considerado um gesto de ofensa sutil, porém aparente, e uma possível forma de indicar que os grupos possuem uma visão crítica sobre o projeto e suas possíveis contradições. No folheto também há um texto com as motivações para a sua fundação, do qual segue o trecho que considero mais relevante para a presente análise:

(...) A aproximação de grandes eventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, e o consequente investimento na requalificação urbana da região portuária, estimularam a economia local e incentivaram o reconhecimento do seu patrimônio material e imaterial. As maravilhas reveladas na verdade já estavam aqui, vivas e potentes, a históricos anos e fazem todos parte de um território cultural único na sua diversidade. Este mesmo processo possibilitou a vinda de novos agentes de produção cultural – interessados em espaços para criação e exibição – e o surgimento de bens públicos focados em memória e cultura. Nesta última década, portanto, os antigos se misturaram com os novos, a sabedoria da ancestralidade e a leveza da descoberta andaram de mãos dadas e, de fato, a região portuária resgatou para si o respeito e a consagração que lhe são devidos. (...)

Os grupos do ComDomínio assumem, desta forma, o protagonismo das mudanças no porto, valendo-se da presença histórica para legitimar suas demandas atuais, frente aos novos discursos e reconhecimentos patrimoniais. Outra atividade que mistura interesse locais com os da Prefeitura e do consórcio é a HarmonizAção, que acontece na Pça. da Harmonia e é promovida pela Porto Novo e pela CDURP. O ComDomínio e a praça guardam uma relação de retroalimentação desde anos antes do lançamento oficial do grupo. Segundo Mercedes Guimarães, diretora do IPN, em fala ao jornal O Globo:

A primeira reunião do Condomínio Cultural foi em 2008, quando ainda começava a se falar em revitalização da região portuária. A gente se organizou para evitar a exploração da praça por um pessoal que caísse aqui de paraquedas, quando nós já estamos lutando pela cultura dessa área há tanto tempo¹¹⁸.

A Pça. da Harmonia passou por obras do Porto Maravilha em dezembro de 2011, recebendo novo coreto e jardins e atraindo eventos para o local. Segundo Gabriel Catarino, presidente da Associação de Moradores e Amigos da Gamboa, em entrevista ao jornal O Globo, “Agora isso aqui está sempre cheio. É muito bom que os cariocas redescubram este lugar, que é a maior praça arborizada da Zona Portuária, com mais de 300 anos de História”¹¹⁹.

Participei da segunda edição da HarmonizAção no sábado dia 15 de dezembro de 2012¹²⁰. O evento contava com uma série de serviços prestados em tendas montadas ou veículos estacionados ao redor da praça, como Defensoria Pública, atendimento psicológico, feira de artesanato, informações sobre o IPN, exposição fotográfica, maquete da Região Portuária com as obras em curso, folhetos do Hospital dos Servidores e do Hospital da Gamboa, balcão de empregos, informações sobre os cursos do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), distribuição de folhetos sobre reciclagem¹²¹, oferecimento gratuito de drenagem linfática e de avaliações dermatológica, postural e do Índice de Massa Corporal (IMC).

A presença na praça não é uma novidade para a Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades. As aulas regulares, que são abertas para o público, com preferência para os moradores da Região Portuária, ocorrem aos sábados e com uma certa regularidade os alunos fazem o trajeto de cerca de 150m da casa da companhia até a Pça. da Harmonia para treinar ao ar livre. A relação

¹¹⁸ “A praça é do povo”. 19/08/2012. O Globo, Globo. Revista, pp. 26 e 27.

¹¹⁹ “A praça é do povo”. 19/08/2012. O Globo, Globo. Revista, pp. 26 e 27.

¹²⁰ Chamada para o evento no endereço eletrônico do consórcio Porto Novo <http://www.portonovosa.com/index.php/2012/12/13/sabado-e-dia-de-harmonizacao-nagamboa/>. Último acesso em 03.02.2013.

¹²¹ Lembrando que na área alvo do Porto Maravilha a coleta de lixo é de responsabilidade da Porto Novo.

dos transeuntes com os pernaltas é cordial, com algumas manifestações de surpresa com a nossa presença, mas também com muitos olhares acostumados àquela cena. Na semana anterior ao desfile no Escravos da Mauá, com treinos diários para a preparação, a presença na praça se deu em todas as aulas, com mais de trinta pernaltas ocupando-a, bem como as ruas em seu entorno. A movimentação mais tranquila nesse lugar circundante à praça, frequentemente associado aos ares de cidade do interior durante os nossos treinos, torna a prática dos exercícios na perna de pau facilitada, promovendo uma presença e apropriação desse espaço público.

A Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades participou do segundo Harmonização com uma aula aberta de dança orgânica e uma breve apresentação nas pernas de pau. Antes das atividades começarem, todos recebemos uma camisa do evento, com os patrocínios inclusos, e na hora de subirmos nas pernas de pau houve uma solicitação para os pernaltas que não estivessem com a camisa a vestissem. Requeria-se, assim, uma adesão ao projeto de ação social da Porto Novo e da CDURP, com a necessidade de “vestir a camisa”, literalmente, para demonstrar a eficácia dos vínculos que sustentavam o evento. O “vestir a camisa” não foi o primeiro imperativo da Porto Novo. Dentre as normas há algumas visitas de fotógrafos da concessionária para o registro de aulas e a inclusão do logotipo de patrocínio em materiais impressos para a promoção da companhia.

Apesar de haver a intenção local de não observar o projeto de forma “chapada” – ou seja, sem reentrâncias que permitam outros usos e significados – e existir o benefício dos financiamentos que chegam juntos com as obras, o processo não é imune a tensões¹²². Em entrevista com a diretora da Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades, Lígia Veiga, para o endereço eletrônico do

¹²² Para além dos grupos artísticos, os fóruns populares e ocupações urbanas estão em constante disputada com as medidas de remoção e outras atitudes da implantação do Porto Maravilha que violam o direito à cidade, realizando um importante trabalho de crítica e de fiscalização. Cito como exemplo o impasse do Fórum Comunitário do Porto para simplesmente fazer uma gravação no Jardim no Valongo. Relato em [http:// forumcomunitariodoporto.wordpress.com/2013/01/31/minha-carne-e-de-carnaval-meu-coracao-e-igual/](http://forumcomunitariodoporto.wordpress.com/2013/01/31/minha-carne-e-de-carnaval-meu-coracao-e-igual/). Último acesso em 01.07.2013.

Porto Maravilha¹²³, fica perceptível que as relações dos grupos artísticos com o Porto Maravilha e a Porto Novo são perpassadas pela busca da preservação e manutenção no lugar. Lígia Veiga quer “que o dinheiro circule aqui”, a Região Portuária, sendo o ComDomínio criado como “uma rede para garantir políticas públicas e fortalecer nossas atividades na região”. Essas relações mostram tonalidades mais amplas de opiniões e vínculos entre as polaridades da crítica negativa dos movimentos sociais e da posituação pelos meios de comunicação de massa¹²⁴.

Centralidade e deslocamentos

A seguir apresento algumas disputas sobre a Região Portuária e sua centralidade, problematizando a marca de um suposto desgaste das relações urbanas, cujo discurso inclui tanto a infraestrutura quanto os usos dos espaços públicos. Tal estigma pauta a relação do projeto Porto Maravilha com os grupos artísticos e as diretrizes sobre patrimônio, que serão abordadas na sequência.

Os discursos sobre a falta de vida e a decadência são, como já mencionado, constantes nas justificativas para a implantação do projeto Porto Maravilha. A “retórica do abandono” sobre as áreas centrais tende a destacar a saída de pessoas, mas não lida com aqueles que chegam ou mesmo permanecem em tais locais. Para a compreensão dos discursos sobre a perda da centralidade da Região Portuária é necessário ressaltar o que se entende por centro e centralidade.

Segundo Castells, “o termo centro urbano designa simultaneamente um lugar geográfico e um conteúdo social” (1979: 182). O autor indica que os centros são caracterizados em geral por três eixos conceituais. O primeiro situa o centro como o ambiente em que se concentram as atividades de comunicação e se estabelece a acessibilidade ao conjunto da área urbana. Segundo, como lócus do intercâmbio de bens e serviços, coordenando atividades descentralizadas. Por fim, como um núcleo lúdico, com lugares de diversão e de ócio. a construção de novas centralidades como o deslocamento

¹²³ Entrevista disponível em: <http://blogportomaravilha.com/2013/04/26/festa-com-o-dominio-de-jorge-lanca-comdominio-cultural/>. Acesso em 20.07.2013.

¹²⁴ Como já exposto na introdução.

ou a expansão de serviços para uma área que, em razão desses novos atrativos, torna-se uma referência conhecida para o restante da cidade e um ponto de interseção entre outras áreas (CASTELLS, 1979: 185).

Não se deve, contudo, confundir um centro com um lugar de passagem. Os centros têm um “algo a mais” que marca essa diferença, sendo que esse “valor urbano acrescentado” se observa através de marcadores presentes nos três supracitados níveis de análise para a centralidade: “o simbólico, o de intercâmbio e o de criação de um meio social” (CASTELLS, 1979: 201). A formação de novas centralidades também não se confunde com a ida das elites para outros espaços urbanos, o que é algo constitutivo, mas não suficiente para caracterizá-la. Há outros fatores potencialmente agitadores de novas centralidades, como a concentração territorial do setor terciário moderno e a retórica da grande imprensa sobre os “novos centros”.

As intervenções urbanísticas no centro passam a surgir não apenas como possibilidade de reverter a situação considerada degradada, compreendida nos discursos pela falta de investimentos em infraestrutura urbana e suas consequências de abandono da posição de referência na cidade, como se tornam justificáveis em contraposição às possíveis novas centralidades e às formas de crescimento que as produziram. No caso do Rio de Janeiro, de acordo com o prefeito Eduardo Paes: “É uma mudança na lógica de crescimento do Rio, que sempre fugiu do Centro, sempre foi em direção à Zona Oeste”¹²⁵.

O presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) no Rio de Janeiro, Sérgio Magalhães, ex-secretário de urbanismo da cidade, também relaciona a revitalização da Região Portuária com a expansão para Zona Oeste como contraponto, citando o bairro Barra da Tijuca:

¹²⁵ “Barcelona será inspiração para reforma da zona portuária do RJ”. 28.06.2011. Portal Terra, via BBC. Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI5211002-EI8139,00_Projeto+inspirado+em+Barcelona+vence+Porto+Olimpico+no+Rio.html; “Projeto inspirado em Barcelona vence concurso para zona portuária do Rio”. 28.06.2011. R7, Record, via BBC. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/projeto-inspirado-em-barcelona-vence-concurso-para-zona-portuaria-do-rio-20110628.html>; “O Rio quer ser Barcelona”. 01.12.2010. Exame. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0981/noticias/quero-ser-barcelona>. Últimos acessos em 26.07.2013.

O desenvolvimento da Região Portuária é muito importante. Hoje, o centro da cidade está enfraquecido porque, nas últimas décadas, o Rio de Janeiro investiu exageradamente em outras áreas, sobretudo na Barra da Tijuca. É um lugar muito importante na construção da identidade metropolitana¹²⁶.

A Região Portuária e a Barra da Tijuca também são postas em paralelo quanto à capacidade de absorver novos aparatos urbanos de interesse ao modelo de cidade em gestão¹²⁷. Para além, Moreira (2011: sem paginação) considera que as novas obras na Região Portuária tendem a pensar o lugar como um prolongamento de bairros vizinhos nobres, tais como os bairros da Zona Sul próximos ao centro, e ainda como uma nova Barra da Tijuca, na perspectiva de que as obras contemporâneas no porto sejam em parte um reflexo do modelo urbanístico implantado na Barra da Tijuca, que é um bairro considerado segregador, sem enfoque nos espaços públicos¹²⁸.

A relação entre a Barra da Tijuca e a Região Portuária também é percebida como ocasional, estando relacionados somente por serem dois espaços que conseguem incluir o potencial de expansão da cidade. Segundo Álvaro Bezerra de Mello, presidente da Associação Brasileira de Indústria de Hotéis (ABIH): “Na Zona Sul não tem mais capacidade, mas a Barra da Tijuca e a Zona Portuária estão em crescimento. A rede Accor, por exemplo, planeja a

¹²⁶ “Rio 2016: bons ventos que sopram com os Jogos são esperança de tirar do papel planos antigos e revitalizar a Zona Portuária”. 27.11.2010. O Globo, Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2010/11/26/rio-2016-bons-ventos-que-sopram-com-os-jogos-sao-esperanca-de-tirar-do-papel-planos-antigos-revitalizar-zona-portuaria923118456.asp>. Último acesso em 26.07.2013.

¹²⁷ “Além da Barra, região Portuária desponta como nova fronteira do desenvolvimento da cidade”. Para onde segue o Rio? O Globo (Globo). Rio imóveis 2013. Perspectivas. 24 mar. 2013. p. 3.

¹²⁸ A centralidade torna-se mais facetada com esses bairros intermediários, revelando uma centralidade multipolar. Segundo Frúgoli Jr.: “A clássica relação centro-periferia (...) tornou-se ainda mais complexa a partir da proliferação de condomínios fechados principalmente em áreas periféricas da cidade, com a formação de enclaves excludentes voltados a classes sociais de grande poder aquisitivo, próximos a áreas populares, com sofisticados esquemas de segurança privada, gerando uma segregação que vem resultando em uma metrópole apartada e ‘intramuros’ (cf. Caldeira, 1997)” (2006: 38-39).

construção de três hotéis no Cais do Porto”¹²⁹. Quase o mesmo é dito pelo presidente da ABIH-RJ, Alfredo Lopes: “Depois da Barra, outra área de expansão é o Porto Maravilha”¹³⁰; igualmente, por Romualdo Rezende, chefe da unidade estadual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Rio de Janeiro: “Tirando a área de revitalização da zona portuária, o Rio só tem a zona oeste para crescer”¹³¹.

As duas localidades, de fato, concentram as intervenções urbanas voltadas para os Jogos Olímpicos de 2016: o Porto com o Porto Olímpico, subprojeto do Porto Maravilha, e a Barra da Tijuca com o monumental e igualmente controverso projeto do Parque Olímpico¹³². A valorização e a especulação imobiliária também afetam a Barra da Tijuca, que é ampliada territorialmente e usada como marca em empreendimentos imobiliários de bairros vizinhos, que ou se autnomeiam nos limites oficiais da Barra da Tijuca ou adotam a proximidade ao bairro como identificação, como o condomínio “Caminhos da Barra”¹³³.

A relação entre a Região Portuária e a centralidade carioca também é acionada em função do lócus central privilegiado, que tornaria inadmissível um contexto de degradação. Para o prefeito Eduardo Paes, “O que você vai ter ali é o ressurgimento de uma cidade. É no centro, com toda a infraestrutura, próxima ao local de trabalho e que representa para o Rio de Janeiro a possibilidade de recuperação”¹³⁴.

¹²⁹ “Rio aposta na diversificação e garante leitos para a Copa”. 29. 11. 2010. Panrotas Portal de Turismo. Disponível em: http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/mercado/rio-aposta-na-diversificacao-e-garante-leitos-para-copa_63551.html. Último acesso em 13.07.2012.

¹³⁰ “Ocupação dos hotéis do Rio registra incremento de 12%”. 14.12.2011. Panrotas Portal de Turismo. Disponível em: http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/mercado/ocupacao-dos-hoteis-do-rio-registra-incremento-de-12_73966.html. Último acesso em 13.07.2012.

¹³¹ “Zona Oeste tem os bairros mais populosos do Rio, diz o IBGE”. 01/07/2011. Terra Notícias via Agência Brasil. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI5216751-EI8139,00-Zona+oeste+tem+os+bairros+mais+populosos+do+Rio+diz+IBGE.html>. Último acesso em 26.07.2013.

¹³² Para mais informações sobre o projeto no endereço eletrônico: <http://www.rio2016.org/>. Acesso em 03.03.2012.

¹³³ “Barra, uma grife que não respeita fronteiras”. 17.06.2012. RIO 23, O Globo, Globo.

¹³⁴ “Paes assina contrato para recuperação da zona portuária do Rio”. 27.12.2012. G1, Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/12/paes-assina-contrato-para-recuperacao-da-zona-portuaria-do-rio.html>. Último acesso em 13.07.2012.

As ideias para intervenções urbanísticas na Região Portuária do Rio de Janeiro não são uma novidade (MAGALHÃES, 2011; MOREIRA, 2011). Desde os anos 1970 há a busca de alternativas urbanísticas para esse espaço, com a recorrência de usar como modelos os projetos já implantados no exterior, segundo Moreira, “sempre mais inspiradas em modelos internacionais e menos em uma eloquente especificidade local” (2011: sem paginação). Como já mencionado, o Porto Maravilha tem cidades internacionais como modelos em seu projeto, e destas Barcelona é a que mais se destaca na prática discursiva. Segundo o prefeito Eduardo Paes, “Barcelona é o grande exemplo de transformação com a Olimpíada”¹³⁵ e “um elemento permanente de inspiração”¹³⁶. Embora considere a existência de uma certa transnacionalidade dos grandes projetos urbanos contemporâneos, suponho interessante pensar essa ênfase do Porto Maravilha em Barcelona, percebendo a relação não como modelo, mas como influência e até mesmo justificativa ou legitimação ancorados em um projeto anterior que é considerado um sucesso.

A presidente da Empresa Olímpica Municipal reforça a inspiração propagandeada por Paes: “O que eles fizeram no porto de lá [Barcelona] é o principal exemplo que temos que seguir. Eles se preocuparam desde o início em transformar a cidade”¹³⁷. Há também o interesse de escritórios arquitetônicos que desenvolveram projetos em Barcelona para investir no Rio. O escritório Alonso Balaguer, por exemplo, é um dos vencedores, em projeto unificado com um escritório brasileiro, do concurso Porto Olímpico; e o

¹³⁵ “Rio 2016: bons ventos que sopram com os Jogos são esperança de tirar do papel planos antigos e revitalizar a Zona Portuária”. 27/11/2010. O Globo, Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2010/11/26/rio-2016-bons-ventos-que-sopram-com-os-jogos-sao-esperanca-de-tirar-do-papel-planos-antigos-revitalizar-zona-portuaria923118456.asp>. Último acesso em 26.07.2013.

¹³⁶ “Prefeito de Barcelona em 1992 diz que Rio “deve se transformar”. 26.06.2012. Terra Notícias. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/noticias/0,,OI5860762-EI14532,00-Prefeito+de+Barcelona+em+diz+que+Rio+deve+se+transformar.html>. Último acesso em 26.07.2013.

¹³⁷ “Região Portuária é o elo entre Rio de Janeiro 2016 e Barcelona 1992”. 27.06.2012. Terra Notícias. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/noticias/0,,OI5861311-EI14532,00-Regiao+portuaria+e+elo+entre+Rio+de+Janeiro+e+Barcelona.html>. “Prefeito de Barcelona em 1992 diz que Rio “deve se transformar”. 26.06.2012. Terra Notícias. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/noticias/0,,OI5860762-EI14532,00-Prefeito+de+Barcelona+em+diz+que+Rio+deve+se+transformar.html>. Último acesso em 26.07.2013.

arquiteto espanhol Santiago Calatrava, mentor da monumental Torre de Comunicações de Barcelona, é o responsável pelo desenho do igualmente ousado Museu do Amanhã no cais do porto da cidade o Rio de Janeiro.

É oportuno constar que no dia 22 de junho de 2012 foi realizada no Palácio da Cidade, sede da Prefeitura, a II Conexão Rio – Barcelona: desafios e oportunidades na preparação do Rio de Janeiro para Copa do Mundo e Olimpíadas. A organização do evento, que foi de responsabilidade da Prefeitura, contou com a participação de representantes da CDURP, do Porto Novo, da Solace, incorporadora de quatro empresas privadas para atuação no subprojeto Porto Olímpico, e do escritório espanhol de Arquitetura Alonso Balaguer, responsável por parte do projeto olímpico de Barcelona e que se associou ao arquiteto João Pedro Backheuser, do escritório Blac Arquitetura e Cidade, para concorrer no edital do concurso arquitetônico para elaboração do subprojeto Porto Olímpico¹³⁸, no qual foram os vencedores¹³⁹. No evento foi distribuído, em publicação amplamente ilustrada, o plano estratégico da cidade para 2016, um DVD com comparações entre Rio de Janeiro e Barcelona, bem como se realizou uma visita guiada às principais obras, selecionadas pelos organizadores, do projeto Porto Maravilha.

O plano estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro para o período de 2013 a 2016 possui como lema “O Rio mais integrado e competitivo”¹⁴⁰. Suas áreas de atuação envolvem dez tópicos, dos quais o Porto Maravilha aparece em duas: “Habitação e Urbanização”, com os aspectos gerais do projeto, e em “Cultura”, representada pelo codinome “Polo Cultural da Zona Portuária”. A situação atual de ambos itens preza por uma imagem de abandono impactante, o que torna a descrição das obras e dos resultados esperados mais grandiosos. Seguem os trechos das situações atuais relatadas, respectivamente:

¹³⁸ Chamada para o concurso Porto Olímpico: <http://vitruvius.com.br/jornal/contests/read/152>. Acesso em 07.05.2012.

¹³⁹ “Projeto inspirado em Barcelona vence concurso para zona portuária do Rio”. 28.06.2011. R7, Record. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/projeto-inspirado-em-barcelona-vence-concurso-para-zona-portuaria-do-rio-20110628.html>. Último acesso em 26.07.2013.

¹⁴⁰ As informações completas estão presentes nas referências.

Apesar de sua localização estratégica e grande relevância histórica, a Região Portuária da Cidade do Rio de Janeiro encontrava-se em estado de grande degradação, com abandono ou subutilização de espaços públicos e imóveis públicos e privados. Para reverter esta situação, a Prefeitura do Rio criou uma Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio de Janeiro, conhecida como Porto Maravilha, para resgatar todo seu potencial social, econômico, cultural e artístico.

A Operação Urbana Porto Maravilha está preparando a Região Portuária, há muitos anos relegada a segundo plano, para integrar um processo de desenvolvimento estratégico para o Rio de Janeiro.

Já o DVD, de 2'56", inicia com frases de personagens famosos do Rio de Janeiro e de Barcelona, com declarações para as cidades em relação espelhada: "Barcelona é a nossa inspiração", prefeito Eduardo Paes / "Rio, é uma cidade maravilhosa", Joan Manuel Serrat, cantor e ator; "De Barcelona levaria a cidade *entera*", Daniel Alves, brasileiro jogador do Futebol Clube Barcelona / "Os jogos ajudarão a renovar o Rio", Pasqual Maragall, ex-prefeito de Barcelona. A seguir, são intercaladas cenas do Rio e de Barcelona ao som da música "Cada qual com a sua mania", cantada por Caetano Veloso, com a participação de Joan Manuel Serrat¹⁴¹. Estabelece-se assim uma correlação direta entre o projeto Olímpico de Barcelona e o que se pretende para o futuro do Rio de Janeiro.

Por sua vez, os pontos de visita guiada, com ônibus de visitantes saindo do Palácio da Cidade, foram os seguintes (deixo entre parênteses a situação dos pontos à época): Porto Olímpico (início das obras na Praia Formosa), Pátio da Marítima e Galpões da Gamboa (visita ao terreno do canteiro de obras da Porto Novo), Túnel da Saúde (visita às obras do novo sistema viário, com o binário, e visita às obras da futura sede do Banco Central), Avenida Barão de Tefé (observação do modelo de infraestrutura urbana implantado na primeira fase do Porto Maravilha), Praça Mauá

¹⁴¹ Disponível em: <http://letras.mus.br/caetano-veloso/1829534/>. Último acesso em: 20.06.203.

(perfuração dos túneis do binário e obras do MAR e da Escola do Olhar) e Píer Mauá (obras do Museu do Amanhã).

Folheto com pontos de visitação guiada .

A partir do projeto Porto Maravilha é possível captar discursos de retomada do interesse pelo centro, numa redefinição dos espaços privilegiados e, por mútua afetação, da distribuição de recursos pela cidade. Ao situar o processo de revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro num contexto mais amplo, percebe-se que diferentes dimensões marcam o protagonismo das áreas centrais de cidades ao redor do planeta. O enobrecimento de áreas centrais na América Latina faz parte de uma tendência que tem se propagado em outras partes do mundo: Inner Harbor, Baltimore (EUA); London Docklands, Londres (Reino Unido); Battery Park City, Barcelona (Espanha)¹⁴²; Nova Iorque

¹⁴² Ressalta-se que o projeto olímpico de Barcelona é a grande inspiração para o projeto Porto Maravilha. O exemplo de Barcelona está presente no projeto e uma dos principais escritórios de arquitetos que trabalharam nos projetos de Barcelona (como a Plaza Europa, o Diagonal Mar e o Porto Olímpico), o Alonso Balaguer Arquitectos Asociados é um dos escritórios do consórcio vencedor do Projeto Porto Olímpico, integrante do projeto Porto Maravilha. Endereço eletrônico: www.alonsobalaguer.com. Acesso em 03.07.2012. Informações obtidas a partir de

(EUA); La Défense, Paris (França); Vila Olímpica¹⁴³. São todas áreas antes consideradas como decadentes que deram lugar a grandes complexos imobiliários, que passaram a representar uma nova centralidade em seus respectivos contextos:

(...) os projetos contemporâneos de “revitalização” recolocaram os velhos centros históricos na pauta das políticas públicas e transformaram-se em um agudo esforço das gestões municipais na recuperação das políticas econômicas locais (LEITE, 2007: 71).

O processo segue a feição da promoção do centro tradicional, que se justifica pela perda de moradores e declínio, atravessa mudanças contidas pela burocratização do setor imobiliário e se consolida por meio da verticalização e do reforço na expulsão dos moradores antigos para a atração de um novo, e com maior poder financeiro, perfil de residentes (FRÚGOLI JR., 2006: 21, 22). Especificamente sobre as áreas portuárias, as motivações englobam as mudanças nas atividades de comércio marítimo, que prescindiram da quantidade de espaço anteriormente necessária para estocagem de mercadorias, as quais passaram a ser cada vez mais “colocadas em contêineres na origem, viajando sobre diversos modais até chegarem aos navios, num cronograma apertado, que dispensa a longa espera de antigamente” (MAGALHÃES, 2011: sem paginação). Gera-se, assim, espaço, em geral de posse do poder público, vago e com boa localização, como é o caso de parte da Região Portuária do Rio de Janeiro, que tem a maior parte dos terrenos de propriedade do governo federal, como já mencionado.

As novas centralidades, desta forma, não são apenas moldadas pelo aparecimento de novas áreas centrais, mas também pela reativação de

palestra de arquiteto representante do escritório Alonso Balanguer no dia 26 de junho de 2012 no evento “Conexão Rio-Barcelona”, organizado pela prefeitura do Rio de Janeiro.

¹⁴³ Informações obtidas nas aulas da disciplina “Avaliação dos Grandes Projetos Urbanos: Crítica da Prática Recente”, da Faculdade de Arquitetura da USP (FAU) lecionada no segundo semestre de 2011 pelos Profs. Drs. Eduardo Nobre e Jorge Bassani. Meus agradecimentos aos professores. Parte do conteúdo das aulas está disponível em: http://www.fau.usp.br/docentes/deprojeto/e_nobre/pos_grad/programa_5869.html. Último acesso em 10.12.2011.

interesses em áreas que já possuíram poder hegemônico na vida cidadina e que são reformuladas para o retorno a esse espaço central, ainda que isso acarrete mudanças descaracterizantes e que não reflitam os interesses dos que nela residem e comercializam (FRÚGOLI JR., 2006: 21, 22). Os projetos de renovação urbana são, de acordo com Campos Neto e Somekh (2005: sem paginação), hasteados em áreas industriais e portuárias principalmente pela boa localização, em geral próxima das – ou nas – áreas centrais antigas, por vezes conhecidas também como “centros históricos”.

Sentidos do patrimônio

A conservação de marcas de uma identidade antiga, relacionada historicamente à uma narrativa de nascimento da cidade, às suas áreas centrais e ao seu desenvolvimento em épocas mais ou menos mitificadas é um forte elemento que compõe o patrimônio de um espaço ou, até mesmo, o constitui em patrimônio (CORDEIRO E COSTA, 1999: 58-79). Essa valorização dos discursos em torno da identidade local é, em geral, seguida de apelos à preservação do patrimônio histórico edificado (BOTELHO, 2006: 45-67). A articulação entre esses elementos começa a aparecer de forma mais clara na Região Portuária com o processo de implantação do projeto Porto Maravilha, pois as obras perpassam áreas que possuem diversos imóveis tombados e outros em processo de tombamento (MACROFUNÇÃO HABITAR O CENTRO, 2003: 1-22)¹⁴⁴.

¹⁴⁴ Sítios e patrimônios históricos mencionados no projeto Porto Maravilha: Edifício “A noite”; Mosteiro de São Bento; Morro da Conceição; Igreja de São Francisco da Prainha; galpões da Gamboa; edifício Dom João VI (acoplado às obras do MAR). Lista de imóveis tombados presentes em listagem recente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o (IPHAN): casa nº 21 da Ladeira do Morro do Valongo (nº do processo: 0010-T-38); Igreja de São Francisco da Prainha (nº do processo: 0022-T-38); Jardim e Morro do Valongo (nº do processo: 0099-T-38); Palácio Episcopal do Morro da Conceição (nº processo: 0155-T-38). Todos com data de inscrição no Livro Belas Artes e no Livro Histórico ano de 1938. Publicação consultada: “Bens móveis e imóveis inscritos no livros de tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 1938-2009”. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1356>. Acesso em 10.06.2012. Para uma crítica à atuação do IPHAN no Morro da Conceição, ver artigo “Revitalização do Porto, IPHAN e Políticas Culturais no Morro da Conceição” (BARBOSA, OSSOWICKI, 2009).

Os sentidos do patrimônio são construídos a partir de recortes sobre a cidade que selecionam os elementos mais significativos para a construção de sua singularidade. Para Leite, esses recortes são sempre induzidos, pois “as interpretações sobre os significados do patrimônio não são isentas da parcialidade que refaz os nexos constitutivos entre a construção dos espaços centrais da cidade e as relações de poder” (2007: 157).

As dualidades da urbanização são claras em metrópoles com centros históricos, segundo Serageldin e Shluger (2001: XV). Para os autores, cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Cairo, Bangkok, Bombai e Cidade do México possuem as características de sua formação marcadas por disparidades como o formal e o legal e o informal e o irregular. Por outro lado, algumas cidades com esses enquadramentos conseguem grandes avanços no desenvolvimento urbano, entre as quais se cita o Rio de Janeiro (SERAGELDIN, SHLUGER, 2001: XVI)¹⁴⁵.

No caso do projeto Porto Maravilha, a espacialização e a materialização da cultura nas áreas centrais, notoriamente sob a forma de patrimônio, são justificativas para a escolha da Região Portuária como um espaço para a implantação de modificações urbanas, como já exposto a partir das análises sobre o projeto. A história desse espaço e sua importância para a memória da cidade tornariam como inadmissível a considerada pouca visitação por quem não é habitante. Contudo, esses temas relacionados à patrimonialização também ganham força a partir de lutas a posteriori, como será exposto a seguir.

As áreas centrais são em geral as regiões de maior acessibilidade e concentração de diversos equipamentos, além de deterem os marcos de memória da cidade e seus diversos significados. No centro do Rio de Janeiro, a chamada Área Central de Negócios (ACN) é envolvida pelas Áreas de Proteção do Ambiente Cultural (APACs), que abrangem o Corredor Cultural¹⁴⁶, a Cruz Vermelha, parte da Saúde, Gamboa e Santo Cristo (SAGAS) e a Rua

¹⁴⁵ Outros exemplos brasileiros são as cidades de Ouro Preto, Olinda e Recife. Dos exemplos internacionais constam Ahmedabad, Bergen e Bilbao (SERAGELDIN, SHLUGER, 2001: XVI).

¹⁴⁶ “A valorização da área central como projeto de revitalização do centro está pautada desde a gestão municipal do prefeito Israel Klabin (1979-1980) que tomará a decisão de preservar partes do Centro, criando o Corredor Cultural, cuja Câmara Técnica era composta por intelectuais como Nélida Piñon, Rubem Fonseca e Sérgio Cabral” (OLIVEIRA, 2009: 75).

Teófilo Otoni. Segundo Sampaio (2007: 115), essas APACs cobrem aproximadamente 70% do espaço do Centro e possuem juntas cerca de 3.000 edificações protegidas, as quais formam o núcleo histórico carioca. A Região Portuária já contava com imóveis tombados como patrimônio anteriormente ao projeto, mas as obras que o envolvem convergem interesses e constroem novos processos de reconhecimento patrimonial.

As obras do projeto Porto Maravilha têm revelado novas áreas de proteção do patrimônio cultural com a descoberta em 2012 de ruínas do Cais do Valongo e do Cais da Imperatriz, então embaixo da Av. Barão de Tefé ¹⁴⁷. A atenção pública ao conjunto de achados pressiona a gestão pública a instaurar, também em 2012, o projeto Urbanístico, Museológico e Arquitetônico do Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana na Região Portuária do Rio de Janeiro, apresentado em junho de 2012 a partir dos estudos de um grupo de trabalho criado por decreto ao fim de 2011 ¹⁴⁸.

Imagens de alguns patrimônios da Região Portuária. Fonte: projeto Porto Maravilha.

¹⁴⁷ "Rio descobre ruínas do cais da Imperatriz e do cais do Valongo. 02.03.2011. Band. Disponível em: <http://www.band.com.br/jornaldaband/conteudo.asp?ID=100000406107>; "Obras de restauração dos galpões do projeto Porto Maravilha custarão R\$ 7,85 milhões". 20.07.2011. R7, Record. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/prefeitura-assina-contrato-para-o-inicio-das-obras-do-projeto-porto-maravilha-20110720.html>. Último acesso em 26.07.2013. "O tesouro do Porto". 03.06.2012. RIO, 35. O Globo.

¹⁴⁸ A criação do grupo foi efetivada em 2011 por meio do decreto n° 34803. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/81898040/DECRETO-N-34803-RJ> e em http://www.4shared.com/office/C0xJ8mDa/DECRETO_N_34803_RJ.html. Acesso em 25.06.2012.

O projeto do circuito histórico e arqueológico¹⁴⁹ foi lançado em uma audiência pública promovida no galpão da Ação e Cidadania na Gamboa em parceria com o Grupo de Trabalho Curatorial dos achados arqueológicos nas obras do projeto. No evento, que contou com um representante da CDURP, foi apresentado o documento final desse grupo para o Projeto Urbanístico, Museológico e Arquitetônico do Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana na Região Portuária do Rio de Janeiro, com a criação, segundo carta entregue na audiência, do mencionado circuito homônimo ao projeto desenvolvido pelo grupo. O circuito contempla o Cais do Valongo e o Cais da Imperatriz, que ganharam uma placa indicativa da presença no circuito, o Jardim do Valongo, a Pedra do Sal, o Lgo. do Depósito¹⁵⁰, o Instituto Pretos Novos e o Centro Cultural José Bonifácio. Há na carta recomendações para preservação e, sobretudo, concessão de incentivos à apreciação do patrimônio, tanto o recém catalogado quanto o já existente como tal antes das obras.

O início do evento para a criação do circuito foi marcado pela fala da coordenadora cultural da Ação da Cidadania, Ruth Almeida, para a qual naquele momento a Região Portuária “reencontra a centralidade e reencontra na centralidade o reconhecimento dos negros”. No evento havia a presença de aproximadamente cem pessoas, muitos moradores e representantes de grupos relacionados aos movimentos negros. O clima era de comemoração, com comidas e bebidas, e de informalidade, apesar da presença de representantes do governo e da PPP. O presidente da CDURP, Alberto Gomes Silva, classificou o momento como de conciliação entre poder público e sociedade civil frente as demandas para o lugar, em um “processo muito bonito de

¹⁴⁹ O processo de instauração do circuito foi objeto de estudos de Vassallo (2012: 11-29).

¹⁵⁰ “Por volta de 1770, o Marquês de Lavradio transferiu o mercado de escravos da Praça XV para a região do Valongo. O Largo do Depósito, hoje Praça dos Estivadores, era onde se concentravam os armazéns dos ‘negociantes de grosso trato’ que controlavam o mercado negreiro. Em 1831, foi extinto o depósito de escravos na rua do Valongo”. Do endereço eletrônico da Fundação Cultural Palmares, do movimento negro, onde também constam parágrafos sobre os outros pontos do circuito, já apresentados ao longo da dissertação: <http://www.palmares.gov.br/2012/07/rio-de-janeiro-e-a-primeira-cidade-do-mundo-a-receber-o-titulo-de-patrimonio-mundial-como-paisagem-cultural/>. Os pontos também são explicitados no endereço eletrônico do projeto Porto Paravilha: <http://portomaravilha.com.br/conteudo/ccjb.aspx>. Últimos acessos em 26.07.2013.

acúmulo e agregação”. Para Alberto Silva há um papel ativo da CDURP no resgate patrimonial, com a valorização do patrimônio através de recursos da operação urbana, em suas palavras: “Reconhecendo que aqui se tem um tesouro muito importante”.

O circuito está sob a coordenação da Subsecretaria de Patrimônio do Rio de Janeiro, que foi representada no evento de lançamento por Paulo Vidal, coordenador de Projetos e Fiscalização da Subsecretaria de Patrimônio da Prefeitura. Vidal ressaltou que o “potencial arqueológico” era sabido, sobretudo pelo Cemitério dos Pretos Novos mantido pelo IPN, estabelecendo-se um “cenário muito interessante” que, segundo o coordenador, foi considerado pelo projeto Porto Maravilha: “cronograma tem que se adequar ao que se encontra”. Vidal agradeceu aos coordenadores do IPN e às mães de santo, “levando em conta a dimensão espiritual”.

Interessa notar que os discursos sobre os patrimônios vão se articulando e aderindo a múltiplos interesses, desde políticas de Estado às estratégias de reconhecimento do pertencimento a um lugar (LIMA FILHO, 2012: 115). Essas dinâmicas podem ser ambíguas: “Em geral, trata-se de reivindicações identitárias, fundadas numa memória coletiva ou numa narrativa histórica, mas, evidentemente, envolvendo interesses muito concretos de ordem social e econômica” (GONÇALVES, 2012: 60).

O próprio conceito de patrimônio está em expansão. Gonçalves considera que desde a primeira metade da década de 1990 diversas mudanças apontam para a falta de hegemonia do Estado na nomeação do que é patrimônio, incorporando ao debate organizações não governamentais, movimentos sociais e empresas (2012: 63, 64)¹⁵¹.

Por hora, cabe registrar que “o chamado campo discursivo dos patrimônios culturais é bastante complexo e constituído por uma série de ambiguidades, contradições e paradoxos” (GONÇALVES, 2012: 69). Como possível solução para os problemas na conceitualização do patrimônio, o autor sugere substituí-la por patrimonialização, deixando claro o viés de pensamento processual: “Não mais pensá-los como ‘entidades’, mas como atividades, formas de ação, e perguntarmos pelas suas consequências” (2012: 71).

¹⁵¹ Os usos do termo vão sendo apropriados inclusive para a atração turística, como será desenvolvido a seguir, no terceiro capítulo.

Canclini ressalta preocupação semelhante, argumentando que se deve atentar para o risco do pensamento sobre patrimônios incorrer em alguma busca por autenticidade. O foco volta-se para os processos, reconstruindo a partir da “verossimilhança histórica” as “bases comuns para uma reelaboração de acordo com o presente” (1989: 202). Leite, por sua vez, utiliza o termo relíquia para abordar os casos em que a tradição é realocada na forma alterada de seu patrimônio, transformando-o em mercado cultural, situação que geralmente ocorre quando há participação do setor privado no gerenciamento das políticas patrimoniais (2007: 73, 291).

Na Região Portuária as obras do projeto Porto Maravilha têm revelado novas áreas de proteção do patrimônio com a descoberta de ruínas do Cais do Valongo¹⁵² e do Cais da Imperatriz. Em escavações, no centro das obras do Porto Maravilha, foram encontrados, abaixo do monumento que informa a existência do Cais da Imperatriz, o cais referido e, logo abaixo, o Cais do Valongo, berço da chegada dos africanos escravizados na cidade¹⁵³. O Cais do Valongo foi soterrado, em uma sobreposição emblemática, no ano de 1843 para a chegada da imperatriz Teresa Cristina, cônjuge do imperador D. Pedro II (MELLO, 2003: 35, 36). Projetado pelo arquiteto francês Grandjean de Montigny, o Cais da Imperatriz é uma obra arquitetônica que visou ocultar memórias da escravidão e do seu comércio nas imediações do porto.

¹⁵² “Ao aportarem junto ao cais, os navios descarregavam a carga humana em frente ao principal edifício da Colônia, o Paço dos Vice-reis, o que fez com que o representante do rei de Portugal na colônia, o vice-rei marquês de Lavradio [que governou a colônia de 1769 a 1779], mandasse transferir para o Valongo a atividade dos navios transportadores de escravos” (PINHEIRO, 2010: 27). “A ocupação dessa orla recebeu impulso no fim do século XVIII, quando o marques do Lavradio ordenou a transferência para o Valongo da compra e venda de escravos, antes praticada nas ruas centrais” (BENCHIMOL, 2010: 165).

¹⁵³ Em entrevista, a arqueóloga responsável pelo monitoramento arqueológico na Região Portuária, Tania Andrade Lima, afirma que o conhecimento da existência do Cais da Imperatriz e do Cais do Valongo não é novidade, mas não se esperava encontrar remanescentes dos cais após tantas reformas urbanas no lugar durante o século XX. Segundo a arqueóloga, o Cais do Valongo está mais bem conservado que o Cais da Imperatriz e há prioridade quanto aos seus vestígios, pois se trata de itens de um passado de comércio escravista que se tentou esconder, com o Cais da Imperatriz e as obras subsequentes. Entrevista disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI225809-17770,00-UM+TESOURO+ARQUEOLOGICO+NO+RIO+DE+JANEIRO.html>. Último acesso em 18.07.2012.

Interessa igualmente notar como demolições podem resgatar ícones materiais desconhecidos e revelar contradições nos trabalhos de preservação, na medida em que pode haver preservação na própria demolição (GOYENA, 2011: 604-606). Goyena posiciona seus argumentos contra uma definição aprioristicamente negativa sobre o termo demolição, que costuma ser associado ao esquecimento, em oposição a palavras como preservação e memória (2012: 159).

No caso do Porto Maravilha¹⁵⁴ foram as escavações envolvendo as obras de recapeamento e alargamento da Av. Barão de Tefé que revelaram o Cais do Valongo e o Cais da Imperatriz. Como já se supunha que haveria material arqueológico, uma equipe de especialistas acompanhou todo o processo para a salvaguarda dos possíveis, depois concretizados, vestígios do passado. Observa-se, desta forma, relações complexas entre demolições, esquecimento, resgate, lembrança e preservação.

Achados arqueológicos do Cais do Valongo e do Cais da Imperatriz. Foto da arqueóloga Tânia Andrade Lima, responsável pelos trabalhos na Região Portuária.

¹⁵⁴ Poderia-se pensar nessas reflexões para o caso da retirada do Viaduto da Perimetral. Sua ausência revelaria a preservação de uma paisagem para o mar novamente livre de impedimentos urbanísticos.

A tentativa de provocar esquecimento do Cais do Valongo perde seu mérito na materialidade encontrada nas escavações¹⁵⁵. Na visão da coordenadora da equipe de Arqueologia que supervisiona as obras do Porto Maravilha, a professora Tânia Andrade Lima, empenha-se uma "arqueologia ativista que é uma 'ferramenta poderosa' para reavivar o que se intencionou apagar das lembranças históricas, numa forçada amnésia social". Para a arqueóloga, faz-se nas escavações na Região Portuária uma "arqueologia preventiva visando a preservação do patrimônio histórico"¹⁵⁶. Há, entretanto, o risco de pensar o patrimônio como resgate, em uma visão voltada para suas articulações políticas, ao invés de pensá-lo teoricamente como uma construção. Deve-se ter em mente que tal criação, quando alçada à condição de patrimônio, pode fazer justiça ou não a quem foi oprimido¹⁵⁷.

Os discursos sobre patrimônio podem se apresentar, desta forma, com forte agência política. O Cais do Valongo foi, em pouco tempo após o fim de sua recuperação, resignificado e incorporado ao cotidiano dos lugares e grupos que são referência no passado afrodescendente. Como enfatiza Guimarães sobre outros casos que envolvem discursos sobre o patrimônio na Região Portuária, "ações de patrimonialização são passíveis de serem utilizadas não apenas como forma de reconhecimento da diversidade cultural, mas também de mediação de lutas políticas" (2012: 299).

Na Procissão de Todos os Santos de 2012, promovida pela Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades no dia 1º de novembro, em conjunto com grupos de tradição negra, a concentração e a saída foram transferidas para o último lance das escadas que circundam o acesso ao sítio arqueológico, na altura do Cais Valongo, escolhido por sua força simbólica. A vivência da patrimonialização é necessária para atualizar o significado e as potências da ação política no que é considerado patrimônio: "O patrimônio existe como força

¹⁵⁵ As descobertas podem mudar a historiografia. Têm-se como certo que "A imigração baiana desenvolve no Rio de Janeiro os cultos e as crenças nagô (ioruba)" (ENDERS, 2002: 201). Contudo, foram encontrados vestígios de tais cultos datados de período anterior à vinda dos negros baianos.

¹⁵⁶ Trechos reconstituídos da palestra "Cais do Valongo: entre a arqueologia e a antropologia das religiões afro-brasileiras". Evento promovido pela Sexta do Mês do PPGAS/USP no dia 28 de setembro de 2012.

¹⁵⁷ Agradeço a Profa. Dra. Silvana Rubino pelas considerações sobre o tema durante a defesa da dissertação.

política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus” (CANCLINI, 1989: 162).

Início da procissão de Todos os Santos no Cais do Valongo.

Foto de Thaís de Lima Macena (cedida pela autora).

Outro exemplo da apropriação e atualização dos usos simbólicos são as rodas de capoeira que passaram a ser praticadas ao lado do Cais do Valongo. Segundo Carlo Alexandre Teixeira da Silva, mestre de capoeira e organizador do evento, em entrevista à Revista de História:

A gente decidiu pensar a ocupação do espaço público, pensar o Rio e este momento desenvolvimentista que estamos

vivendo” [...] “A roda é importante para falar sobre a história da cidade, especialmente as descobertas arqueológicas¹⁵⁸.

Além do Cais do Valongo, a Região Portuária é perpassada por diversas questões de referências afrobrasileiras, sendo sede do Centro Cultural José Bonifácio, situado na Gamboa, que é um centro de referência da cultura afro-brasileira, único no gênero na América Latina¹⁵⁹. Marcas de conflito também estão presentes, como, por exemplo, a disputa envolvendo a comunidade quilombola da Pedra do Sal, no Morro da Conceição, na Saúde, e a Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência (VOT), uma organização de caráter religioso¹⁶⁰, pela posse definitiva dos imóveis da região (GUIMARÃES, 2011; 2012: 311).

A já citada “Pequena África” é analisada como um mito por Guimarães (2012: 305). A autora localiza no processo de descentralização patrimonial brasileiro nos anos 1980 o surgimento de outras imagens possíveis sobre o “patrimônio negro”, inclusive seu uso como estratégia política, objetificando “as demandas por reconhecimento moral e político de grupos que se atribuíam uma identidade afrodescendente” (2012: 305). Luz (2008), em campo na cidade de Niterói¹⁶¹, no Grande Rio de Janeiro, refere-se a esses usos do patrimônio por meio da concepção do termo recurso¹⁶², o qual é articulado para “a formulação de projetos de desenvolvimento cultural, renovação urbana e valorização da identidade municipal” (LUZ, 2008: 145).

O patrimônio como recurso serve tanto ao fomento do turismo¹⁶³ através de sua visitação quanto à cidadania, com a elevação da autoestima da população ao sentir a preservação de seu passado e da sua imagem, o que se justifica para além de quaisquer interesses individuais: “mesmo o sagrado

¹⁵⁸ “Capoeira volta ao Valongo”. 16.11.2012. Revista de História. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/o-novo-valongo>. Último acesso em 26.07.2013.

¹⁵⁹ Ver http://noticiascultura.rio.rj.gov.br/principal.cfm?sqncl_publicacao=497. Acesso em 26.05.2012.

¹⁶⁰ Endereço eletrônico: <http://www.vot.com.br/>. Acesso em 06.06.2012.

¹⁶¹ Luz pesquisa a implantação dos projetos do arquiteto Oscar Niemeyer na cidade de Niterói. Mais detalhes sobre a pesquisa em Luz, 2009.

¹⁶² Tendo por referência os trabalhos de George Yúdice.

¹⁶³ Como será trabalhado no capítulo 3.

direito de propriedade – e é evocada em nome de valores coletivos, como interesse público” (LUZ, 2008: 162). Deste modo, como aponta Luz, tais políticas patrimoniais podem construir consensos com facilidade, justificando as intervenções sobre o espaço público (2008: 162).

Na Região Portuária, o processo de modernização por meio das intervenções urbanísticas estabelece uma relação de mútua afetação com a patrimonialização, com, como observa Vassallo em suas pesquisas na área, a repercussão em uma “valorização progressiva do seu passado negro-africano e dos sítios arqueológicos a ele relacionados” (2012: 2).

Através da prática como pernalta na Cia. Brasileira de Mistérios e Novidades, ainda que no início de forma não proposital para a pesquisa, foi possível observar como os sentidos do passado da Região Portuária são atualizados por meio de eventos pontuais no calendário festivo do lugar, como a carnavalização de seus temas.

Na esfera cotidiana, os patrimônios aparecem como uma potência para a articulação de circuitos de visitas e para a marcação da identificação e do pertencimento ao lugar. Ambos possuem em comum as intenções políticas, tanto dos grupos que organizam as festividades na Região Portuária e dos descendentes dos negros que a habitaram há várias décadas quanto da Prefeitura e das instituições privadas com quem ela estabelece parceria.

Por trás da materialidade das festas e do patrimônio, há toda uma destreza para o manuseio dos símbolos que são carregadas e os seus poderes. No próximo capítulo analiso essas questões com o foco nas suas implicações sobre as intenções turísticas e as formas como vendedores ambulantes da Pedra do Sal pensam e se articulam frente às novas possibilidades e desafios que são suscitados pelo projeto Porto Maravilha.

CAPÍTULO 3 - EXPECTATIVAS DO POSSÍVEL

Devir turístico

A partir dos anos 1980 inicia-se um processo de aproximação entre as práticas de patrimonialização e de turismo: “Cada lugar que vem a ser reconhecido ‘patrimônio’ já é ou torna-se rapidamente uma atração turística” (GONÇALVES, 2012: 64, 65). Vassallo observa em suas pesquisas contemporâneas na Região Portuária o processo em que “certos locais e práticas são alçados categoria de patrimônio histórico e cultural e tornam-se alvo de roteiros turísticos” (2012: 2).

As referências turísticas da cidade têm sido recentemente negociadas e deslocadas para a Região Portuária, que se cerca não apenas de valores históricos, reavivados ocasionalmente pelas obras, como, sobretudo, se vale de visões de uma cidade do Rio de Janeiro futurista e aberta às dinâmicas internacionais, com projetos inspirados em modelos estrangeiros e de forte apelo ao novo e ao sublime. Com base nesses interesses pode-se perceber o estabelecimento de narrativas relacionadas às novas intenções de construção da cidade como destino turístico¹⁶⁴. Trata-se de pensar como obras e lugares selecionados como potencialmente turísticos vão sendo compostos e quais os discursos são articulados¹⁶⁵.

O Rio de Janeiro, segundo pesquisa publicada em 2010¹⁶⁶, é o principal destino turístico do Hemisfério Sul. As transformações na Região Portuária

¹⁶⁴ Descrição da iniciativa estratégica do Porto Maravilha no já mencionado plano estratégico 2013-2016: “valorização do patrimônio histórico e cultural e incremento do turismo na região”. Intenção e suas repercussões também expressas na imprensa, como em: “Revitalização da zona portuária do Rio já valoriza imóveis da região”. 25.06.2011. R7, Record. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/revitalizacao-da-zona-portuaria-do-rio-ja-valoriza-imoveis-da-regiao-20110625.html>. Último acesso em 25.07.2013.

¹⁶⁵ Pode-se pensar, como propõe Fortuna (2011: 11-17) a partir da leitura de Simmel, na “escolha da cidade como objeto estético” e na “própria sociedade enquanto experiência estética” (2011:12). Fortuna elabora essas breves considerações a partir da leitura de Simmel que, a partir de análises sobre as cidades italianas de Roma e Florença, percebe a estética como um dos condicionantes da vida social (1898: 22-30, 1906: 35-38).

¹⁶⁶ “Rio aposta na diversificação e garante leitos para Copa”. 29.11.2010. Panrotas, portal do profissional de Turismo. Disponível em: http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/mercado/rio-aposta-na-diversificacao-e-garante-leitos-para-copa_63551.html. Último acesso em: 26.07.2013.

integram um processo generalizado de implantação de uma cidade ainda mais turística ou, nas palavras do atual prefeito, Eduardo Paes, “mais desejada pelo turista”¹⁶⁷. O enfoque da administração pública em fomentar o turismo é justificado especialmente pelos eventos esportivos internacionais a serem realizados na cidade na década de 2010.

A Região Portuária destaca-se do cenário carioca justamente por ser considerada como um lugar que virá a ser turístico em uma cidade já reconhecida como tal. No cronograma das obras do Porto Maravilha destacam-se equipamentos culturais urbanos “âncoras”, que pesam positivamente nas avaliações do projeto de modo que este se torne pouco questionável. O equipamento tido como “o símbolo da revitalização da Zona Portuária”¹⁶⁸ pelo atual prefeito é o Museu do Amanhã, cujo projeto foi elaborado pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava, responsável por projetos da Barcelona olímpica. Em processo de construção¹⁶⁹, a perspectiva do resultado tem um design adequado ao seu nome, incomum e esplendoroso, caracteristicamente futurístico. Conforme já mencionado, a grandeza de certas obras arquitetônicas pode ser impor e atuar como restritiva aos seus usos, constringendo simbolicamente (BOURDIEU, 1993a: 159-166).

O curador do Museu do Amanhã, o físico Luiz Alberto Oliveira, pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), fez uma

¹⁶⁷ “O Rio quer ser Barcelona”. 12/2010. Exame. Disponível em <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0981/noticias/quero-ser-barcelona>. “Barcelona será inspiração para reforma da zona portuária do RJ”. 28.06.2011. Terra Notícias - via BBC Brasil. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI5211002-EI8139,00Projeto+inspirado+em+Barcelona+vence+Porto+Olimpico+no+Rio.html>. PROJETO inspirado em Barcelona vence concurso para zona portuária do Rio. R7 (Record) - via BBC Brasil. 28 jun. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/projeto-inspirado-em-barcelona-vence-concurso-para-zona-portuaria-do-rio-20110628.html>. Últimos acessos em 26.07.2013.

¹⁶⁸ “Museu do Amanhã será o ícone da revitalização da Zona Portuária, diz Paes”, 02.05.2011. Yahoo Notícias via O Globo. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/museu-amanh%C3%A3-ser%C3%A1-%C3%ADcone-revitaliza%C3%A7%C3%A3o-zona-portu%C3%A1ria-diz-161325071.html>. Último acesso em 26.07.2013.

¹⁶⁹ Em área onde antes, no período de 2001 a 2005, planejou-se construir o projeto do Museu Guggenheim do Rio de Janeiro. “Novos Museus do Rio serão para turistas”. Nota do Laboratório de Jornalismo Científico da UFRRJ, em entrevista com a Profa. Dra. Sabrina Parracho Sant’Anna, professora da instituição que pesquisa a implantação dos museus na Região Portuária (mencionada na nota com a listagem das pesquisas sobre o projeto Porto Maravilha): <http://agenotic.wordpress.com/2012/12/18/portomarav/>. Acesso em 05.07.2013.

apresentação na mesa “Geopolíticas da cidade” no III Seminário Internacional Cidades, Futuros Possíveis, realizado em 2012 na cidade do Rio de Janeiro¹⁷⁰. Para Oliveira, o Museu do Amanhã é um “museu de possibilidades, museu de futuros possíveis”, que será estabelecido como um “marco arquitetônico e urbanístico da revitalização da Região Portuária”.

O Museu do Amanhã está inserido em um contexto de novas perspectivas frente aos museus. Segundo Gonçalves, o aumento dos processos de patrimonialização nos anos 1980 é acompanhado do incremento do número de museus (2012: 60). O autor ressalta que, frente à hipervalorização dos museus, se deve lembrar que na primeira metade do século XX os museus eram diretamente relacionados ao passado, que era considerado “algo a ser superado, em busca do futuro, e não algo para ser celebrado” (GONÇALVES, 2012: 61).

Imagem futurista do Museu do Amanhã. Fonte: projeto Porto Maravilha.

¹⁷⁰ Realizado nos dias 16 e 17 de agosto de 2012 na Casa de Ciência e Cultura da UFRJ.

As transformações ao longo do século XX até os dias atuais, na compreensão do que é um museu, não permitem associá-lo somente ao passado. Os museus aliam-se aos meios de comunicação em massa e ao turismo, incorporando ainda metodologias educacionais, para organizar as continuidades temporais, relacionando-as ao tempo presente: “Muitos museus retomam o papel que lhes foi atribuído desde o século XIX, quando foram abertos ao público complementando a escola, para definir, classificar e conservar o patrimônio histórico” (CANCLINI, 1989: 170).

Deste modo, o museu contemporâneo não é mais passível de ser pensado como “templo”, ou seja, “espaço de representação de uma cultura transcendente”, mas sim “o museu como fórum”: “Nesse sentido, o museu aparece como uma arena onde são dramatizados os conflitos e contradições entre esses grupos e categorias” (GONÇALVES, 1995: 64).

Próximo ao futuro Museu do Amanhã está localizado o Museu de Arte do Rio (MAR)¹⁷¹, aberto em março de 2013 após dois cancelamentos de inauguração – em março e em novembro de 2012. O MAR congrega, a partir de projeto da Bernardes + Jacobsen Arquitetura¹⁷², uma edificação do início do século XX, o Palacete Dom João VI (construído em 1912 e tombado no ano 2000), e outra mais recente, outrora em funcionamento como um terminal rodoviário. Em um prédio funciona o museu propriamente e em outro a Escola do Olhar, voltada para a educação continuada de professores e educadores. O museu funciona de terça-feira a domingo, com entradas gratuitas às terças.

O MAR é gerido por uma parceria entre o poder público e empresas privadas, destacando-se a Prefeitura e a Fundação Roberto Marinho, sob a gestão do Instituto Odeon¹⁷³. Numa proposta de união do passado com o presente, o museu pode ser pensado à luz dos termos de *lieu d'avoir* e *lieu de*

¹⁷¹ Endereço eletrônico: <http://www.museudeartedorio.org.br/>. Último acesso em 12.07.2013.

¹⁷² Página do escritório sobre o projeto: <http://www.jacobsenarquitetura.com/projetos/?CodProjeto=12>. Acesso em 15.06.2013.

¹⁷³ Parcerias público-privadas que dialogam com o ideário de Barcelona e com o de outras cidades no mundo, em uma tendência que “dada a falta crescente de recursos do poder municipal, vários espaços públicos vêm sendo cada vez mais geridos por um *pool* de organizações privadas (...) os patrocinadores desses espaços – em geral poderosos grupos econômicos – têm o poder de impor determinada forma de utilização, o que resulta numa espécie de cultura pública cada vez mais privatizada” (FRÚGOLI JR., 2000: 24).

*memoire*¹⁷⁴. É o lugar do devir, que conjuga expectativas e desejos para o futuro, e também o lugar de memória, vinculado às lembranças.

Imagem futurista do MAR. Fonte: projeto Porto Maravilha.

¹⁷⁴ Termos utilizados por Weskalnys (2010) com inspiração nos trabalhos de Pierre Nora, sobre *lieu de memoire*, e de Jaffe e Onneweer, que cunharam o *lieu d'avoir* em alusão ao termo de Nora (2010: 31). O conceito de Nora é reconhecido por Augé (1992: 25): “Ninguém expressa este ponto de vista melhor do que Pierre Nora, em seu prefácio ao primeiro volume de *Lieux de memoire*: o que estamos buscando, ele diz em substância, através da nossa acumulação religiosa de contas pessoais, documentos, imagens e todos os ‘sinais visíveis do que costumava ser’” [tradução livre]. No original da citação: “Nobody expresses this point of view better than Pierre Nora, in his preface to the first volume of *Lieux de memoire*: what we are seeking, he says in substance, through our religious accumulation of personal accounts, documents, images and all the ‘visible signs of what used to be’”. O lugar antropológico é diferenciado dos lugares de memória por Augé (1992: 25): enquanto através dos lugares de memória assimila-se o que não somos mais, o lugar antropológico não vive na história, não a faz.

Imagem atual do MAR. Fonte: MAR.

O percurso da visita ao museu começa no último andar, um terraço, de onde se contempla o cenário que abrange o porto, a ponte Rio – Niterói, o Museu do Amanhã em construção, parte do Morro da Conceição e o início da Av. Rio Branco, com os edifícios, de estilos contrastantes, “Av. Central”, que ostenta uma polêmica fachada de vidro, e “A Noite”, cujo tombamento como patrimônio foi mencionado.

Visão do topo do MAR, com obras à esquerda. Foto de autoria da pesquisadora.

A primeira parte da exposição permanente apresenta um retrato histórico da cidade do Rio de Janeiro, com amplo material artístico e cartográfico. Um busto do antigo prefeito Pereira Passos chama atenção no canto de uma sala na qual uma projeção animada, mas com efeitos de realidade, de uma Av. Rio Branco recém inaugurada, quando ainda era nomeada Av. Central, se move, como se andássemos em um outro tempo e em outro espaço. O museu busca realizar a fantasia de um encontro hipotético com o passado através de uma instalação com tecnologia de ponta.

Caminhada em uma Av. Central reconstruída. Foto de autoria da pesquisadora.

Ainda que no acervo permanente do MAR haja algumas obras contemporâneas, a proposta que mais me chamou a atenção foi a da exposição que no primeiro semestre de 2013 ocupava o térreo do museu, “O abrigo e o terreno. Arte e sociedade no Brasil”, da curadoria de Paulo Herkenhoff e Clarissa Diniz. Entre as obras expostas, que incluem trabalhos¹⁷⁵ de 56 artistas e coletivos de vários estados do país¹⁷⁶, há a presença do

¹⁷⁵ Dentre vídeos, fotos, instalações, esculturas, maquetes e livros de artistas.

¹⁷⁶ São eles: Adir Botelho, Aloisio de Azevedo, André Komatsu, Anna Maria Maiolino, Antonio Dias, Antonio Manuel, Ascânio MMM, Bispo do Rosário, Carlos Nelson Ferreira dos Santos (Quadra Arquitetos Associados), Carolina de Jesus, Cildo Meireles, Clarice Lispector, Cláudia Andujar, Dulcinéia Catadora, E/Ou, Ernesto Neto, Flávio de Carvalho, Gilberto Freyre, Graziela Kunsch, Guy Veloso, Hélio Oiticica, Ivens Machado, João do Rio, Jorge Mario Jáuregui, Lino, Lotes Vagos, Lucia Koch, Lygia Pape, Marcio Almeida, Marepe, Maria do Carmo Secco, Miguel Rio Branco, Mira Schendel, Montez Magno, Morrinho, Opavivará!, Paula Trope, Poética do Dissenso, Raul Mourão, Roberto Magalhães, Rochelle

diálogo com temas relacionados aos usos dos espaços públicos e à habitação. Segundo a curadora Clarissa Diniz, em entrevista a um espaço midiático especializado em arte:

Elegemos este tema conscientes do intenso momento de transformação que vive o Brasil, em especial o Rio de Janeiro, que vai sediar grandes eventos e estão trazendo uma série de modificações. Aqui reunimos artistas de todo o século XX e XXI, que abordam estas questões de maneiras muito diversas¹⁷⁷.

Compõe a referida exposição uma instalação sobre algumas atividades e histórias desenvolvidas na antiga ocupação Prestes Maia (de 2002 a 2007), em São Paulo. Com uma apresentação imagética contra os processos de enobrecimento e o que eles incluem, é surpreendente a sua presença no contexto do MAR, com as obras do Porto Maravilha ocorrendo em suas adjacências. A proposta provavelmente foi a de trazer à tona uma reflexão sobre os projetos contemporâneos no Rio de Janeiro, mas ao mesmo tempo senti a falta de uma maior problematização pelo museu, sem a qual fica a impressão de um tom ameno para lidar com o tema e até mesmo de uma normalização dos conflitos, como se fossem apenas uma parte inerente aos processos de urbanização¹⁷⁸.

Nos dias 21 e 22 de junho de 2013 o MAR promoveu uma série de debates públicos como parte do projeto “Sem título (imagem da cidade real X imagem de cidade vendida pelo mercado imobiliário OU Nova Luz mas poderia ser Porto Maravilha)”, homônimo à instalação do coletivo de arquitetos Usina

Costi, Rosana Palazyan, Rubens Gerchman, Sergio Magalhães, Usina, Walter Carvalho, Waltercio Caldas e Yuri Firmeza. Listagem disponível no endereço eletrônico Mercado de Arte: <http://www.mercadoarte.com.br/artigos/novidades/exposicao-o-abrigo-e-o-terreno-arte-e-sociedade-no-brasil-i/>. Acesso em 20.07.2013.

¹⁷⁷ Em notícia do endereço eletrônico Mercado de Arte. Disponível em: <http://www.mercadoarte.com.br/artigos/novidades/exposicao-o-abrigo-e-o-terreno-arte-e-sociedade-no-brasil-i/>. Acesso em 20.07.2013.

¹⁷⁸ Tais impressões de discrepâncias no MAR também são compartilhadas por Martins: “Há que ser dito: o Museu de Arte do Rio (MAR) é um recém-nascido deveras contraditório” (2013: sem paginação).

inserida na exposição “O abrigo e o terreno. Arte e sociedade no Brasil”. Os debates, mediados pelos membros do Usina e sediados no MAR e no IPN, dividiram-se em três partes: “Nova Luz, mas poderia ser Porto Maravilha”, em comparação com o projeto Nova Luz, no bairro da Luz, em São Paulo, no qual participaram os professores Mariana Fix, Heitor Frúgoli Jr. e Fernanda Sánchez; “Aquário de Fortaleza e Novo Recife, mas poderia ser Porto Maravilha”, em paralelo com os projetos na cidade do título, com a presença dos professores Julio Lira e Cristina Lino Gouvêa, contando ainda com a participação de Isabel da Costa Cardoso, como representante do Fórum Comunitário do Porto; por fim, “Porto Maravilha”, com a participação de moradores da Região Portuária diretamente afetados de forma negativa pelas intervenções urbanísticas do projeto.

Os debates versaram, entre outros temas, sobre as estratégias de convencimento dos grandes empreendimentos urbanos nas áreas centrais, com as chamadas “ofensivas da revitalização”, as quais incluem empreendimentos âncora e justificativas baseadas no “potencial do centro”. Em meio a um dos debates surgiu a questão da vocação híbrida do MAR, que se direciona em duas vocações, a da arte e a da cidade. Critica-se o projeto âncora com analogia a uma locomotiva da especulação imobiliária, na qual os artistas seriam as engrenagens. Por outro lado, em uma consideração genérica compartilhada por parte dos participantes do debate, “Afinal, temos um museu. E o importante é que temos um museu”. Resta indagar-se o que é possível fazer, dentro desse cenário, com o museu. A relação do MAR com a Prefeitura é considerada preocupante frente esses desafios, mas uma saída apontada é a de assumir essa complexidade do tecido social e de nos reconhecermos, como pesquisadores em debates promovidos pelo MAR, como parte dessa trama.

Em seu primeiro mês de funcionamento o MAR tornou-se um dos espaços culturais mais visitados do Estado do Rio de Janeiro, recebendo 60 mil visitantes¹⁷⁹. Antes mesmo de sua inauguração, o museu já mobilizava centenas de pessoas com o evento “O Morro e o Mar. Circuito Morro da Conceição e Arredores”, com a primeira edição realizada em setembro e a

¹⁷⁹ “Museu de Arte do Rio recebeu mais de 60 mil visitantes no primeiro mês”. 05.04.2013.

Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/04/museu-de-arte-do-rio-recebeu-mais-de-60-mil-visitantes-no-primeiro-mes.html>. Último acesso em 04.06.2013.

segunda em novembro de 2012. Participei da primeira edição, que durou o fim de semana dos dias 15 e 16 de setembro. O folheto de chamada para a participação no evento contém um tom aventureiro, voltado para quem não conhece a Região Portuária. Aliás, o próprio termo âncora citado também faz parte do vocabulário dos gestores do MAR, com o uso, como é de esperar, positivado¹⁸⁰:

O encontro dos morros com o mar sempre foi um espetáculo inspirador. Aqui, não vai ser diferente. Entre o Morro da Conceição e o mar da Baía de Guanabara, você vai desbravar o vasto patrimônio desta rica região. O Museu de Arte do Rio – MAR, uma das âncoras culturais do Porto Maravilha, convida todos a participar de uma visita através de roteiros guiados.

Eram quatro roteiros gratuitos, com circuitos temáticos: “A história que veio do mar” (arqueológico e voltado para pessoas que não podem andar a pé por muito tempo), “Conceição é pura arte” (com visita aos ateliês de artistas), “Do sagrado ao profano” (religioso) e “O céu, o morro e o mar” (com subida mais alta, até o Valonguinho). O ponto de encontro foi no estande “Meu Porto Maravilha”¹⁸¹, com saídas a partir das 11h. Fui do dia 16, domingo, e cheguei às 10h20, quando havia umas trinta pessoas à espera. O grupo preparado para orientar as visitas já distribuía as senhas para cada roteiro. Boa parte dos guias, terceirizados pela fundação Roberto Marinho, era composta por mulheres estudantes do curso de Turismo. Escolhi o roteiro “O céu, o morro e o mar”, peguei a senha e passei a observar as pessoas que chegavam, formadas por muitas famílias com crianças e grupos de idosos. Todos ansiosos para fotografar. Alguns se vestiam de forma preparada para a prática de uma atividade física, com chapéu, tênis de corrida e viseiras. Às 11h, quando já havia cerca de sessenta pessoas, os guias dos roteiros chamaram os grupos e saímos para as ruas.

¹⁸⁰ O termo âncora foi utilizado originalmente no comércio e agora passa para o léxico do poder público. Em sua pesquisa sobre *shoppings centers*, Frúgoli Jr. (1992) observou que as âncoras eram as lojas (sobretudo das grandes redes) que atraíam um grande público.

¹⁸¹ Que será apresentado na sequência.

Mapa distribuído no evento “O Morro e o Mar”.

Os discursos da guia responsável pelo circuito que escolhi versaram sobre a decadência logo no início do trajeto, caracterizando as ruas percorridas como uma “área abandonada há bastante tempo”. Esteve igualmente presente em tais falas a ideia de uma reurbanização voltada para o exterior, “pensando nos futuros eventos”. Todos acompanhavam os direcionamentos da guia através de um mapa que cada um recebia junto com a senha. Cada ponto (ateliês, edificações, vias, etc.) do Morro da Conceição presente nos roteiros tinha um resumo e um número no mapa, o que tornava fácil a localização. As ruas do morro também estavam repletas desses números, trazendo os mapas para o palpável e tornando o ambiente, todo marcado e numerado, um tanto pitoresco.

As ações do Porto Maravilha eram didaticamente explicadas pela guia, como a junção de uma edificação contemporânea com uma antiga para a composição do MAR e a defesa de que a retirada do Viaduto da Perimetral¹⁸², será um desmonte e não uma derrubada: “É desmonte, não é explosão. Vai sair daqui e vai para outro ponto, mas ainda não se sabe para onde”. Quando chegamos no alto do Morro da Conceição, foi a vez dos visitantes se pronunciarem. O deslumbre se tornava visível: “Olha a ponte!”; “Olha o Cristo, do outro lado!”; “Já pensou morar aqui... que beleza, heim?”; “Isto aqui vai atrair muito turista se o pessoal tiver consciência”. No entanto, os moradores pareciam nada satisfeitos com a incursão de tantas pessoas e suas câmeras nas ruas geralmente tranquilas do morro. Em alguns postes pedia-se, assinado pela associação de moradores do Morro da Conceição, para que não se tirasse fotos das fachadas das casas e das crianças¹⁸³.

Situação semelhante, em outro contexto nacional, foi acompanhada por Leite (2007), em que a cena comum de uma visita turística tinha um sentido de estranhamento, pois era realizada no período de implantação de uma intervenção urbanística. Os moradores não estavam acostumados àquela frequência de desconhecidos em suas ruas, gerando uma relação de tensão com a alteridade que os visita:

o bairro, que era visto e visitado, também *via* quem o visitava. Os turistas também eram objeto de ‘visitação’ quando, ao andar pela calçada, eram acompanhados pelos olhares curiosos e atentos de pessoas comuns, trabalhadores e moradores locais (LEITE, 2007: 228).

Para além dos museus, uma intervenção urbanística polêmica é a retirada do Viaduto da Perimetral, que possui o embelezamento como única justificativa, além de demandar mudanças estruturais para o controle do trânsito durante o seu processo para a não permanência. O léxico empregado para falar da obra é alvo de disputas. Enquanto o senso comum e os favoráveis

¹⁸² Cujas polêmicas serão apresentadas em sequência.

¹⁸³ Sobre as novas movimentações na Região Portuária: “Morro da Conceição: ar de cidade do interior em pleno Centro”. 03.02.2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/morro-da-conceicao-ar-de-cidade-do-interior-em-pleno-centro-7478280>. Acesso em 03.05.2013.

à permanência do viaduto chamam em geral o processo de derrubada ou de demolição, a Prefeitura e seus mediadores insistem no termo desmonte, sob a justificativa de que os restos do antigo viaduto servirão de material para outras obras. O desmonte traz um valor positivo, de algo que não tem um final, bem como suaviza a retirada com um termo que implica uma ideia mais processual do que derrubada e demolição, que lembram ações definitivas.

Imagem futurista da av. Rodrigues Alves sem o Viaduto da Perimetral.

Fonte: Folha da Porto Novo. ed. 1, n. 7.

O embelezamento sem justificativa urbanística pode ser, como afirma Tavares, uma especificidade das obras arquitetônicas e urbanísticas cariocas: “A cidade do Rio de Janeiro foi, desde o século XVIII, alvo de projetos de reordenamento caracterizados pela busca de qualificação monumental” (2008: sem paginação). O Viaduto da Perimetral, junto com o Túnel Rebouças, são considerados os mais marcantes sinais da política rodoviarista, que foi a tônica da cidade nas décadas de 1950 e 1960 (PINHEIRO, 2010: 36).

O atual prefeito é um dos fortes opositores à permanência do viaduto, caracterizado como de aparência repugnante: “Finalmente vai [se] conseguir retirar aquele monstrengo que é a perimetral em frente da cidade do Rio de Janeiro”¹⁸⁴. A falta de beleza do viaduto é, para ele, uma das causas da decadência da Região Portuária: “Essa é uma área de 5 milhões de metros quadrados, bem no meio da cidade, totalmente desvalorizada, esvaziada pela forma como foi tratada e também por causa do Elevado da Perimetral” [...] “A cidade vai deixar de ter esse obstáculo”¹⁸⁵.

A concepção de uma cidade mais próxima do mar e da perspectiva do pedestre é acionada discursivamente, mas, ao observar as práticas do projeto, surgem incongruências. Ao mesmo tempo em que o rodoviarismo parece ser questionado através da derrubada do Viaduto da Perimetral e das ideias de implantação do VLT, surgem novas vias para automóveis e percebe-se a criação de praças e de outros equipamentos de infraestrutura urbana que não são pensados para o pedestre, sem bancos e calçadas acessíveis para a diversidade funcional, por exemplo.

Acentuo que reconheço a ideia de embelezamento como uma estratégia de intervenção urbana, como um problema urbanístico, diferentemente da ideia mais simples de embelezar como decorar ou ornar. Pode-se observar, na escolha da Região Portuária como de passagem para um viaduto de larga escala, o pensamento de que suas configurações restringem-se à prestação de serviços para a cidade, distanciando-se da imagem de um lugar para residência e lazer. Não foi o viaduto que enfeiou por presença própria a paisagem; foi por a Região Portuária já ser anteriormente desvalorizada, caracterizada como feia, devendo restringir-se como lugar somente passagem, que construíram o viaduto naquele lugar¹⁸⁶.

¹⁸⁴ “Paes assina contrato para recuperação da zona portuária do Rio”. 27.12.2010. O Globo, Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/12/paes-assina-contrato-para-recuperacao-da-zona-portuaria-do-rio.html>. Último acesso em 13.07.2012.

¹⁸⁵ “Primeira obra de revitalização do Porto do Rio será concluída domingo”. 26.06.2012. Jornal do Brasil, via Agência Brasil. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2012/06/26/primeira-fase-de-obras-de-revitalizacao-do-porto-do-rio-sera-concluida-domingo/>. Último acesso em 26.07.2013.

¹⁸⁶ Agradeço a Profa. Dra. Ana Lanna pelas considerações sobre o tema durante a defesa da dissertação.

Jorge Arraes, presidente da Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio (CDURP), preocupa-se não apenas com o embelezamento que é promotor da demolição, como no que se construirá nas adjacências potencialmente valorizadas:

Não faz sentido demolir a Perimetral e transformar a Rodrigues Alves (avenida localizada embaixo do viaduto) em um paredão de prédios tipo Copacabana” – preocupação com distância entre os prédios. Vamos ter torres em centros de terrenos, sobrando espaço para todos os lados. E não será permitido cercar terrenos com grades e muros¹⁸⁷.

No final de 2010 o Viaduto da Perimetral foi demolido simbolicamente. Em encontro dos cargos executivos dos três níveis de poder¹⁸⁸, o então presidente Luís Inácio Lula da Silva (2002-2010) usou uma marreta para o demolir, partindo uma representação do viaduto em maquete levada do Rio de Janeiro para a capital Brasília¹⁸⁹. A imagem divulgada, com prefeito e presidente utilizando capacetes de operários do Porto Maravilha, com o último de marreta em punho para a demolição do viaduto na maquete, levantam a questão da importância do impacto imagético nas propagandas de adesão às intervenções urbanísticas em curso. Na época o futuro do viaduto ainda era uma questão indefinida, configurando a quebra da maquete uma ênfase nas intenções demolidoras do poder público frente ao viaduto, que depois se confirmaram.

¹⁸⁷ “Jogos Olímpicos Rio 2016 já transformam o Rio de Janeiro. 07.08.2011. Mais Comunidade, via O Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.maiscomunidade.com/conteudo/2008-05-19/brasil/106486/OBRA-NO-PORTO-DO-RIO-COMECA-NO-PROXIMO-MES.pnhtml>. Último acesso em 26.07.2013.

¹⁸⁸ Representados pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), pelo governador Sérgio Cabral e pelo prefeito Eduardo Paes, ambos do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Ressalta-se que o período foi marcado por prerrogativas de aliança entre os três níveis do poder executivo.

¹⁸⁹ “Lula usa marreta de borracha para “demolir” maquete de obra”. 27.12.2010. Último Segundo, IG <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/lula+usa+marreta+de+borracha+para+demolir+maquete+de+obra/n1237898142007.html>; “Porto Maravilha e também bilionário”. 28.12.2010. Disponível em: <http://www.band.com.br/noticias/economia/noticia/?id=100000383220>. Último acesso em 26.07.2013.

Presidente Luis Inácio Lula da Silva com marreta ao lado de maquete do Viaduto da Perimetral. Ao lado está o prefeito Eduardo Paes. A imagem nos capacetes é a do logotipo do projeto Porto Maravilha. Foto de 2010. Fonte: O Globo.

Apesar dos discursos positivos sobre a derrubada do Viaduto da Perimetral, há aqueles contrários. O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MP-RJ) instaurou no dia 27 de março de 2012 um inquérito civil para investigar a obra. A ação foi motivada por representação do deputado estadual Luiz Correa da Rocha e do deputado federal Otávio Leite¹⁹⁰, pré-candidato à Prefeitura naquele ano, em concorrência com o atual prefeito. A investigação foi promovida pela promotoria de Tutela Coletiva do Meio Ambiente e do Patrimônio Cultural¹⁹¹. Ao final, a investigação não foi desfavorável à retirada

¹⁹⁰ Tanto Luiz Correa da Rocha quanto Otávio Leite são filiados ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

¹⁹¹ “Ministério Público investiga demolição do elevado da Perimetral. 28.03.2012. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/ministerio-publico-investiga-demolicao-do-elevado-da-perimetral-20120328.html>. Último acesso em 26.07.2013.

do viaduto, que teve seu processo de retirada iniciado no fim de 2013, com custos da retirada do primeiro trecho estimados em um bilhão de reais¹⁹².

As implosões para a retirada do viaduto são marcadas pelo soar de alarmes antes dessas ações. Os moradores reconhecem o padrão dos alarmes, que soa em intervalos definidos até que o colapso ocorra, acompanhado por um forte ruído. Dependendo do lugar em que se esteja e do ponto do viaduto que é alvo da implosão, é possível sentir tremores. Além do inconveniente engendrado pelas constantes detonações, alguns moradores da região também se sentem prejudicados pelos danos estruturais causados pelas obras. Uma moradora, que trabalha como vendedora de aperitivos no samba da Pedra do Sal, mostrou-me rachaduras na sua casa, localizada na R. São Francisco da Prainha, entre o Lgo. da Prainha e a Pedra do Sal. Segundo ela, as rachaduras apareceram na época das mudanças na pavimentação da calçada, em que pedras do século XIX foram substituídas por um calçamento moderno, contudo a moradora não descarta a possibilidade da influência dos tremores na atual fragilidade da fachada da sua casa.

Como justificativa dos gastos com a derrubada da Perimetral, a CDURP afirma que a maior parte da demolição será paga com a venda de títulos imobiliários e que o impacto da obra é atrativo para futuros investidores. Segundo Luiz Lobo, diretor de operações da CDURP, “Qualquer elevado em área urbana tem poder altamente degradador. Cria sombra, ruído e ambiência extremamente desagradável. Ninguém que trabalha na área imobiliária faria um lançamento a cinco metros de qualquer viaduto”¹⁹³.

O projeto Porto Maravilha costuma apresentar discursos técnicos para fornecer justificativas, porém uma das maiores bases para sua legitimação é a propaganda. O estande “Meu Porto Maravilha” representa, do meu ponto de vista, o ponto máximo da intenção pedagógica na apresentação do projeto. Uma pequena instalação na Av. Barão de Tefé é onde se localiza o estande inaugurado em 2012 e que será permanente até 2016, com a organização

¹⁹² “Viaduto da Perimetral começa a ser derrubado nesta segunda, no Rio”. 22.10.2012. G1, Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/10/viaduto-da-perimetral-comeca-ser-derrubado-nesta-segunda-no-rio.html>. Último acesso em 26.07.2013.

¹⁹³ “‘Minhocão’ carioca deve ir ao chão em 3 anos”. 15.04.2012. Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/37241-minhocao-carioca-deve-ir-ao-chao-em-3-anos.shtml>. Último acesso em 26.07.2013.

terceirizada para a Sapoti Eventos. A estrutura dispõe de vídeos e folhetos supostamente informativos sobre o projeto, mas que em muito se assemelham aos espaços de propaganda de condomínios e centros comerciais, revelando outra faceta dos cruzamentos entre as esferas pública e privada.

No espaço do estande “Meu Porto Maravilha” encontram-se maquetes convidativas e imagens de perspectiva futura, que fazem notar como as abstrações do porvir são fortemente reificadas, característica essa que não é exclusiva deste contexto, pois há um “aspecto cenográfico que caracterizaria as políticas contemporâneas de ‘revitalização’” (LEITE, 2007: 72).

O estande “Meu Porto Maravilha” oferece visitas guiadas gratuitas até o Jardim do Valongo, com parada no Cais do Valongo. Fiz a visita na semana seguinte ao evento do MAR. As visitas guiadas podem ser feitas de segunda a sexta-feira às 11h ou às 14h. Seguimos apenas eu e mais uma visitante. A guia, que mora nas redondezas e é estudante do curso de História, definiu o Porto Maravilha como uma “Lapa planejada”¹⁹⁴, com um sentido positivo tanto sobre as modificações urbanísticas na Lapa quanto sobre o fato de o projeto ser planejado. Outro dado interessante da conversa foi a notícia de que há guias de turismo interessados em cursos específicos sobre o Porto Maravilha. Contudo, o que mais me fez pensar foi, em diálogo com a guia sobre o samba da Pedra do Sal, ouvir que “todo mundo que mora em volta virou comerciante”. Decidi observar mais profundamente o samba da Pedra do Sal, principalmente os vendedores ambulantes. Antes de apresentar a Pedra do Sal atual, contextualizo-a brevemente.

Os sons da Pedra do Sal

Localizada no bairro da Saúde, a Pedra do Sal, anteriormente já conhecida como Pedra da Prainha, tem em seus degraus lapidados na pedra um dos acessos ao Morro da Conceição. A Pedra do Sal foi o lugar daqueles que procuravam por moradias mais baratas nas adjacências do cais do porto: “Trata-se de espaço carregado de religiosidade e de reminiscências históricas, ‘núcleo simbólico da Pequena África’” (OLIVEIRA ET AL., 2012: 279). No

¹⁹⁴ Sobre os processos de urbanização contemporâneos no bairro da Lapa, ver Fazzioni (2012).

período de 1984 a 1987 realizou-se o processo de tombamento estadual da Pedra do Sal:

Em entrevista ao jornal *Batucadas Brasileiras*, 15 de Setembro de 2008, o historiador Joel Rufino afirmou que tinha sido buscado um espaço na cidade que pudesse simbolizar a cultura afro-brasileira e que ele e o antropólogo Olímpio Serra, na época diretor do IPHAN, escolheram a Pedra do Sal para ser tombada (GUIMARÃES, 2012: 308, 309).

Roda de samba da Pedra do Sal. Foto de Darlan Lucas. Fonte: Riotur.

Em 20 de novembro de 1984 a Pedra do Sal teve seu tombamento provisório concedido pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (Inepac), obtendo o tombamento permanente no dia 27 de Abril de 1987 (OLIVEIRA ET AL., 2012: 279):

A eleição da Pedra do Sal tinha ocorrido porque a consideraram um momento “físico” e “religioso” capaz de representar a tradição dos orixás e do catolicismo popular; e também um patrimônio “histórico” capaz de “materializar” a migração dos baianos para a cidade e a criação dos ranchos de carnaval (GUIMARÃES, 2012: 309).

A incursão à Pedra do Sal ocorreu por meio de um casal que trabalha no lugar, Ângela e Robson, ambos vendedores ambulantes¹⁹⁵, que possuem por volta dos 45 anos de idade. As rodas de samba acontecem toda segunda e sexta-feira entre as 19h e as 20h até por volta das 2h. O samba se concentra ao redor da parte baixa da Pedra do Sal, em espaço aberto, e é gratuito. Os vendedores ambulantes é que pagam uma taxa para montar suas barracas nas proximidades. O comércio desse tipo é o forte nos dias de roda, já que as adjacências contam com apenas dois bares. Vende-se bebidas e comidas variadas, com algumas barracas inclusive aceitando o pagamento por meio de cartões de débito e de crédito.

As ideias de Ângela e Robson revelam um pouco o pensamento geral dos vendedores. Dos doze interlocutores, incluindo o casal, apenas dois têm uma posição diferente, que se assemelha, por sua vez, às minhas visões, mais confrontativas ao projeto. O interessante da incursão no campo é que pude visualizar negociações múltiplas entre a minha visão e a do projeto interventor, percebendo uma alteridade mais palpável na minha relação com a pesquisa. Primeiramente apresentarei as representações gerais sobre o Porto Maravilha segundo os vendedores da Pedra do Sal, com exceção do casal citado, e em seguida tratarei mais detidamente da trajetória de Robson e seus circuitos pela cidade, que revelam reivindicações na pauta do direito à cidade partindo do direito ao centro.

Em seu estudo sobre Copacabana, Gilberto Velho apresenta as categorias mais recorrentes como unidades mínimas (1973: 66). Como essas unidades mínimas somente possuem significado para a análise antropológica na medida em que estão em oposição a outras categorias, as inseri em quatro chaves de análises que articulam tais categorias com as questões da pesquisa. Busquei problematizar as categorias presentes nas chaves ao relacionar os discursos dos vendedores com as entradas teóricas. As chaves de análise foram, assim, escolhidas com o intuito de fazer cruzar os dados do material de campo.

¹⁹⁵ Como a denominação “camelô” impacta essa atividade de comércio “de forma pejorativa e degradante”, uma série de estratégias desses profissionais são empregadas para se apresentarem mais como comerciantes do que como camelôs (CAVEDON, MENDES, 2012: 132).

Apresento trechos das falas dos vendedores não apenas para exemplificar as classificações que operei, mas para trazer um pouco do que é dito em seu léxico original, trazendo mais inflexões e concretude à análise, bem como abrindo outras possibilidades de interpretações pelo leitor. O contato com os vendedores foi inicialmente feito através do consumo de seus produtos ou por apresentação de Robson e Ângela. Com exceção de Doralice e Anderson, que moram em Santa Teresa, todos residem nas proximidades da Pedra do Sal. Nas conversas busquei facilitar a abordagem sobre o projeto Porto Maravilha, mostrando três diferentes cartões postais futurísticos que peguei gratuitamente no espaço “Meu Porto Maravilha”. São imagens mais próximas do desenho de propaganda do que do desenho técnico. A exibição dos possíveis cenários dos futuros Museu do Amanhã, Túnel do Binário e Túnel da Saúde torna mais concreto o que está acontecendo, incentivando a expressão de opiniões.

Embelezamento – A beleza relacionada ao Porto Maravilha vincula-se tanto ao *presente* quanto ao *futuro*. É positivada no primeiro, como um *atrativo* para a presença no lugar e o consequente consumo das mercadorias dos vendedores. Quanto ao futuro, é posto em cheque se aquelas pessoas conseguiriam arcar com os *custos* que tal beleza traria para a moradia.

- “Ruas bonitas e samba têm a ver”; “obras ajudaram e muito”; “Morro está mais bonito” (Alexandre).
- “Melhorou 70%. As pessoas de fora vem visitar uma maravilha dessas e isso melhora para a gente”; “Pça. Mauá era um lixo. Agora vai ficar renovada. Tem muito mais a ver com o porto”; “Eles estão mandando ver na renovação. Estão botando pra quebrar”; “Que coisa linda... e ser no Centro. Na Zona Sul não precisa” (Marluza).
- “O viaduto não tinha a ver. Mas já que tinha, investia em outra coisa” (Marquinhos).
- “Bonito é bonito. Se ficar assim, é outra coisa” (Marcelo).
- “Agora você olha bem no rostinho da gente. Vê se a gente tem cara de que mora aqui” (Lúcia).
- “Vai se identificar com certeza [a Região Portuária e as imagens de como será seu futuro]” (Anderson).
- “Vai trazer melhorias, com certeza” (Francisco).

Encarecimento – O aumento do aluguel na Região Portuária é um tema constante nas conversas. Os bairros desse espaço são articulados a outras áreas da cidade, sobretudo as localizadas no sul da cidade. A Zona Sul, assim como a Região Portuária, tem recebido altos investimentos nos últimos anos, mas esses recursos são uma constante há décadas nessa área que foi consolidada como nobre¹⁹⁶. Deste modo, em contraponto, não há na Zona Sul a pressão para a saída do atual perfil de moradores. Para os habitantes da Região Portuária, pressionados com a elevação dos gastos para moradia, os subúrbios e os morros, no sentido de favela, surgem como possibilidades caso se efetive a necessidade da mudança de residência.

- “IPTU já aumentou. Muito. As pessoas estão reclamando, mas só entre elas”; “Pessoal que pagava aluguel de 600 passou a pagar 1000”; “Muitos do Morro da Conceição já se mudaram”; “Ninguém quer sair daqui” (Alexandre).
- “Vou falar uma coisa que tenho certeza... muita gente está saindo. Aluguel que era 400 passou para 800”; “Quem não conseguir pagar vai para morro ou vai pro subúrbio”; “A pobreza existe, mas nós seres humanos gostamos do bom, do melhor. Quem não gosta do melhor? Quem diz que não gosta tem um astral muito baixo, quer viver no lixo” (Marluza).
- “Acho que fizeram isso com o intuito de expulsar o pobre. Na Zona Sul não tem sido feito isso”; “muita gente já foi expulsa”; “Alguns tiveram infarto na hora do despejo. Minha vizinha foi uma. Ficou um mês no [hospital] Souza Aguiar e depois morreu”; “Dizem que o prefeito não quer ambulante”; “Moradia. É o que os pobres estão precisando”; “Vai tirar a gente daqui para botar onde? No fim do mundo? Eu que trabalho aqui vou pra onde?” (Marquinhos).
- “Aluguel aumentou bastante. Pode botar 500% aí que aumentou muito”. Aqui tá pior que Zona Sul” (Marcelo).
- “Vai resultar numa especulação imobiliária altíssima”; “Isso é de cima pra baixo. Não tem nada de baixo pra cima”; “Eu acho que obra, melhora é sempre bom. Mas isso é respeitando quem já está. Isso aí é pra empresário” (Lúcia).
- “O aluguel aumentou bastante”; “Pessoal saindo, expulsão. Sobreviver” (Francisco).
- “Empresários e população estão juntos” (Aílton).
- “Aluguel aumentou” (Mário).

Estrangeiro – A presença de turistas é marcada, salvo uma exceção, pelo aumento em sua frequência na Pedra do Sal, em geral lucrativa e

¹⁹⁶ Como foi exposto no primeiro capítulo.

acompanhada da ampliação do público em geral. Contudo, o maior peso do estrangeiro nas falas é que o Porto Maravilha foi projetado para o aproveitamento deles, com *obras feitas para os turistas* e não para os moradores.

- “Gringo tem mais na segunda” (Alexandre).
- “Muito turista e a tendência é melhorar”; “Tudo novo, muita novidade. Muita república, hostel” (Marluza).
- “Vem muita gente de fora, mas meus clientes são os meus. De fora é mais no fim de semana”; “A visão daqui não é com o pessoal, local. É sim para gringo. Aluguel médio é de 200 a 800.” “Se eles estão trazendo de volta a história, para que trazer o pessoal de fora?” (Marquinhos).
- “Mas turista vem muito agora” (Marcelo).
- “Clientela aumentou, mas gringo é mais segunda” (Lúcia).
- “Gringo sempre teve, com obra ou sem obra” (Anderson).
- “Acho que é mais para turista ver”. “Mostrar as obras para o pessoal que vem de fora. Tem vindo muito turista, valendo a pena, razoável”; “Tendência é melhorar. Mais pelos turistas. Não vai piorar, né?” (Francisco).
- “Aumentou a quantidade de gente que frequenta também e de gringo também” (Mário).

Perspectivas – As opiniões sobre o Porto Maravilha são diversas, balizando-se no *custo-benefício*, ou seja, se as adversidades das obras seriam compensadas pelo o que está por vir. Espera-se um incremento da circulação de pessoas e por consequência do comércio, trazendo lucro para os vendedores, bem como uma inclusão dos moradores na escolha das diretrizes do projeto. No geral, resta uma percepção de que não há muito o que fazer, apenas esperar.

- “Comércio está melhorando, tá aumentando”; “Gastaram muito dinheiro e a rua continua enchendo na obra”; “feita na pressa” (Alexandre)
- “Pessoa da Zona Sul que frequentava a Lapa aqui vem três vezes mais”; “Aqui é badalado. Já era e agora vai ficar melhor ainda” (Marluza)
- “A revitalização para os moradores é nada”; “Vamos acabar saindo do quilombo da Pedra do Sal”; “Só escuta boatos... alguns dizem que o Eduardo Paes quer habitar o Centro”; “Daria para incluir o projeto com os moradores, mas o único contato que tem sido feito é com a explosão [do Viaduto da Perimetral]”; “Não está valendo à pena. Por enquanto” (Marquinhos)

- “Está legal. Não prestou muito, mas vale a pena”; “Eu acho que vai valer a pena. Espero que mude” (Marcelo)
- “Estou com medo da casa cair”; “Assusta. Acho que vai causar impacto nesses prédios. Assusta”; “Esclarecimento é o Porto Maravilha, é o progresso. Acho que eles querem mais é que caíam os prédios”; “O impacto das obras nessas casas é muito perigoso. E não é só nesta mas no geral. Caíram dois prédios ali”; “Essa calçada era de pedra. A Prefeitura colocou calçamento e aí os prédios racharam” (Lúcia)
- “No início que quebraram aqui, atrapalhou um pouco” (Anderson)
- “Eu acho que a evolução é importante para tudo” (Doralice)
- “Vi muita obra mas até agora não vejo benefício nenhum”; “As obras atrapalharam bastante” (Francisco)
- “As obras não foram feitas regularmente”; “O lixo não é recolhido”; “Nem é a prefeitura, é a má educação da população”; “Para mim tá valendo a pena. O povo é que não fica satisfeito, mas deveria ter feito há muito tempo”; “se sair do projeto é bom”; “eu vou trabalhar pra ganhar um pouquinho mais. A pessoa tem que ter educação, saber viver” (Aílton)
- “Está tendo muito emprego na obra também. Só não trabalha quem não quer” (Mário)
- “Acho que futuramente vai trazer benefício” (Mário)

Verso de um dos cartões postais futurísticos que são distribuídos no estande “Meu Porto Maravilha”.

Frente dos cartões postais futurísticos que são distribuídos no estande “Meu Porto Maravilha”.

Os vendedores ambulantes temem o Porto Maravilha, mas, em geral, consideram o projeto belo. Percebe-se, em algumas das falas, uma não identificação de suas vidas como contempladas no planejamento para a Região Portuária. Antes de apresentar as reflexões sobre o caso de Robson e Ângela, que tem proporções diferentes, mais densas por conta do maior contato, do que as situações expostas acima, busco conceitualizar as referências para pensar essas pessoas e, sobretudo, seu poder de agência.

A busca pelas representações e motivações dos agentes está presente de forma marcante na coletânea *A miséria do mundo*, coordenada por Bourdieu (1993a). No livro são apresentados depoimentos, intercalados por breves textos sobre os casos ou sobre o contexto mais amplo nacional ou mundial. As entrevistas realizadas conseguiram, segundo Bourdieu (1993b), apresentar informações aprofundadas sobre a posição dos informantes nos espaços sociais estudados.

As relações em Bourdieu estão sempre em tensão, com a necessidade de atualizações, ainda que as mudanças na estrutura se revelem pouco permeáveis. A grande potência do conceito de espaço de Bourdieu, trabalhado no primeiro capítulo, parece, a meu ver, situar-se na necessidade de pensar as relações para compreender o espaço, bem como o entendimento de sua variabilidade contextual. Bourdieu busca a introdução dos agentes, os quais são conceituados como ação pensada e direcionada, e não apenas como sujeitos executores de regras (1985: 21).

Os contornos da agência são mais trabalhados por Bourdieu em *O poder simbólico* (1989: 54, 55). Nele o autor pensa os limites da atuação dos agentes na conformação e qualificação dos espaços através da incorporação da noção de espaço de interação, que tem características conjunturais e é, em suma, um espaço pré-construído, pois a composição social do grupo em interação está configurada *a priori* para fundamentar a própria existência do grupo e da interação concebida antecipadamente.

As atualizações e reinterpretações do espaço de interação foi o que mais me motivou na análise da agência de Ângela e Robson na Pedra do Sal. Conhecemo-nos durante uma das rodas de samba e eles de pronto se mostraram muito solícitos e interessados em conversar sobre o lugar, as ações do Porto Maravilha e suas vidas. O casal mora há quatro no Morro da

Conceição e desde antes da vinda para o centro, comercializam em uma barraca de comidas e bebidas na área de negócios do centro, tendo na época que os conheci quatro meses de presença nas rodas de samba, o que foi possível através do espaço para montar a barraca concedido por um ex-vendedor. No início de dezembro combinei com o Robson de fazer uma entrevista gravada, acompanhando antes seu percurso do trabalho, na área de negócios do centro, até em casa.

Encontrei-o numa manhã de sábado na R. Camerino e de lá seguimos para a subida do Morro da Conceição, pela ladeira que se inicia na R. Senador Pompeu. Aquele acesso era inédito para mim, que já havia subido pela Pedra do Sal, no caminho que se inicia na R. do Acre, mas comumente usava a Ladeira João Homem, já no final da R. do Acre. Achava a R. Camerino e suas adjacências perigosa, sempre andando por aquelas redondezas com desconforto. Aliás, mesmo tendo nascido no Rio de Janeiro e estudado no período da universidade no centro, poucas vezes havia frequentado a Região Portuária antes de iniciar os preparos para a pesquisa. Na época de confecção do projeto de pesquisa não foram poucos os avisos de prudência ao lidar com aquele espaço, visto como sujo, escuro e ameaçador. Percebo como em boa parte do período de pesquisa me relacionei com a Região Portuária de forma precavida, receando riscos. Nesse dia, com o trajeto do Robson percebi que um comportamento demonstrando medo pode ser uma cortina de fumaça, na tentativa de me aproximar do que não conhecia.

Chegando à casa de Robson, na R. do Jogo da Bola, conhecida por seus ateliês artísticos, encontrei Ângela e também o filho deles, Leonardo, de oito anos. Iniciava-se um processo de trocas, que apesar de materiais, envolvem considerações afetivas. Levei um carrinho de brinquedo para o Léo, enquanto o casal me convidou para um almoço na casa deles. Iniciei a conversa¹⁹⁷ com Robson perguntando sobre o processo de vinda para o Morro da Conceição:

A nossa vinda para cá foi devido ao nosso serviço. E quando ele chegou na nossa vida [o filho], a gente queria o melhor para ele. Então a gente foi arrumando uma amiga, que morava aqui e hoje mora ali embaixo. A gente sempre perguntando e ela:

¹⁹⁷ Que não é analisada integralmente e nem de forma linear.

não tem, não tem, não tem. Aí um dia ela chegou [e disse]: a minha comadre vai se mudar, você quer? E quis vir para cá... a facilidade do nosso trabalho e a facilidade do lazer, a facilidade do serviço de saúde, tudo isso acompanhou a coisa. Então nós viemos para cá. Vai fazer quatro anos e eu vou falar que a gente enriqueceu em tudo. Não é a parte financeira, a gente enriqueceu nossa saúde. Precisei de um tratamento para ele. Enriquecemos fisicamente, apesar de ter que subir e descer, mas é melhor do que a gente pegar um trânsito. Enriquecemos da parte cultural. E justo o que não esperava... enriquecemos da construção do bairro, do centro da cidade, principalmente do bairro onde a gente mora.

A família morava no município de Duque de Caxias, na chamada Baixada, inclusa no Grande Rio. Em sua comparação sobre a vida morando em Duque de Caxias e depois no Morro da Conceição, fica claro como o direito à cidade, compreendido no uso irrestrito de seus equipamentos e possibilidades¹⁹⁸, apenas se torna possível para Robson quando ele conquista o direito ao Centro. Ressalta-se também, como um tema frequente nas conversas dos vendedores ambulantes, o próprio trabalho e a questão das condições da sua realização (MAFRA, 2007: 197). Provavelmente em decorrência de uma certa fluidez nas escolhas de onde trabalhar e como¹⁹⁹, há uma constante identificação entre o desempenho na profissão e as condições de vida:

Hoje eu tenho disposição para trabalhar, fazer um serviço extra, como você viu. Mas se eu tivesse continuado em Caxias, não teria como.

¹⁹⁸ “O direito à cidade (não à cidade arcaica mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais etc.)” (LEFEBVRE, 1969: 139).

¹⁹⁹ Apesar da escolha em geral de um ponto fixo em relação à ocupação do espaço, o mercado dos vendedores ambulantes pode ser caracterizado como dinâmico e fluido, “tanto na disseminação e distribuição dos novos conceitos e produtos, como na possibilidade sempre presente de colocar tais produtos e conceitos ao alcance de consumidores” (CAVEDON, MENDES, 2012: 129).

De Caxias eram quantas horas de ônibus?

Da Central até o Centro de Caxias são 45 min, entendeu? Tendo trânsito, trânsito normal. Mas com um pneu de carro furado ali pela Linha Vermelha, chega em 1h30, entendeu? E assim disso para cima. Chegar no Centro de Caxias e estivesse chovendo, eram 2h. Igual a gente ficou. Não sei se te falamos, mas a gente saiu daqui às 7h da noite, chegamos em casa 11h da noite. Voltamos no outro dia 4h da manhã. Porque choveu, alagou tudo, não tinha ônibus, e tivemos que ir andando a pé do centro de Caxias com chuva... 30 min até onde a gente morava. Aqui hoje, hoje, vamos falar de três meses [trabalho na Pedra do Sal] para cá... aqui para a gente é do lado, descemos sempre [quando o dia já está] claro. Eu não estou exaltando a Porto Maravilha. Eu estou exaltando a obra que ela tem feito. Da rua do Acre para cá hoje, entendeu, eu tenho visto melhorias. Não tenho visto mais alagamento. E eu que sou muito crítico sobre isso... Não tenho visto mais alagamento, a água tem escorrido bem. A rua não está mais tão esburacada. Então tudo isso, essas dificuldades que existiam, diminuiu.

Frente à possibilidade de adquirir uma casa própria, Robson elabora uma estratégia de mobilidade para não perder um ponto fixo no centro. Mesmo se possuísse uma casa em seu nome, que frente aos gastos de moradia na cidade provavelmente não seria localizada no centro, a continuação do pagamento do aluguel da atual casa compensaria face as facilidades ocasionadas pela localização privilegiada do Morro da Conceição:

Para mim, meu maior enriquecimento vai ser minha casa própria.

Vocês se inscreveram no “Minha casa, minha vida”, não é?

Nos inscrevemos... esse vai ser meu maior enriquecimento. Eu não penso... se a senhoria chegar para mim e falar: Robson, Ângela, vou querer a casa, entendeu? Aí sim. Mas mesmo se eu for sorteado no “Minha casa, minha vida”, vou deixar para ir pra minha residência, morar lá, no final de semana. Sexta

sábado e domingo. E manter aqui, porque aqui eu vou continuar meu dia a dia. Aqui vai ser o meu dia a dia, entendeu? O colégio dele [do filho]. Eu vou te dizer... em cinco anos, ele enriqueceu.

Para exemplificar os benefícios da moradia na área central, Robson produz uma justificativa de escolha racional, comparando os gastos de um dia de lazer caso ainda morasse em Duque de Caxias e na realidade atual:

Hoje é o primeiro dia da árvore de Natal na Lagoa [Zona Sul da cidade]. Aí eu teria que gastar 4,50, 9 reais. 18 reais para mim e a Angela. 18 reais para a gente chegar até a Central. De Caxias até a Central. Isso se a gente fosse apanhar um ônibus perto da nossa casa. Teria que andar como se fosse daqui até a Pça. Mauá. Tomar um ônibus direto, senão, se a gente não quisesse andar esse tanto, a gente teria que pegar um de 2,75 até o Centro de Caxias. Do Centro de Caxias a gente tinha que pegar um outro de 3 e pouco até a Central e para chegar da Central na Lagoa a gente tinha que pegar outro de 2,75. Então, você vê... daria só de passagem... vamos botar.... daria quase 30 reais. Aí você vai sair com uma criança... vai querer fazer um lanche. Vai ver uma bolazinha e você vai comprar. Um brinquedinho, você... ano passado acho que era 5 reais [para] 30 min brincando numa piscina de bolas, entendeu? E ele foi umas quatro vezes na piscina de bolas. Foi justamente o dinheiro da passagem, que se eu estivesse morando em Caxias, eu teria que economizar, eu teria que tirar dele, entendeu? Não deixar ele brincar e ter que guardar para a passagem.

Os benefícios da vida no centro são por fim comparados não só pelo que há na área central e suas redondezas, mas também pelas ausências nos espaços mais distantes. Percebe-se a distribuição desigual das atividades culturais, que também constrói o direito ao centro como um mediador do direito à cidade:

A gente quer ir... abre o jornal. Vamos para o centro cultural, o do Banco do Brasil, o dos Correios, entendeu? O que você faz? Poxa, o bloco Escravos da Mauá, Pedra do Sal, tudo aqui. Aqui as coisas, por exemplo, um curso, ação social. Se você for olhar direito, aqui todo dia tem uma coisa grátis. Todo dia tem alguma coisa grátis. São coisas que você dificilmente vê na Baixada.

A percepção da gratuidade ganha outras nuances logo em seguida na conversa, revelando como o cotidiano é afetado, e pode sê-lo positivamente, pelas intervenções urbanísticas na Região Portuária:

Apesar de que nada é de graça. Para sair no negócio que você gosta, na perna de pau, tem que ter um contrato. E isso tem que sair de uma empresa privada ou do Governo.

E agora a Porto novo está financiando...

Vocês hoje têm a Porto Novo... há um tempo vocês não tinham. Tudo isso você vê que é só enriquecido.

Robson também compara áreas do centro abarcadas pelo Porto Maravilha com outras que não o são, de forma a valorizar o projeto. As fronteiras que recortam a Região Portuária em lugares mais ou menos visibilizados auxiliam o vendedor na demonstração da eficácia do projeto.

Da Presidente Vargas até a Marinha e até a Rodoviária pertence ao consórcio. E você vê... o lado do consórcio está progredindo. Não tem essa visão do Centro do outro lado. Se você for passar da Presidente Vargas, para o outro lado, para Uruguaiana, os problemas continuam os mesmos, é lixo, flanelinhas. Os problemas de lá continuam.

Em um momento da conversa, mostro os postais futurísticos do Porto Maravilha, os mesmo que depois apresentei aos vendedores ambulantes já mencionados. Há no confronto com as imagens tanto o orgulho pelo projeto,

como já ficou claro nos trechos anteriores, quanto uma satisfação pessoal por ter anos antes acreditado que eles potencialmente aconteceriam:

Dessas imagens que eu mostrei de como vai ficar, você poderia falar algumas palavras sobre como se sente?

Vou falar um negócio para você: é... o que vai ficar eu não tenho palavras, não tenho explicação, eu tenho é emoção. A minha emoção é porque eu cansei de falar, cansei de conversar com amigos que ia mudar, entendeu? E eu vi o desafio de eles não acreditarem e isso que eu posso hoje falar, ver, isso é para mim. O que eu acreditei, poderia até quebrar a cara, como muitas vezes já quebrei, ou seja, meu partido fez eu quebrar a cara. Então não tenho palavras para falar daquilo que eu vejo que está sendo transformado, está sendo mudado, está naquele desafio que eu coloquei, então não tem. Todo dia eu passo na Pça. Mauá. Eu olho para a rua, a rua está limpa. Eu vejo o que vai ter, o que não vai. Qual é o projeto, o que não é, entendeu? O que o governo está me dando, o que a concessionária está me dando.

Assim como na comparação entre a cidade de Duque de Caxias e o Morro da Conceição, não é o serviço da concessionária do Porto Maravilha que se mostra surpreendente. É uma falência nos serviços públicos que torna aquele serviço meritório:

Aqui em cima são duas coletas de lixo. Se tem lixo na rua, tiram. Esse serviço essencial que a Conlurb levava sete dias para fazer, quando você levava uma reclamação. Hoje a Porto Novo fala: o senhor vai ter um prazo de sete dias. Mas no outro dia você já está com o serviço sendo feito. Eu, para mim, na minha maneira de pensar, eu tenho a quem cobrar. Quem está sendo pago para fazer o serviço? É a Porto Novo. [Se] Esse serviço está prejudicando, eu vou à Porto Novo. Então, se não conserta, eu vou à justiça e a justiça vai em cima da Porto Novo. O que eu não admito é a agência reguladora desse

serviço ser escolhida por eles... é aquele negócio... se eu deixasse na mão do governo, seria um serviço precário.

Após o almoço com a família, Robson e eu visitamos alguns pontos do Morro da Conceição nos quais ele gosta de apreciar a cidade. Descemos pelo caminho da Pedra do Sal. Logo de frente ao acesso, na R. Sacadura Cabral, vimos uma filial das Lojas Americanas recém inaugurada. Robson resumiu a importância de uma loja do grande varejo nacional naquele lugar: “Você vê chegar, abre uma Lojas Americanas... então já vê o interesse do que deve acontecer daqui para a frente”. Ele gostaria que fossem inaugurados mais supermercados e farmácias na Região Portuária, aumentando a concorrência e diminuindo os preços. Diz também que os comércios que estão abrindo são mais caros dos que os já existentes, além do custo com a moradia estar em elevação.

Pergunto ao Robson se ele não tem receio de que fique insustentável continuar morando no Morro da Conceição frente a tantas pressões pela vinda de um novo, e com maior poder aquisitivo, perfil de habitante. A resposta é que se haverá a presença de mais turistas e de mais habitantes, com um consumo local encarecido, ele pode tirar proveito dessa configuração vendendo seus produtos para mais gente e por um preço mais alto, já que haverá quem compre. Robson, assim, me apresenta uma estratégia de permanência que se alimenta dos próprios motivos pela qual a mesma existe.

Proveniente de fora da cidade do Rio de Janeiro, Robson encarna tanto a face da resistência frente a elevação do preço dos aluguéis quanto o próprio agente externo que segue rumo a Região Portuária para, de certa forma, usufruir das possibilidades presentes na implantação do Porto Maravilha. Com o exemplo de Robson é possível pensar tal processo de materialização do projeto à luz das contradições que surgem nas circunstâncias. Robson mobiliza para o enobrecimento, mas também tenta sobreviver a ele²⁰⁰.

É interessante pensar essas dinâmicas de estratégia à luz de noções de projeto e de campo de possibilidades, que “podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem

²⁰⁰ Agradeço as Profas. Dras. Ana Lanna e Silvana Rubino pelas considerações sobre o tema durante a defesa da dissertação.

esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades” (VELHO, 1994: 40). Os projetos individuais inter-relacionam-se dentro de um campo de possibilidades, a partir de proposições e paradigmas a eles intrínsecos:

Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico e da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade (VELHO, 1994: 28).

Esse movimento circunstanciado estabelece a complexidade das relações entre os projetos e a viabilidade de uma mesma pessoa compartilhar de projetos que são contraditórios (VELHO, 1994: 46). Pela fluidez dos limites entre projetos individuais observada a partir da situação analisada, considero limitador pensar, neste caso, em termos centrados apenas em práticas de subversão, tal qual o de contra-uso trabalhado por Leite (2007: 214-216), com seu teor focado na insubmissão aos projetos urbanísticos.

Parte do meu distanciamento neste texto frente o conceito de contra-uso surge de uma opção por pensar em termos de agentes, enquanto o conceito de contra-uso, tal como trabalhado por Leite, pressupõe a noção de sujeitos (2007: 214-216). Tratados muitas vezes como sinônimos, sujeito vincula-se ao pensamento marxista e incorpora a necessidade de intenção e de ação, enquanto agente está relacionado ao poder de influência na pauta de questões e na mobilização de relações – com Max Weber (1920), além de Bourdieu (1989), como principais autores, não sendo necessária alguma intenção. Penso que a possibilidade de ausência da intencionalidade é uma prerrogativa relevante quanto a consideração de que projetos individuais podem ser contraditórios e de que a relação com grandes empreendimentos urbanísticos pode incluir uma forma de associação, ainda que crítica, ao próprio empreendimento ou até mesmo o lucro através dessas intervenções.

Torções no mapa de prestígio

A partir do projeto Porto Maravilha surgem questões sobre as formas como a Região Portuária passará a ser inserida, nos termos de Velho, no mapa de prestígio da cidade do Rio de Janeiro. Na definição de Velho, o mapa de prestígio estabelece hierarquias entre bairros segundo classificações do que é bom em uma cidade, equivalendo “a uma experiência de vida em que a área de manobra é estreita e são poucas as alternativas” (1973: 10). Pode-se considerar tal mapa de prestígio como inserido em uma “cartografia imaginária”, no vocábulo de Agier (2011: 67). Para o autor, esse termo corresponde a uma referência de cidade inteira que é apreendida parcialmente por seus habitantes, o que ocorre de formas diferentes segundo as suas vivências pessoais e as identificações com determinados lugares. Nas palavras de Agier: “uma cartografia imaginária dos cidadãos que vivem em certas partes da cidade continuando a ter, sobre os outros espaços, pelo menos algumas experiências, ideias ou imagens” (2010: 67).

A definição das posições dos espaços nessa cartografia imaginária constrói-se “por aglomeração progressiva em função de afinidades ou, pelo contrário por reação aos preconceitos” (AGIER, 2011: 66). Agier parte para pensar essa questão com base nas regiões morais de Park. Na visão de Park (1915: 29-72), os vínculos com as regiões morais são constantemente atualizados através de eventos por meio dos quais *ethos*, sociabilidade e valores morais gerais de uma região são expressos na sua participação política, revelando uma relação entre a organização do espaço social e formas de articulação política. A vizinhança é percebida como o pilar do manejo político: “Na organização social e política da cidade, é ela a menor unidade local” (PARK, 1915: 31). A vizinhança é, desta forma, o embasamento da região moral, assumindo esse caráter “sob as influências que tendem a distribuir e a segregar as populações citadinas” (PARK, 1915: 64).

Como as classificações por regiões morais se estendem a todo o espaço urbano, Agier ressalta que esse conceito “permite uma visão segmentar reconstruída em traços gerais” (2010: 66). As diferenciações não se constroem apenas pelo prestígio ou status, mas na distância social que essas distinções estabelecem (AGIER, 2011: 66). A Região Portuária vem sendo aproximada à

ideias de modernização e novidade que respondem, de alguma maneira, ao léxico da decadência²⁰¹ que era a sua marca. O estigma do declínio é, assim, utilizado como justificativa para as intervenções urbanísticas contemporâneas.

Com a definição do Rio de Janeiro como uma das cidades-sede da Copa do Mundo FIFA de 2014 e como cidade olímpica mundial de 2016, as possibilidades de remodelações do mapa de prestígio da assumem ainda mais ênfase, sendo um espaço em mudança simultânea ao processo de preparo para receber esses eventos esportivos internacionais. A Região Portuária é considerada uma área central para os grandes eventos internacionais, especialmente para os Jogos Olímpicos. Segundo o atual prefeito, ressaltando o privilégio da área central: “Uma parte da vila de mídia da Olimpíada vai ser feita ali, portanto, é, de fato, o ressurgimento de uma região da cidade que tinha sido completamente degradada”²⁰². Nesse sentido, Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Rio - 2016, corrobora:

Aqui [Região Portuária] está praticamente o coração do controle dos Jogos. São instalações do Centro de Operações dos Jogos, que é talvez um dos mais importantes, do Centro de Credenciamento, distribuição de uniformes e Centro de Mídia dos não credenciados. Então, isso é algo que traz à cidade e à organização dos Jogos uma alegria muito grande²⁰³.

O legado de grandes eventos na cidade do Rio de Janeiro é alvo de controvérsias desde o início das Exposições Universais, em 1851, quando se previu a construção de edifícios monumentais, mas desmontáveis, que

²⁰¹ Como foi trabalhado no segundo capítulo.

²⁰² “Paes assina contrato para recuperação da zona portuária do Rio”. 27.12. 2010, G1, Globo. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/12/paes-assina-contrato-para-recuperacao-da-zona-portuaria-do-rio.html>. Último acesso em 13.07.2012.

²⁰³ “Prefeitura firma acordo com empresa privada para revitalizar o Porto do Rio”. 26.11.2010. Globo Esporte, Globo. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2010/11/prefeitura-firma-acordo-com-empresa-privada-para-revitalizar-o-porto-do-rio.html>. Último acesso em 26.07.2013.

contribuiriam como herança em lugares externos aos originais, que abarcavam as edificações apenas no período do evento (CODDOU, 2010)²⁰⁴.

Os resultados das grandes obras de Pereira Passos e Carlos Sampaio, no início do século XX, foram “coroados por manifestações de prestígio” (ENDERS, 2002: 215) através de exposições que fomentaram o turismo no Rio de Janeiro. O Brasil celebra em 1908, com uma exposição nacional, o centenário da abertura de seus portos e o fim da época colonial. Em 1922, uma exposição internacional é realizada para comemorar o centenário da independência (ENDERS, 2002: 215).

Um exemplo peculiar do tratamento concedido aos legados de grandes eventos é o Palácio Monroe, que foi resignificado de diversas formas ao longo de oito décadas. O palácio foi planejado como Pavilhão do Brasil para a Exposição Universal de 1904, em Saint Louis, nos Estados Unidos. A estrutura foi transportada e remontada no Centro do Rio de Janeiro em 1906, como sede da Terceira Conferência Pan-Americana, recebendo o nome Monroe em homenagem ao antigo presidente dos Estados Unidos, James Monroe, idealizador do pan-americanismo. A partir de então o palácio foi ocupado por diversas instituições, como, cronologicamente, Câmara dos Deputados, Senado Federal, Tribunal Federal Eleitoral, escritório de representação do Senado no Rio de Janeiro e sede do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA). Em 1974, com as obras de construção da malha metroviária, o traçado dos túneis foi desviado para não afetar as fundações do palácio e foi nessa época o Governo Estadual decretou o seu tombamento. Contudo, começaram campanhas, mobilizadas pelo jornal O Globo, em prol da demolição do palácio, que, por motivos de alegado enfeamento e prejuízo do trânsito rodoviário, não recebeu o tombamento pelo Governo Federal e foi demolido em 1976 (AGUIAR, 1976, 53-215).

²⁰⁴ Coddou cita o Crystal Palace, da Exposição Universal de 1851 (Londres), primeiro grande edifício símbolo da nova tecnologia do ferro, que fora desmontado transferido de lugar, e a Torre Eiffel, símbolo da Exposição Universal de 1900 (Paris), “que foi alvo de um intenso debate: embora num primeiro momento tenha-se especulado desmontá-la, seu impacto simbólico foi tão grande que o monumento resiste como nenhuma outra construção ‘efêmera’ de Exposições Universais da história. O mesmo acontece com o Atomium em Bruxelas” (2010: sem paginação).

No caso da Região Portuária há ampla propaganda sobre o que restará após os grandes eventos esportivos internacionais. A preocupação com a instauração de um novo polo turístico na cidade é evidente nos discursos de representantes das áreas de turismo e de urbanismo do poder público. Segundo Philipe Capello, gerente de Projetos Especiais da Riotur e da Secretaria Especial de Turismo:

“Além das obras de urbanização e obras imobiliárias na área do Porto Maravilha, serão criados novos atrativos imobiliários. Serão dois novos museus, mais áreas de lazer, galpões com atividades culturais. O turismo gastronômico também será beneficiado já que pontos próximos já possuem a tradição noturna. A partir de agora, além do Cristo e Pão de Açúcar teremos o novo Porto Maravilha”²⁰⁵.

A partir da análise de catorze livros de guias de turismo recentes ²⁰⁶, como forma de acesso ao imaginário do Rio de Janeiro turístico, observamos basicamente a caracterização de uma cidade feminina e sensual – por exemplo: “uma metrópole mãe, cidade grande, cidade principal” (*Guia de marcos cariocas*); “uma cidade sedutora, com faces antagônicas, que será mais generosa com quem se mostrar disposto a desvendar seus segredos” (*Frommer’s Rio de Janeiro*). A cidade também é identificada pela cordialidade dos seus moradores²⁰⁷: “povo alegre” (*Frommer’s Rio de Janeiro*); “a cidade e sua população são cordiais, cativantes, musicais, sabem aproveitar a vida” (*Top 10 Rio de Janeiro*); um dos guias ressalta até mesmo os corpos dos cariocas ao sublinhar que “uma das primeiras características a se notar numa praia carioca é o culto ao corpo dos seus frequentadores” (*Guia gay Rio*

²⁰⁵ “Evento discute benefício do Porto Maravilha para o turismo do Rio”. 28.10.2011. Folha de Turismo Mercado & Eventos. Disponível em: <http://www.mercadoeventos.com.br/site/Noticias/view/77775>. Último acesso em 13.07.2012.

²⁰⁶ São os guias de turismo integrantes do acervo para consulta da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A listagem com informações completas sobre os guias de turismo consta nas referências, após as bibliográficas.

²⁰⁷ “Os clichês contemporâneos sobre os cariocas são numerosos e repetitivos. O Jornal do Brasil, diário cuja sede fica no Rio de Janeiro, homenageava esse “povo sexy, esperto, que não gosta de dias nublados, nem de sinal fechado” (ENDERS, 2002: 5).

diferente). O marcador mais utilizado é, contudo, o da beleza natural da cidade²⁰⁸: “O Estado do Rio de Janeiro detém um conjunto inigualável de belezas naturais” (*Turismo ecológico: Rio de Janeiro*); “Muitos cariocas dizem que o Rio é tão lindo que, após seis dias criando o mundo, Deus descansou aqui no domingo” (*Top 10 Rio de Janeiro*); “É, sobretudo, um magnífico cenário no qual o homem entra em comunhão com a natureza” (*Frommer’s Rio de Janeiro*).

No contato com os guias, é inevitável tomar conhecimento da alcunha Cidade Maravilhosa, cujo uso se inicia após as obras do prefeito Pereira Passos (ENDERS, 215). Desde aquela época os gestores da cidade perseguem essa identidade de deslumbrante (OLIVEIRA, 2009: 56), buscando equiparar a realidade com o imaginário²⁰⁹. É uma cidade que se exhibe há décadas.

Ainda através da sistematização dos guias, constatou-se a quase ausência da Região Portuária nos itinerários sugeridos. Destacam-se em algumas publicações certos marcos históricos, como a Praça Mauá, o Cemitério dos Ingleses, a Igreja de Santa Rita e o Mosteiro de São Bento. Uma exceção na superficialidade no tratamento da Região Portuária é o guia *Marcos cariocas*, que seleciona e esmiúça os seguintes pontos, além dos já mencionados: Viaduto da Perimetral, Gamboa (marcado como o bairro em que nasceu o escritor Machado de Assis), Jardim do Valongo, Pedra do Sal, Pça. Mauá, Rodoviária Novo Rio, Superintendência Regional da Polícia Federal, Colégio Pedro II, Fortaleza da Conceição e Serviço Geográfico do Exército.

Ao pensar o conteúdo dos guias de turismo como uma reprodução do que está cristalizado como de mais emblemático na imagem da cidade (CASTRO, 1999, 80-87), nota-se claramente a posição secundária que a Região Portuária ocupa até o início dos anos 2010. Situação que já começa a

²⁰⁸ Salvo algumas exceções, os guias não problematizam os desmontes e aterros que foram reconfigurando o cenário da cidade, como exposto no primeiro capítulo.

²⁰⁹ Em filmes internacionais, a cidade do Rio de Janeiro é comumente exotizada em associações a um paraíso perdido, à beleza das mulheres, à miscigenação e à falta de leis. O Rio de Janeiro inventado por Hollywood a partir do século XX “não é tão distante do que os cariocas tentavam inventar à época” (FREIRE-MEDEIROS, 2005: 59). A cidade conforma-se em uma “paisagem da imaginação”, que a reinventa “a partir de um olhar concomitantemente ingênuo e paternalista, temeroso e seduzido, e veiculam imagens que, por serem usadas de forma tão repetitiva, alcançaram status quase mítico” (FREIRE-MEDEIROS, 2005: 58).

mudar, entretanto, com os mencionados trajetos guiados pelo Morro da Conceição e a inclusão da Pedra do Sal nas opções de passeios turísticos listados e comentados no endereço eletrônico da Riotur²¹⁰. Outro exemplo, mais pontual, é um mapa com pontos relacionados ao catolicismo que o Porto Maravilha fez para os visitantes que visitaram a cidade para a participação na Jornada Mundial da Juventude (JMJ) de 2013²¹¹.

Não é de interesse ao turismo se os trajetos não são os circuitos traçados cotidianamente pela população, sendo inventados para visitaço. As experincias tursticas no se baseiam por uma busca de autenticidade, mas por uma diferena entre os lugares de residncia e de trabalho frente o alvo do olhar turstico, fundamentando-se no contraste com as experincias cotidianas (URRY, 1990: 27, 28). A diviso binria entre o ordinrio e o extraordinrio , deste modo, o que guia o turismo: “As experincias tursticas envolvem algum aspecto ou elemento que induz experincias prazerosas, as quais, em comparao com o dia-a-dia, se situam alm do habitual” (URRY, 1990: 28).

As representaes sobre a “natureza turstica” de uma cidade em alguma medida precipitam as experincias que o turista deve ter, implicando em selees de quais reas seriam mais representativas: “enquanto alguns aspectos so iluminados, outros permanecem na sombra” (CASTRO, FREIRE-MEDEIROS, 2007: sem paginao). Especificamente sobre os mapas presentes nos guias do Rio de Janeiro, nota-se que aproximadamente apenas 25% do territrio da cidade identificado como tal, abrangendo, em geral, o centro, a Zona Sul e parte da Grande Tijuca. As fronteiras costumam ter o estdio do Maracan, ao norte, e o bairro de So Conrado, ao sul, como referncias limtrofes significativas. A falta de visibilidade no comumente percebida como problemtica para as reas da cidade ausentes desses mapas. Contudo, a escassez de visibilidade turstica da Regio Porturia, ainda que presente nos mapas, torna-se um dos eixos centrais da poltica atual de gesto do lugar; e at mesmo uma das metas principais no gerenciamento da cidade.

²¹⁰ Endereo eletrnico da pgina “Jazz, forr e muito samba na Zona Porturia”: <http://www.rio.guiaoficial.com.br/noticias/jazz-forr-e-muito-samba-na-zona-portu-ria/>. Acesso em 05.07.2013.

²¹¹ Mapa disponvel em no endereo eletrnico <http://portomaravilha.com.br/materias/igrejas/i.html>. Acesso em 28.07.2013.

Reafirma-se nos discursos políticos e da iniciativa privada que a posição central da Região Portuária tornaria como que inadmissível o seu status então não privilegiado no mapa de prestígio do Rio de Janeiro. Ademais, por já abrigar uma das portas de entrada da cidade, o cais do porto, a área beneficiaria-se de um contato já necessário para parte dos turistas, os que chegam por meio do acesso marítimo.

Durante a pesquisa foi possível observar que referências turísticas da cidade estão sendo negociadas na direção da Região Portuária, que se cerca não apenas de valores históricos, já contemplados nos guias de turismo e reavivados ocasionalmente pelas obras atuais²¹², como usufrui de imagens de um Rio de Janeiro futurista e internacional. Interessante notar que enquanto os guias de turismo da cidade do Rio de Janeiro valorizam sobretudo os aspectos percebidos como naturais e exóticos, as obras do Porto Maravilha possuem maior ênfase em projetos internacionais e monumentais que poderiam ser propostos e implantados em qualquer outra grande cidade. Inseridas em um mercado próprio, as cidades efetivamente competem entre si. Exemplifica-se no caso do Rio de Janeiro com o subtítulo do já citado Plano Estratégico da Prefeitura para o período de 2013-2016: “O Rio mais integrado e competitivo”.

Embelezamento e enobrecimento

Em meio às disputas por relevância, as cidades buscam angariar para si itens distintivos que revelem os aspectos positivos de suas identidades, ainda que essa busca de singularidade seja perpassada por invenções de tradições e resulte, por vezes, em lugares de diversas cidades que são comparativamente indistinguíveis²¹³. Fica a pergunta de qual modelo de turismo interessa ao poder público e até mesmo à iniciativa privada e aos escritórios de arquitetura.

No caso da Região Portuária, as intervenções baseiam-se em uma revitalização discursivamente situada no sentido estrito do termo, como um local sem vida que se transformará em algo novo, desconsiderando,

²¹² Como foi exposto no capítulo 2.

²¹³ A mesma situação é visualizada por Frúgoli no contexto paulistano: “... são prédios que poderiam estar em qualquer outra grande metrópole, dadas, em outras palavras, suas características arquitetônicas mais globais, o que dificultaria identificá-los como ‘paulistanos’” (cf. Piza, 21.6.1996:10)” (2006: 189).

simbolicamente e nas práticas, a realidade já existente. O próprio slogan do Projeto Porto Maravilha, “Uma nova cidade está nascendo”, deixa esse aspecto evidente. Segundo as palavras do prefeito Eduardo Paes:

... processo de revitalização da Zona Portuária, que vai se transformar num novo centro para o Rio, com áreas residenciais e comerciais.²¹⁴

Tapume das obras do projeto Porto Maravilha. Fota de autoria da pesquisadora.

Os discursos nesses moldes confrontam as intervenções urbanísticas na Região Portuária com o enobrecimento e a espetacularização. Segundo certos autores, como Campos Neto e Somekh (2005: sem paginação) e Jacques e Vaz (2003: 129-140), as medidas para valorização estão diretamente relacionadas à gentrificação. Os lucros gerados com os investimentos, tanto públicos quanto privados, são desfrutados pelos promotores dessa valorização e não pelos moradores das áreas alvo das intervenções. De acordo com Campos Neto e Somekh (2005), o tempo de reavaliação de grandes projetos enobrecedores ou dos limites desse modelo

²¹⁴ “O primeiro projeto corporativo”. 04.07.2011. Portal Portogente. Disponível em <http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=48525>. Último acesso em 13.07.2012.

operante tornam-se mais evidentes em especial nos países subdesenvolvidos, onde as carências habitacionais e de infraestrutura permanecem.

Crescentemente utilizado em estudos de intervenção urbana em áreas centrais que tiveram sua composição social alterada, o conceito de *gentrification* (que deu origem ao neologismo gentrificação), cunhado nos anos 1960 por Ruth Glass no contexto londrino (FRÚGOLI JR., SKLAIR, 2009: 119-136), foi inicialmente concebido para reflexões sobre casos recentes em cidades européias e estadunidenses²¹⁵, sendo aplicado tanto em análises de planejadores urbanos e arquitetos quanto de sociólogos e antropólogos. O conceito de *gentrification*, assim como o de preservação histórica e outras estratégias culturais foram centrais nos estudos de desenvolvimento urbano durante os anos 1960 e no início dos anos 1970 (ZUKIN, 1995).

Apesar do advento anglo-saxônico, o termo *gentrification* foi adotado – e problematizado – em estudos sobre grandes e médias cidades latino-americanas e brasileiras; destas destacam-se no campo antropológico São Paulo (FRÚGOLI JR., 2006; FRÚGOLI JR.; SKLAIR, 2009), Recife (LEITE, 2006, 2007), Salvador (LEITE, 2007; PINHO, 1996), Fortaleza (BOTELHO, 2006, LEITE, 2007), São Luís (CORRÊA, 2012) e Campinas (RUBINO, 2006).

Os processos de enobrecimento em áreas centrais de cidades latino-americanas possuem como principal elemento diferenciador o papel do poder público como condutor dos processos de revitalização. Como especificidade do Brasil, essa atuação se repete especialmente no financiamento privado das intervenções urbanísticas (BOTELHO, 2005: 53-71). Partindo de outros autores que versaram sobre a *gentrification*, Frúgoli Jr., que considera em seus trabalhos as possibilidades e os limites do termo²¹⁶, classifica a *gentrification* como um fenômeno urbano:

²¹⁵ Genealogias do conceito estão presentes, sem pretender esgotar aqui a literatura, em Botelho (2006: 48 a 50; 2005: 55 e 56), Frúgoli Jr. e Sklair (2009: 120 e 121), Frúgoli Jr. (2006: 22 a 25), Leite (2006: 24 a 27), Rubino (2006: 72, 73, 94 e 95), Leite (2007: 19-23, 28, 61-72) e Gaspar (2010).

²¹⁶ Em etnografia sobre o bairro da Luz em São Paulo, Frúgoli Jr. e Sklair (2009) concluíram que as intervenções não significam necessariamente discriminação e intimidação na relação do Estado com a população de baixa renda, pois “o tipo de intervenção urbana proposta por um órgão do poder público depende da sua posição política e de interesses frente às populações presentes em um determinado espaço urbano” (FRÚGOLI JR., SKLAIR, 2009: 130).

em que geralmente áreas centrais da cidade são revitalizadas e passam a ser habitadas por grupos sociais de maior poder aquisitivo, com tendência à criação de novos enclaves residenciais e à expulsão dos moradores originais, de baixa renda ou de origem étnica distinta daquela dos novos moradores” (2006: 22).

Não há a pretensão de aplicar o conceito diretamente ao caso aqui analisado, sustentando que a Região Portuária estaria inserida em um contexto de *gentrification*. O processo envolvendo o Porto Maravilha está em curso e distante do término, sendo cedo para afirmar se existe *gentrification* ou quais seriam os limites entre haver ou não. Considero interessante o uso de autores que refletem sobre esse conceito como uma forma de acessar um arcabouço teórico que é, como no clássico lévi-straussiano, “bom para pensar” dinâmicas mais amplas das grandes intervenções urbanísticas. O Porto Maravilha se aproxima das localidades consideradas alvo de *gentrification* através dos argumentos focados na beleza, no patrimônio cultural e no turismo, conformando-se uma ideia de cidade que precisa ser admirada e vendida simbolicamente.

Ao comparar as teorias de *gentrification* com a Região Portuária opto pelo termo enobrecimento, geralmente acompanhado por embelezamento, que considero menos dotado de força de conceito do que *gentrification*. Nesta pesquisa, o conceito de *gentrification* não auxilia nos apontamentos diretos sobre as relações que envolvem o caso do Porto Maravilha, mas, considerando os limites do termo, indica vislumbres das problemáticas do projeto.

Enobrecimento é um termo utilizado por Rubino (2009: 25-40) para pensar a aptidão de apoderar-se de um espaço através de seus bens, aumentando o seu renome e tornando os gastos nesse espaço mais elevados. Para Rubino, “o espaço físico permite que o espaço social produza ali todos os seus efeitos, possibilitando a acumulação de capital social” (RUBINO, 2009: 30). O enobrecimento, desta forma, está relacionado aos ornamentos promovidos na infraestrutura urbana e à distinção social que eles mediam, em um processo que “remete para os novos nobres que ocupam espaços urbanos, deixando ali seu nome e suas marcas” (RUBINO, 2009: 37-38).

O conceito da *gentrification* costuma, fora do ambiente acadêmico e dos movimentos sociais, ser escamoteado pelo uso recorrente de eufemismos para acobertar seu viés enobrecedor, tais como:

revitalização, reabilitação, revalorização, reciclagem, promoção, requalificação, até mesmo renascença, e por aí afora, mal encobrindo, pelo contrário, o sentido original de invasão e reconquista, inerente ao retorno das camadas afluentes ao coração das cidades (ARANTES, 2000: 31).

Gentrification, renovação urbana e outros diversos termos que abordam reestruturação nas cidades são parte da diferenciação do espaço geográfico e da escala urbana. Corrêa relaciona os processos de *gentrification* ao turismo para abordar a ideia de que a constituição de um novo polo turístico teria por justificativa um consequente desenvolvimento econômico, em suma, um “turismo cultural redentor” (2012: 80).

No Rio de Janeiro, com base no pensamento de que a cidade é dotada de potencial turístico, elaborou-se de 1993 a 1995, na gestão do prefeito César Maia, um plano de planejamento estratégico, o primeiro desenvolvido no Hemisfério Sul, justificado “pela possibilidade deste permitir sua melhor inserção no mercado mundial” (OLIVEIRA, 2009: 71). O Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro (PECRJ) realiza um diagnóstico da cidade que indica sua vocação, tendo por principais características o acolhimento aos visitantes e a competitividade frente outras cidades turísticas.

O PECRJ inclui a expectativa para a cidade tornar-se sede dos Jogos Olímpicos, com meta até 2004 sobre empreendimentos voltados ao esporte. Há ainda no plano o foco no turismo nas áreas centrais, com cronograma voltado à criação, também até 2004, de atratividades turísticas que tornem o centro um polo cultural (OLIVEIRA, 2009: 71, 72). Leite utiliza o termo “embelezamento estratégico” para analisar a segmentação urbana para uso extensivo do turismo, do lazer e do consumo (2007: 18, 19). Nas cidades históricas, como o Rio de Janeiro, o embelezamento é, segundo Leite, calculado e expresso especialmente por meio do enobrecimento que desponta a partir das políticas de patrimônio (2007: 19).

O termo “embelezamento estratégico” é usado desde o século XIX, nas críticas às reformas de Haussmann em Paris. Segundo Benjamin, o ideal urbanístico do antigo prefeito de Paris eram as visões em perspectiva por entre os longos traçados de ruas. Para tal arquétipo “corresponde a tendência continuamente manifesta no século XIX de enobrecer necessidades técnicas por meio de objetivos artísticos” (BENJAMIN, 1935: 49). A gestão de Haussmann situa-se no imperialismo napoleônico, o qual favorece o capital financeiro e a especulação. Nesse contexto “Haussmann tenta reforçar sua ditadura, colocando Paris sob um regime de exceção” (BENJAMIN, 1935: 49).

Conforme Benjamin (1935: 49, 50), o propósito das reformas de Haussmann era o de defender Paris da guerra civil, impossibilitando a construção de barricadas na cidade. Anteriormente, com a mesma intenção, Luís Filipe, rei francês, já havia introduzido o calçamento de madeira, porém, mesmo assim houve barricadas na revolução de fevereiro de 1848 (BENJAMIN, 1935: 50). Haussmann buscou através dos seus planos impedir as barricadas de duas formas:

A largura das ruas deve impossibilitar que sejam erguidas barricadas, e novas ruas devem estabelecer o caminho mais curto entre os quartéis e os bairros operários. Os contemporâneos batizam o empreendimento de “embelezamento estratégico” (BENJAMIN, 1935: 50).

O embelezamento estratégico consiste, assim, no uso de propósitos relacionados ao belo para enobrecer as exigências técnicas para infraestrutura urbana, mascarando com a beleza potenciais intenções políticas. No caso do projeto Porto Maravilha, poderíamos pensar na exuberância dos novos equipamentos urbanos e na privatização dos serviços de coleta de lixo e trânsito como elementos que agregam mais valor aos imóveis da Região Portuária e repercutem, no campo das intenções políticas, em um certo propósito de atração de um novo perfil de residentes e trabalhadores para aquele espaço, com uma média de renda mais elevada.

Propaganda e imóveis

Nas configurações do Porto Maravilha, a propaganda desempenha um forte papel de convencimento das potenciais qualidades do projeto. Para Velho, na veiculação das propagandas “há uma atuação sobre as aspirações dos grupos sociais, alterando-as ou enfatizando-as” (1973: 88). Park considera a publicidade como uma forma reconhecida de controle social, assim como a opinião pública (1915: 59, 60). Tal importância social da propaganda é uma marca da vida urbana: “Um dos fenômenos mais característicos da vida citadina e da sociedade baseada em relações secundárias é que a propaganda viesse a ocupar um lugar tão importante em sua categoria” (PARK, 1915: 59).

A comunicação do Porto Maravilha com a sociedade muitas vezes mascara a publicidade como uma fonte genuína de informação. Desde os boletins do Porto Maravilha, já mencionados, com novidades e agendas que apenas mostram o lado positivo das intervenções urbanísticas, chegando ao uso do projeto como potencializador de votos nas eleições. Na campanha de 2012, o prefeito Eduardo Paes²¹⁷, que foi reeleito, tinha como manchete de seu jornal de candidatura²¹⁸ “Obras que transformam o centro”. Na página está em destaque a aproximação da Região Portuária com o restante da cidade, “obras que unem o Rio”, e a já citada caracterização de que haveria uma renovação integral, com um “amplo programa de reurbanização dá vida nova aos bairros do centro”.

As relações fronteiriças entre a publicidade e a informação chegam a tocar os meios acadêmicos, como considero ser o caso do livro *Porto Maravilha Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária*, publicado em 2010 em parceria com a Prefeitura e o IPP. A organização do livro pela urbanista Verena Andreatta, já citada como referência bibliográfica na presente dissertação, traz artigos de urbanistas e cientistas sociais sobre os projetos de Inner Harbor, em Baltimore, do Port Vell, em Barcelona, do Victoria & Alfred Waterfront, na Cidade do Cabo, do Puerto Madero, em Buenos Aires, do Kop van Zuid, em Roterdã, e do West Kowloom Reclamation, em Hong Kong. Apesar de contar com artigos acadêmicos bem escritos e explicativos,

²¹⁷ Da coligação Somos um Rio.

²¹⁸ Citado nas referências.

acompanhados, aliás, por um exímio acabamento editorial, foram muitas as dúvidas quanto a incluí-lo neste texto nas referências bibliográficas ou nos materiais da gestão pública, acabando por escolher pela segunda opção.

Antes da apresentação de *Porto Maravilha Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária* há duas espécies de prefácio, que não constam no sumário. O primeiro, escrito pelo prefeito Eduardo Paes, acompanhado por uma foto do gestor, infere que a transformação da Região Portuária inaugurará um “novo paradigma para o país, dessa vez integrado ao movimento das cidades mundiais” (2010: sem paginação). Esse caráter de originalidade e modernidade é uma constante nos discursos da administração pública, assim como o léxico da decadência. Deseja-se “transformar suas centenárias e decadentes regiões portuárias” ao “requalificar sua antiga e preciosa área portuária” (2010: sem paginação). O segundo prefácio é escrito por Felipe Góes, secretário municipal de desenvolvimento, que compartilha do tratamento que o prefeito concede à Região Portuária, concluindo seu texto com a assertiva de que se espera “a recuperação urbanística” de uma área que teria permanecido “abandonada e decadente, à margem do desenvolvimento da cidade, apesar de possuir um alto potencial de renovação” (2010: sem paginação).

Ao final do livro há um posfácio, também não incluso no sumário, escrito por Sérgio Dias, secretário municipal de urbanismo. Nomeado “Rio de Janeiro e o Porto Maravilha”, o posfácio propagandeia os potenciais benefícios do projeto com expressões como “reaqualificada” e “opções de turismo”. Divulga-se uma ideia de “reencontro” da cidade com a Região Portuária, como se esta estivesse em uma ilha simbólica ao longo das últimas décadas. Tal suposto afastamento seria problemático para a própria cidade, que necessitaria do projeto para “retornar ao próprio eixo”, ou seja, ao lugar onde se iniciou a sua constituição; como se essa volta hipotética pudesse por si só alterar as configurações urbanas atuais.

Há também no texto de Dias um foco nos cenários naturais: “o Porto Maravilha tem vários destaques no que se refere à manutenção e à valorização da emblemática beleza natural do Rio de Janeiro” (2010: 228); “com a natureza exuberante sempre pronta para oferecer o melhor aos cariocas e aos visitantes” (2010: 231). Essa beleza, todavia, vincula-se especificamente com o

mar, sobretudo com a recuperação integral da “vista para o mar” (2010: 227) a ser obtida através da retirada do Viaduto da Perimetral. Tal ausência traria um maior contato simbólico com o mar, concretizando um aparente “sonho de ver a cidade mais próxima do mar”.

A ênfase das políticas de urbanismo na Região Portuária e a ideia do desabrochar de novidades após o fim das obras, em 2016, já gerou, como era de se esperar, a valorização e a especulação imobiliária. Os 1330 apartamentos do projeto Porto Olímpico, incluso no Porto Maravilha e desenvolvido em PPP, foram disponibilizados para venda em abril de 2013²¹⁹, mas somente poderão ser habitados após os Jogos Olímpicos de 2016, pois foram construídos com o objetivo de servir de hospedagem para a mídia não credenciada e para os árbitros do evento. O Porto Olímpico conta ainda com a construção de dois hotéis com centros de convenções²²⁰.

Perspectiva do projeto vencedor do concurso Porto Olímpico, elaborada pelo arquiteto principal do projeto, João Pedro Backheuser. Fonte: Blac Arquitetura e Cidade.

²¹⁹ “Apartamentos do Porto Olímpico serão lançados ao mercado em abril”. 18.02.2013. O Globo, Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/topico-rio-2016/apartamentos-do-porto-olimpico-serao-lancados-ao-mercado-em-abril-7610843>. Último acesso em 26.07.2013.

²²⁰ “Os bons ventos do Porto”. 30.09.2012. O Globo. Globo. Rio: imóveis e oportunidades. 7.

O Porto Atlântico Business Square²²¹, primeiro complexo empresarial a ser lançado²²² na Região Portuária nesta fase de mudanças, já está com seu estande de vendas montado e faz cadastro de reservas para interessados em adquirir torres corporativas, hotéis, salas comerciais e lojas. Com o slogan “A rota para fazer os melhores investimentos já tem um destino certo”, o Porto Atlântico tem uma apresentação em 77 slides²²³ que conta com diversas cópias do arquivo de divulgação do Porto Maravilha para a imprensa²²⁴. O presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Antenor Barros fez um comentário relacionando a previsão de elevação dos 22 mil atuais habitantes da Região Portuária para 100 mil²²⁵:

O Rio tem que pensar em crescimento não apenas em expansão, mas reaproveitar o que já tem. Os empresários têm interesses em estar numa região que terá uma clientela fixa de 100 mil habitantes, além dos turistas²²⁶.

Em setembro 2012 o Jornal O Globo lançou uma edição especial do caderno de anúncios de imóveis, chamado “Rio: imóveis e oportunidades”²²⁷. A matéria de capa, intitulada “Uma cidade em transformação”, conta com uma grande foto atual do cais do porto, com um panorama que contempla o palacete da Ilha Fiscal²²⁸ e o morro Corcovado com a estátua do Cristo Redentor. Em imagens menores estão retratadas as perspectivas futuras da

²²¹ Endereço eletrônico: <http://portoatlantico-portomaravilhario.com>. Acesso em 12.07.2013.

²²² O Porto Atlântico é executado pela Odebrecht Realizações Imobiliárias e pela Performance Empreendimentos Imobiliários.

²²³ <http://www.slideshare.net/barra1imoveis/porto-atlantico-rio>. Acesso em 12.07.2013.

²²⁴ <http://www.portomaravilha.com.br/web/esq/imprensa/>. Acesso em 08.06.2011.

²²⁵ “Rio, um porto para o futuro”. 20/03/2011. O Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,rio-um-porto-para-o-futuro,699114,0.htm>. Último acesso em 26.07.2013.

²²⁶ “Revitalização da zona portuária do Rio já valoriza imóveis da região. 25.06.2011. R7, Record. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/revitalizacao-da-zona-portuaria-do-rio-ja-valoriza-imoveis-da-regiao-20110625.html>. Último acesso em 26/07/2012.

²²⁷ “Uma cidade em transformação”. 30.09.2012. O Globo. Globo. Rio: imóveis e oportunidades. 1.

²²⁸ Segundo o endereço eletrônico da Riotur: “Cenário do evento que ficou conhecido como ‘O Último Baile do Império’, realizado alguns dias antes da Proclamação da República”. Em: <http://www.rioguiaoficial.com.br/o-que-fazer/detalhe/ilha-fiscal>. Acesso em 20.07.2013.

Pça. Mauá e de um novo sub-bairro no Recreio, bairro contíguo ao da Barra da Tijuca, na Zona Oeste da cidade.

A reportagem dentro do caderno específica sobre a Região Portuária, “Os bons ventos do Porto”²²⁹, retrata esse espaço pelo já comentado léxico da decadência: “uma região esquecida, vazia de pessoas e de áreas verdes”. Região que atualmente é considerada, segundo a reportagem, como a detentora “do espaço e da vista privilegiada”. No mesmo ano, a Região Portuária é capa do caderno de empregos, o “Boa chance”, com a reportagem “Maravilha de cenário”²³⁰, que tem como chamariz as 50 mil vagas de emprego que devem ser abertas em razão do projeto Porto Maravilha e dos empreendimentos imobiliários que ele suscita.

No ano de 2013, no mês de março, é lançado outra edição especial do caderno de imóveis do jornal O Globo, designada “Rio: imóveis 2013. Perspectivas”. A Região Portuária aparece no editorial, em foto de perspectiva futura do cais do porto com ênfase no Museu do Amanhã, junto, assim como na edição de 2012, da perspectiva futura de parte do bairro do Recreio. Intitulado “Para onde segue o Rio?”²³¹, o editorial afirma que a Região Portuária, assim como os bairros do Recreio e da Barra da Tijuca, é a “nova fronteira do desenvolvimento da cidade”. A ideia de originalidade busca atizar a curiosidade dos leitores e possibilita ressignificar a Região Portuária de forma aparentemente menos controversa, reinventando-a discursivamente.

Essa valorização dos imóveis na Região Portuária já surte efeito, por exemplo, nos anúncios imobiliários, que ostentam o nome Porto Maravilha como complemento poderoso às informações sobre os imóveis para venda e locação na área. Desde 2010, época da elaboração do projeto de pesquisa, acompanho o caderno voltado aos anúncios imobiliários desse jornal de grande circulação na cidade, O Globo, procurando por atrativos utilizados na descrição dos imóveis localizados na Região Portuária.

Há a predominância da imobiliária Sérgio Castro dentre os anúncios desse tipo. No início de 2013 visitei a filial da imobiliária Sérgio Castro na

²²⁹ “Os bons ventos do Porto”. 30.09.2012. O Globo. Globo. Rio: imóveis e oportunidades. 7.

²³⁰ “Maravilha de cenário”. 14.10.2012. O Globo. Globo. Boa chance. 1. Outra reportagem no mesmo caderno: “Polo com vocação diversificada”. 14.10.2012. O Globo. Globo. Boa chance. 3.

²³¹ “Para onde segue o Rio?”. 24.03.2013. O Globo, Globo. Rio: imóveis 2013. Perspectivas. 3.

Gamboa para saber da procura e da demanda por imóveis na Região Portuária. O representante da Sérgio Castro na Gamboa contou que é uma escolha dos proprietários a inclusão do nome “Porto Maravilha” nos anúncios. Outro dado relevante dito pelo funcionário é que desde de 2012 os donos dos imóveis estão, em geral, retendo-os para a venda à espera de um aumento de preço, o qual vem se elevando desde as primeiras divulgações sobre as intervenções urbanísticas. Segundo o representante: “Quem vende tem comprador. Não fica imóvel parado”.

Anúncios imobiliários com o Porto Maravilha como atrativo. Fonte: caderno de classificados do O Globo. As duas primeiras imagens são do dia 8 de janeiro de 2012, a terceira do dia 24 de junho de 2012 e as quatro últimas do dia 15 de julho de 2012.

Sergio Castro
IMÓVEIS

CENTRO Gamboa Porto Maravilha bom sobrado comercial, 2andares, 200m2, 2bhns, frente Praça Harmonia. Ótimo p/investimento, localização excelente. www.sergiocastro.com.br CJ250 T:2233-5662 Scv2189

Sergio Castro
IMÓVEIS

GAMBOA R\$345.000,00 Camerino, loja bem localizada, esquina c/Sacadura Cabral, 70m2+25m2, Porto Maravilha, vazia, jirau25m2, pé direito 5m2. www.sergiocastro.com.br CJ250 2292-0080 Scv2345

Sergio Castro
IMÓVEIS

CENTRO R\$315.000 Sacadura Cabral Esquina Camerino, Loja C/109M2, Pé Direito 5m, Melhor Localização Porto Maravilha. www.sergiocastro.com.br CJ250 T:2292-0080 Scv2345.

Sergio Castro
IMÓVEIS

CENTRO R\$315.000 Sacadura Cabral Esquina Camerino, Loja C/109M2, Pé Direito 5m, Melhor Localização Porto Maravilha. www.sergiocastro.com.br CJ250 T:2292-0080 Scv2345.

Sergio Castro
IMÓVEIS

CENTRO R\$5.000.000 Porto Maravilha. Chegue primeiro, investimento momento. Excelente prédio, 3andares, 2200m2. Ótimo p/sede empresas, ampla garagem. www.sergiocastro.com.br CJ250 T:2292-0080 Scv1854

Sergio Castro
IMÓVEIS

CENTRO R\$5.000.000 Porto Maravilha. Chegue primeiro, investimento momento. Excelente prédio, 3andares, 2200m2. Ótimo p/sede empresas, ampla garagem. www.sergiocastro.com.br CJ250 T:2292-0080 Scv1854

Sergio Castro
IMÓVEIS

CENTRO R\$185.000 Rua do Acre. Excelente sala, quarto, suíte, copa-cozinha, área serviço, 4p/andar, reformadíssimo, vazio. Vizinho Porto Maravilha. Tels:3183-6051/ 8092-6389. Cr.17551.

A vice-presidente do Sindicato de Habitação da cidade do Rio de Janeiro (Secovi Rio) já menciona que há dificuldades na procura de imóveis na Região Portuária: “É um bom investimento comprar um apartamento perto do porto. Já está até difícil de achar, afinal é um dos focos de valorização do Rio”²³². O que é um bom investimento pra uns torna-se uma causa para a potencial saída de parcela dos atuais residentes, especialmente os locatários, como foi possível observar anteriormente na análise dos discursos elaborados pelos vendedores ambulantes da Pedra do Sal.

É interesse observar esses possíveis usos do projeto e como a Região Portuária vai adquirindo outras nomeações, que, em consequência, trazem novos significados ao seu espaço. De acordo com Bourdieu, o poder das palavras na nomeação

resulta do efeito que tem a objetivação e a oficialização de fato que a nomeação pública realiza à vista de todos, de subtrair ao impensado e até mesmo ao impensável a particularidade que está na origem do particularismo (1989: 117).

O vocabulário empregado nas qualificações da Região Portuária, substituindo-a por Porto Maravilha, revela algumas dimensões simbólicas de posituação que o projeto abarca. Utilizando-se do apelo ao esplêndido presente na já mencionada alcunha de Cidade Maravilhosa, o projeto publiciza o imaginário de uma Região Portuária que busca ser vista e desejada, servindo como mais um cartão postal da cidade.

O aumento dos preços decorrente das intervenções urbanas provoca estratégias diversas para a permanência. Tais mecanismos de sobrevivência pessoal envolvem, como foi exposto no caso de Robson e Ângela, até mesmo o aproveitamento das próprias obras e dos seus resultados na geração da renda suficiente para arcar com as despesas provenientes do status mais enobrecido do lugar. Estão em jogo não apenas visões de mundo e concepções de cidade, mas também modos como o projeto agencia relações e suscita outras formas de negociar com os custos dos novos significados para a vida no centro.

²³² “Revitalização da zona portuária do Rio já valoriza imóveis da região”. 25.06.2011. R7, Record. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/revitalizacao-da-zona-portuaria-do-rio-ja-valoriza-imoveis-da-regiao-20110625.html>. Último acesso: 26/07/2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou confirmar, inicialmente, a hipótese de que a cidade do Rio de Janeiro vive um movimento peculiar do ponto de vista urbanístico. O Porto Maravilha sobressai-se na cidade como um dos principais marcadores das dinâmicas envolvendo as intervenções em curso. Durante a presente pesquisa houve vislumbres que foram deixados de lado e depois retornaram à minha atenção, conformando-se, na trajetória da pesquisa, não apenas múltiplos problemas e argumentos, como também uma visibilidade ocasional dos temas que perpassam as intenções interventoras pesquisadas.

A Região Portuária apresenta-se na pesquisa como uma área da cidade que evidencia um mapa de significados sobre os bairros do Rio de Janeiro. Tal mapa é marcado por comparações hierárquicas e deslocamentos de prestígio. Neste contexto, o projeto Porto Maravilha aciona novas possibilidades de configurações, agenciando relações que podem remodelar o horizonte de movimentação geográfica e simbólica na cidade, alterando as indicações valorativas nos seus espaços.

A partir de um ordenamento do passado foi possível acompanhar o processo de formação de um urbanismo carioca que no final dos anos 2000 vai propor o projeto Porto Maravilha como prioridade. Observou-se um enquadramento da Região Portuária como uma área abandonada e o reforço desse estigma por meio das diretrizes do Porto Maravilha, que constroem a ideia de uma ausência de vida interessante às intervenções. O recorte histórico traçado possibilita revelar modos como o passado é utilizado para atualizar acontecimentos contemporâneos, bem como serve para pensar o alcance da originalidade do projeto atual e suas justificativas para que haja interesse na execução das intervenções.

A importância do recuo histórico também se justifica por permitir considerar que a Região Portuária nunca foi uma área vista e praticada como enobrecida. O porto consolidou-se ao longo de séculos como uma área considerada degradada, escolhida como moradia por uma parcela pobre da população em razão do baixo custo dos imóveis. O Porto Maravilha busca

conceder, portanto, um sentido deleitável e harmonioso que a Região Portuária jamais teve²³³.

A análise da inversão do trajeto do bloco de Carnaval Escravos da Mauá, com encenações didáticas do passado da Região Portuária, dramatiza o que é considerado marcante no lugar. A afetação entre os espaços físico e social é fixada pelo circuito concreto que atualiza os marcos paradigmáticos da chamada “Pequena África”, direcionando a história que se quer contar. A força das lembranças e do significado da “Pequena África” conduz ações de grupos artísticos que evocam outras possibilidades de vivência das intervenções urbanísticas, em fronteiras entre os pólos da crítica ao projeto.

Os patrimônios da Região Portuária também surgem como uma potência, tanto para os gestores públicos quanto para a população, na marcação da identificação e do pertencimento ao lugar. Ambos possuem em comum as intenções políticas. A materialidade das festas e do patrimônio articula significados do que é a Região Portuária, abarcando tanto o sentido de um lugar de resistência para os moradores quanto a construção pela Prefeitura de um lugar histórico que possui potencial de crescimento populacional e que serve como lócus para a visitação turística.

As estratégias de apropriação e divulgação dos bens e lugares considerados como patrimônios, assim como a propaganda extensiva que é feita a título de material informativo sobre o projeto, são reveladores de sua originalidade. As diretrizes do Porto Maravilha buscam destacar a Região Portuária como mais um ponto de visitação de uma cidade reconhecidamente turística. Buscou-se, portanto, perceber que especificidades seriam trabalhadas na Região Portuária para o desenvolvimento do seu potencial turístico.

As referências turísticas da cidade vão sendo negociadas na direção da Região Portuária, que é caracteriza por valores históricos e por imagens de um Rio de Janeiro futurista e internacional. Enquanto os guias de turismo da cidade do Rio de Janeiro valorizam sobretudo as qualidades da cidade caracterizadas como naturais e exóticas, as obras do Porto Maravilha possuem

²³³ Agradeço a Profa. Dra. Ana Lanna pelas considerações sobre o tema durante a defesa da dissertação.

maior ênfase em projetos internacionais e monumentais que, em tese, são passíveis de serem propostos e implantados em qualquer outra grande cidade.

Outro aspecto relevante do que foi possível visualizar com a pesquisa são as habilidades estratégicas e pragmáticas utilizadas por alguns agentes para se locomover situacionalmente no terreno conflitivo das obras e das expectativas sobre os resultados do projeto. O caso dos vendedores ambulantes na Pedra do Sal revela um jogo político complexo, multifacetado e, de certa forma, fragmentado. Observou-se a complexidade das relações entre o projeto urbanístico e os projetos pessoais, provocando estratégias de sobrevivência que permitem a viabilidade de uma mesma pessoa compartilhar de projetos que são considerados contraditórios.

Por fim, cabe a importância das nomeações e a compreensão de que palavras iguais não possuem o mesmo uso, contendo controvérsias e resignificações. O confronto de múltiplas designações não apenas revela tensões como igualmente mobiliza noções de cidade, argumentos, temporalidades, percursos, etc; revelando a pluralidade dos agentes promotores das intervenções urbanísticas. É interesse observar esses possíveis usos do projeto e como a Região Portuária vai adquirindo outras nomeações, que, em consequência, trazem novos significados ao seu espaço.

Os processos e resultados caleidoscópicos das ocasionalidades e das múltiplas tentativas conformam uma pesquisa que saiu, mesmo não intencionalmente, dos territórios consagrados do campo antropológico. Não foi realizada uma proposta em um acontecimento ou locus canônico, como “a favela”, “o carnaval” ou “a comunidade”²³⁴. Assim, não se buscou “dar voz” a algum grupo ou ator social, não cumprindo um caminho geralmente esperado para esse tipo de abordagem – que poderia confrontar moradores afetados e o poder público.

A pluralidade de visões aponta o risco para a sensação de vertigem na cidade. Em meio a tantos estímulos e reconfigurações, torna-se um desafio tanto tentar traçar um panorama, com o perigo de perder os focos locais, quanto buscar nas pequenas situações por uma visão do todo. A ideia de uma

²³⁴ Campos específicos que já foram questionados quanto a suas fronteiras nos debates do GT 07 (Dinâmicas do urbano: tempos e escalas em composição) do encontro de 2013 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

cidade ideal, pela qual se sonha enquanto criticamos a cidade real, repercute na busca textual por um meio termo no diálogo entre as cidades imaginárias e a cidade vivida²³⁵.

Durante a análise dos dados da pesquisa percebi que as indagações motivadoras da pesquisa não se resolviam. Em diálogo com os embates teóricos nos quais a pesquisa se articula, os elementos que compõem o campo analisado configuraram no texto uma complexificação do cenário, que passou a ganhar outras tonalidades que antes não eram percebidas pela pesquisadora. Mais do que apresentar respostas sobre o que é o Porto Maravilha, busquei apresentar como o projeto articula, sem esperar esgotá-lo, determinados discursos, representações e circuitos pela cidade, confrontando-nos com outros modos de lidar com a Região Portuária, agora um lugar que atrai enfoques e muitas questões. A partir destas considerações espero ter contribuído com a gama de pesquisas já elaboradas sobre o tema.

²³⁵ Agradeço aos Profs. Drs. Heitor Frúgoli Jr., Ana Lanna e Silvana Rubino pelas considerações sobre o tema durante a defesa da dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Pedro. Mobilidade residencial na cidade do Rio de Janeiro. In: INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS (IPP). **Coleção Estudos Cariocas**. Rio de Janeiro, 2003. 29 pp. Disponível em: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. Acesso em 28.07.2010.

ABREU, Maurício de. **Evolução Urbana no Rio de Janeiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: IPP, [1987] 2010. 155 pp.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade. Lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011. 213 pp.

AGUIAR, Louis de Souza. **Palácio Monroe: da Glória ao Opróbrio**. São Paulo: Editora Arte Moderna, 1976. 222 pp.

ALEM, Adriano. Breve relato sobre a formação das divisões administrativas na cidade do Rio de Janeiro. In: INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS (IPP). **Coleção Estudos Cariocas**. 2. ed. Rio de Janeiro, [2007] 2010. 67 pp. Disponível em: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. Acesso em 23.06.2012.

ANDREATTA, Verena; CHIAVARI, Maria Pace; REGO, Helena. O Rio de Janeiro e sua orla: história, projetos e identidade carioca. In: INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS (IPP). **Coleção Estudos Cariocas**. Rio de Janeiro, 2009. 16 pp. Disponível em: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. Acesso em 28.07.2010.

ARANTES, Antônio. **A preservação do intangível**. Entrevista por Bia Labate e Ilana Goldstein. [sem editoração], 2009. [sem paginação]. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/3140,1.shl>. Acesso em 20.07.2013. [originalmente publicada como Ayahuasca From Dangerous Drug to National Heritage: An Interview with Antonio Arantes. International Journal of Transpersonal Studies, v. 28, 2009. pp. 53-64].

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Uma estratégia fatal. A cultura nas novas gestões urbanas. In: _____; VAINER, Carlos; MARICATO; Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, [2000] 2002. pp. 11-74.

AUGÉ, Marc. **Non-places. Introduction to an anthropology of supermodernity**. Londres / Nova Iorque: Verso, [1992] 1995. 123 pp.

BARBOSA, Antônio Agenor de Melo; OSSOWICKI, Tomas Martin. Revitalização do Porto, IPHAN e Políticas Culturais no Morro da Conceição. **Minha cidade**, ano 9. 2009. sem paginação. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/09.108/1842>. Acesso em 22.11.2011.

BAUDELAIRE, Charles. **Le fleurs du mal**. 1857. Feedbooks [sem editoração]. [sem paginação]. Disponível em: <http://pensamentosnomadas.files.wordpress.com/2012/08/charles-baudelaire-les-fleurs-du-mal-fr.pdf>. Acesso em 20.07.2013..

BENCHIMOL, Jaime Larry. Rio de Janeiro: da urbe colonial à cidade dividida. In: PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas (org.). **Rio de Janeiro: cinco séculos de história e transformações urbanas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 163-203.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. [1935]. In: Kothe. F. R. (org.). **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985. pp. 30-43.

BENTES, Júlio Cláudio da Gama. Análise dos Planos Urbanísticos Recentes para a Região Portuária do Rio de Janeiro. **I Enamparq**. Rio de Janeiro, 2010. 28 pp. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enamparq/simposios/129/129-639-2-SP.pdf>. Acesso em 13.07.2012.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, [1982] 2007. 465 pp.

BOAVENTURA, Gustavo Freire. A narrativa de beleza em anúncios da *belle époque* tropical. **Contemporânea**, ed. 18, vol. 9, n. 2. Salvador, 2011, pp. 114-126. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_18/contemporanea_n18_09_gustavo_boaventura.pdf. Acesso em 30.06.2013.

BOTELHO, Tarcísio. Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. **Eure**, vol. 31, n. 93. Santiago do Chile, 2005. pp. 53-71. Disponível em: www.eure.cl/articulos/498/revitalizacao-de-centros-urbanos-no-brasil-uma-analise-comparativa-das-experiencias-de-vitoria-fortaleza-y-sao-luis. Acesso em 30.07.2010.

_____. A revitalização da região central de Fortaleza (CE): novos usos dos espaços públicos da cidade. In: FRÚGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs.). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte: PUC- Minas/Edusp, 2006. pp. 45-67.

BOURDIEU, Pierre. Fieldwork in philosophy. Entrevista por A. Honneth e B. Schwibs. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, [1985] 1987. pp. 15-48.

_____. **O poder simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1989] 2007. 322 pp.

_____. Ao leitor; A rua dos Junquilhos; A ordem das coisas; Efeitos de lugar. In: **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, [1993a] 2003. pp. 15-34; 81-101; 159-166.

_____. Pierre Bourdieu. Entrevista por Roberto Maggiori e Jean-Baptiste Marongiu. **Libération**. 11 fev. 1993b. Disponível em <http://www.homme-moderne.org/societe/socio/bourdieu/misere/libe0293.html>. Último acesso em 23.12.2011. Acesso em 12.06.2013.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1997] 2000. 324 pp.

CAMPOS, Candido Malta; SOMEKH, Nadia. Desenvolvimento local e projetos urbanos. **Arquitextos Vitruvius**, ano 5, 2005. sem paginação. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/470>. Acesso em 08.09.2011.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, [1989] 2011. 385 pp.

CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: _____ (org.). **A aventura antropológica**. 4a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986. pp. 95-105.

CASTELLS, Manuel. **Problemas de investigação em Sociologia Urbana**. Lisboa: Ed. Presença, 1979. 300 pp.

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999 [2006]. pp. 80-87.

_____. FREIRE-MEDEIROS. A cidade e seus suvenires: o Rio de Janeiro para o turista ter. **Revista brasileira de pesquisa em Turismo**, v. 1, 2007. [sem paginação]. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/rbtur/article/view/78/125>. Acesso em 12.05.2013.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Um Olhar sobre a cultura brasileira. In: SOUZA, Márcio, WEFFORT, Francisco. **As grandes festas**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998. pp. 293-311.

CAVALLIERI, Fernando; VIAL, Adriana. O efeito da presença governamental sobre a expansão horizontal das favelas do Rio de Janeiro: os Pouso's e o Programa Favela-Bairro. In: INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS (IPP). **Coleção Estudos Cariocas**. Rio de Janeiro, 2009. 9 pp. Disponível em: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. Acesso em 28.07.2010.

CAVEDON, Neusa Rolita, MENDES, Luciano. A atividade de camelô como prática urbana no contexto das cidades. In: **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 4, n. 1, 2012. pp. 123-140.

CODDOU, Flávio. Existe vida após os Jogos? Reconversão ou desmontagem?. **Drops**, n. 1, ano 11, 2010. [sem paginação]. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/11.037/3539>. Acesso em 22.11.2011.

COMITÊ POPULAR RIO DA COPA E DAS OLIMPIADAS. **Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://comitepopulario.wordpress.com/2012/04/20/baixe-agora-dossie-megaeventos-e-violacoes-dos-direitos-humanos-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em 23.04.2012.

CORDEIRO, Graça Índias, COSTA, António Firmino da. Bairros: contexto e intersecção. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., [1999] 2006. pp. 58-79.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. Novos dédalos da modernidade tardia: investimentos na sociotécnica da cultura, do patrimônio e dos museus. In: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. pp. 75-109.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, [1979] 1997. 350 pp. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/28211389/Roberto-DaMatta-Carnavais-Malandros-e-Herois>. Acesso em 20.07.2013.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, [1990] 1994. 351 pp. Disponível em: <http://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/michel-de-certeau-a-invenc3a7c3a2o-do-cotidiano.pdf>. Acesso em 20.07.2013.

DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura antropológica**. 4a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986. pp. 17-37.

ECKERT, Cornelia. Cidade e Política: nas Trilhas de uma Antropologia da e na Cidade no Brasil. In: MARTINS, Carlos Benedito (org.). **Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010. pp. 155-196.

ENDERS, Armelle. **A História do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, [2000] 2008, 395 pp.

FAZZIONI, Natália Helou. **A vista da rua: Etnografia da construção dos espaços e temporalidades na Lapa (RJ)**. Dissertação de mestrado em Antropologia. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012. 126 pp.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Prefácio à segunda edição. In: _____(org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. UNESP, [1987] 2010. pp. 7-17.

FORTUNA, Carlos. "Simmel e as cidades históricas italianas: uma introdução". In: _____. **Simmel. A estética da cidade**. São Paulo: Annablume, Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2011. pp. 11-17.

FREIRE, Pedro Guilherme. **Porto dos desterrados: Morte e vida de uma habitação coletiva na área portuária do Rio**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2011. 173 pp. Disponível em: http://www.proppi.uff.br/ppga/sites/default/files/porto_dos_desterrados_pedro_guilherme_mascarenhas_freire.pdf. Acesso em 15.02.2013.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **O Rio de Janeiro que Hollywood inventou**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 74 pp.

FRÚGOLI JR., Heitor. Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico. In: Pintaui, Silvana M.; Frúgoli Jr., Heitor (org.). **Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p. 75-92.

_____. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**, n. 1, v. 48. São Paulo, 2005. pp. 135-165. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v48n1/a04v48n1.pdf>. Acesso em 10.02.2013.

_____. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 254 pp.

_____. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007 (coleção Passo-a-passo). 70 pp.

_____; SKLAIR, Jessica. O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification. **Cuadernos de Antropologia Social**, nº 30. Buenos Aires, 2009. pp. 119-136. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n30/n30a07.pdf>. Acesso em 05.08.2010.

GASPAR, Samantha dos Santos. Gentrification: processo global, especificidades locais? **Ponto Urbe**, n. 6. São Paulo, 2010. sem paginação. Disponível em: www.pontourbe.net/edicao6-artigos/107-gentrification-processo-global-especificidades-locais. Acesso em 06.09.2010.

GLUCKMAN, Max. "Análise de uma situação social na Zululândia moderna". [1940]. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. UNESP, [1987] 2010. p. 237-364.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O templo e o fórum. Reflexões sobre museus, antropologia e cultura. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **A invenção do patrimônio. Continuidade e ruptura na constituição de uma política oficial de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1995. pp. 55-66.

_____. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à construção permanente. In: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. pp. 59-73.

GONÇALVES, Santos Rafael. A construção social do risco e as remoções das favelas cariocas. **XXXVI Encontro Anual da ANPOCS**. Águas de Lindóia, 2012. 21 pp.

GOYENA, Alberto. Architecture Inside Out: Urban Transformations Through the Perception of Demolition Engineers. **Vibrant, Virtual Brazilian Anthropology**. Dossier Urban Anthropology, v. 8, n. 2, 2011. pp. 580-608. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/portugues/artigosv8n2.htm>. Acesso em 16.12.2011.

_____. Patrimônio entre escombros: notas sobre a demolição do Complexo Presidiário Frei Caneca. In: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. pp. 157-183.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio. **A utopia da pequena África: os espaços do patrimônio na Zona Portuária carioca**. Tese de doutorado em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2011. 225 pp.

_____. De monumento negro a território étnico: os usos do patrimônio cultural na produção de espaços urbanos diferenciados. In: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. pp. 299-318.

HARVEY, David. Do gerenciamento ao empresariamento urbano: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaços & Debates**. São Paulo, n. 39, 1996. pp. 48-64.

HEREDIA, Beatriz Maria Alasia. Região, regiões: visões e classificações do espaço social. In: ESTERCI, Neide e al. (org.). **Fazendo Antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. pp. 167-188.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Bens móveis e imóveis inscritos nos livros de tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 1938-2009**. 5. ed., revisada e atualizada, versão preliminar, 2009. 167 pp. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1356>. Acesso em 10.06.2012.

INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS (IPP). Aproveitamento imobiliário da região do Porto do Rio. In: _____. **Coleção Estudos Cariocas**. Rio de Janeiro, 2003. 22 pp. Disponível em: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. Acesso em 28.07.2010.

JACQUES, Paula, VAZ, Lilian. A cultura na revitalização urbana: espetáculo ou participação?. **Espaços & Debates**. São Paulo, v. 23, n. 43-44, 2003. pp. 129-140.

KUPER, Adam. Leach e Gluckman: para além da ortodoxia. In: **Antropólogos e Antropologia**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, [1973] 1978. pp. 11-119, 169-196.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à cidade**. São Paulo: Centauro Editora, [1968] 2001. 141 pp.

LEITE, Rogerio Proença. Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano. In: FRÚGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira

de; PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs.). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte: PUC-Minas/Edusp, 2006. pp. 23-44.

_____. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp / Aracaju: Ed. UFS, 2007. 376 pp.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de auto-estima**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, [2000] 2005. 453 pp.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Entre campos: cultura material, relações sociais e patrimônio. In: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. pp. 111-128.

LIMA, Tania Andrade. Entrevista por Guilherme Rosa. Um tesouro arqueológico no Rio de Janeiro. **Revista Galileu**. 27.04.2011. sem paginação. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI225809-17770,00-UM+TESOURO+ARQUEOLOGICO+NO+RIO+DE+JANEIRO.html>. Acesso em 12.06.2012.

LOBO, Maria da Silveira. Porto Maravilha. O EIV do Professor Pancrácio. **Minha cidade**, n. 3, ano 11, 2011. sem paginação. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.129/3842>. Acesso em 22.11.2011.

LUZ, Margareth da. Caminho Niemeyer: os “usos” da cultura em Niterói. **Antropolítica**, n. 24. Niterói, 2008. pp. 145-164. Disponível em: http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_24.pdf. Acesso em 20.07.2013.

_____. “Nasce uma nova Niterói”: representações, conflitos e negociações em torno de um projeto de Niemeyer. **Horizontes Antropológicos**, vol. 15, n. 2. Porto Alegre, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832009000200012. Acesso em 20.07.2013.

MACROFUNÇÃO HABITAR O CENTRO. A retomada do Centro da cidade. In: INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS (IPP). **Coleção Estudos Cariocas**. Rio de Janeiro, 2003. 22 pp. Disponível em: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. Acesso em 28.07.2010.

MAFRA, Patrícia Delgado. Camelôs cariocas. In: VELHO, Gilberto (org.). **Rio de Janeiro: cultura, política e conflito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. pp. 191-206.

MAGALHÃES, Roberto Anderson M. Porto Maravilha: novo nome para antigas idéias. **Minha cidade**, ano 11, 2011. Sem paginação. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.126/3733>. Acesso em 22.11.2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2012. 349 pp.

MALLMANN, Marcela Cockell. Pelos becos e pela avenida da Belle époque carioca. **Soletas**, ano 10, n. 20. São Gonçalo, 2010. pp. 105-118. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletas/20/09.pdf> . Acesso em 28.05.2013.

MARTINS, Sérgio Bruno. O MAR de cima a baixo. **Blog do IMS** [Instituto Moreira Sales]. 07.04.2013. Disponível em: <http://www.blogdoims.com.br/ims/o-mar-de-cima-a-baixo-%E2%80%93-por-sergio-martins/>. Acesso em: 04.07.2013.

MELLO, Fernando Fernandes. **A Zona Portuária do Rio de Janeiro: antecedentes e perspectivas**. Dissertação de mestrado em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro: 2003. 124 pp. Disponível em: http://www.espaco.ippur.ufrj.br/textos/tese_fernando_reduzida.pdf. Acesso em 04.07.2013.

MENEZES, Marluci. Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações socio-espaciais. **Horizontes Antropológicos**, ano 6, n. 13. Porto Alegre, 2000. pp. 155-17.

MITCHELL, Clyde. “A dança kalela: aspectos das relações sociais entre africanos urbanizados na Rodésia do Norte”. [1956a]. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). [1987] 2010. **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. UNESP. pp. 365-436.

_____. **The Yao Village: a Study em the Social Structure of a Nyasaland Tribe**. Manchester: Manchester University Press, 1956b. 235 pp.

MOREIRA, Clarissa. Porto do Rio: um apelo. **Minha cidade**, n.2, ano 12, 2011. Sem paginação. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/12.134/4024>. Último acesso em 22.11.2011.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical**. São Paulo: Cia. das Letras, [1987] 1993. 383 pp.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2013. 256 pp.

OLIVEIRA, Carmen Irene C. et al. Pedra do Sal e samba na fonte: samba de raiz em um espaço fundador na perspectiva das paisagens culturais. In: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. pp. 265-297.

OLIVEIRA, Elaine Freitas de. Revitalização dos centros urbanos: intervenção público-privada na distribuição sócio-espacial da população e movimentos sociais de contestação. **XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu (MG), 2008. 10 pp. Disponível em: www.abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno_id=671&nivel=2. Acesso em 31.07.2010.

_____. **Revitalização dos centros urbanos: a luta pelo direito à cidade**. Dissertação de mestrado em Políticas Públicas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2009. 131 pp. Disponível em <http://www.lpp-buenosaires.net/ppfh/documentos/teses/DissertacaoElaine.pdf>. Acesso em 04.07.2013.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Memórias do Rio de Janeiro. In: _____ (org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002. pp. 157-173. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1264.pdf. Acesso em 05.01.2011.

PARK, Robert. A cidade. Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio ambiente urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, [1915] 1967. pp. 29-72.

PEREIRA, Margareth da Silva. Cenários, formas e virtudes de uma cidade-capital. In: PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas (org.). **Rio de Janeiro: cinco séculos de história e transformações urbanas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 127-161.

PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas. A cidade e o tempo. O Rio de Janeiro através dos séculos. In: _____ (org.). **Rio de Janeiro: cinco séculos de história e transformações urbanas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 21-41.

PINHO, Osmundo de A. **Descentrando o Pelô: narrativas, territórios e desigualdades raciais no centro histórico de Salvador**. Dissertação de

mestrado em Antropologia. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1996. 148 pp. Disponível em: <http://www.biblioteca.digital.unicamp.br/document/?view=000115143>. Acesso em 04.03.2012..

RABHA, Nina Maria de Carvalho Elias. Rio, uma cidade e seus planos. In: PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas (org.). **Rio de Janeiro: cinco séculos de história e transformações urbanas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 205-229.

REZENDE, Vera. Planos de regulação urbanística: a dimensão normativa das intervenções na cidade do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002. pp. 257-281. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1264.pdf. Acesso em 05.01.2011.

ROCHA, Oswaldo Porto. **A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro 1870 – 1920**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995. 183 pp. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/biblioteca_carioca_pdf/era_demolicoes_hab_pop.pdf. Acesso em: 13.06.2012.

ROLNIK, Raquel. São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política”. In: KOWARICK, Lúcio (org.). **As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. pp. 75-94.

RUBINO, Silvana. Os dois lados da linha do trem: história urbana e intervenções contemporâneas em Campinas. In: FRÚGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs.). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte: PUC-Minas/Edusp, 2006. pp. 68-97.

_____. Enobrecimento urbano. In: Fortuna, Carlos, Leite, Rogerio Proença. (orgs.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Almedina, 2009. pp. 25-40.

SAMPAIO, Julio. A persistência da subutilização dos centros das metrópoles brasileiras: o estudo de caso do Corredor Cultural do Rio de Janeiro. **Fórum Patrimônio: Ambiente construído e patrimônio sustentável**, vol. 1, n. 1. Belo Horizonte, 2007. pp. 104-134. Disponível em: http://www.forumpatrimonio.com.br/view_full.php?articleID=90&modo=1. Acesso em 30.07.2010.

SERAGELDIN, Ismail, SHLUGER, Ephim. Introduction. In: _____. **Historic cities and sacred cities. Cultural roots for urban futures.** [sem cidade de editoração]. The world bank, 2001. pp. xi – xix.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, [1985] 1999. 268 pp.

SIGAUD, Marcos Frota. Caracterização dos domicílios na cidade do Rio de Janeiro. In: INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS (IPP). **Coleção Estudos Cariocas.** Rio de Janeiro, 2007. 30 pp. Disponível em: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. Acesso em 28.07.2010.

SILVA, Luis Antônio Machado, VELHO, Gilberto. Organização Social do meio urbano. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso (org.). **Anuário Antropológico / 76.** Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1976. pp. 71-82.

SILVA, Maria Dalva Casimiro da. **Relações de Trabalho no Cais do Porto do Rio de Janeiro: Resistência e Modernização.** Dissertação de mestrado em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2007. 113 pp. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B2xO1cAz_Po4YzdhNWYzZTctZTFkOC00Y2M4LTgwYzctNGNhNDlzMGEwMDg4/edit?hl=pt_BR&authkey=CNLHnKIL. Acesso em 12.02.2012.

SIMMEL, Georg. Roma. Uma análise estética. In: FORTUNA, Carlos (org.). **Simmel. A estética da cidade.** São Paulo: Annablume, Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, [1898] 2011. pp. 23-30.

_____. The style of life. In: _____. **The Philosophy of Money.** London/Henley/Boston: Routledge & Kegan Paul, [1900] 1978. pp. 429-512.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito. [1903]. In: CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades, uma analogia.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, [1903] 1972. pp. 329-338.

_____. Florença. [1906]. In: FORTUNA, Carlos (org.). **Simmel. A estética da cidade.** São Paulo: Annablume, Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2011. pp. 35-38.

TAVARES. Maria de Fátima Duarte. A paisagem do Rio de Janeiro e o pensamento técnico: ordem urbana e natureza no século XIX. **Arquitextos**, n. 6, ano 8, 2008. Sem paginação. Disponível em <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.096/143>. Acesso em 22.11.2011.

URRY, John. Social Relations, Space and Time. In: _____, GREGORY, Derek. **Social Relations and Spatial Structures**. Londres: MacMillan Education, 1985. pp. 21-47.

_____. **O olhar do turista. Lazer e viagem nas sociedades contemporâneas**. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel / SESC, [1990] 2007. 232 pp.

VALLADARES, Licia do Prado. "Estudos recentes sobre a habitação no Brasil: resenha da literatura". Em: _____ (org.). **Repensando a habitação no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982. pp. 21 - 78.

_____. **A Invenção da Favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005. 204 pp

VASSALLO, Simone Pondé. Desenterrando memórias: uma análise das disputas em torno de sítios arqueológicos afrodescendentes na Zona Portuária do Rio de Janeiro. **XXXVI Encontro Anual da ANPOCS**, 2012. 32 pp.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de Antropologia Social**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., [1973] 2002. 114 pp.

_____. **Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas**. 3a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., [1994] 2003. 137 pp.

_____. Apresentação à edição brasileira. O observador participante. In: WHYTE, Willian Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. pp. 9-13.

VELHO, Otávio Guilherme. Introdução. In: _____ (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, [1915] 1967. pp. 07-10.

WEBER, Max. A Dominação Não-Legítima (Tipologia das Cidades). In: _____. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imesp, [1920] 2004. v.2, pp. 408-517.

WESZKALNYS, Gisa. **Berlin, Alexanderplatz. Transforming place in a unified Germany**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2010. 214 pp.

WHYTE, Willian Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., [1943] 2005. 392 pp.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, [1938] 1967. pp. 90-113.

ZUKIN, Sharon. **The cultures of cities**. 10. ed. Oxford: Blackwell Publishers, [1995] 2006. 322 pp.

Planos urbanísticos e material de gestão pública:

ANDREATTA, Verena. Apresentação. In: _____. **Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 13-21.

_____. Barcelona e o Port Vell. In: _____. **Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 65-91.

CAVALLIERI, Fernando. Cidade do Cabo e o Victoria & Alfred Waterfront. In: ANDREATTA, Verena. **Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 95-119.

DEL RIO, Vicente. Baltimore e o Inner Harbor. In: ANDREATTA, Verena. **Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 25-61

DENADAI, Luis Gabriel. Hong Kong e o West Kowloon Reclamation. In: ANDREATTA, Verena. **Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 179-207.

DIAS, Sérgio. Rio de Janeiro e o Porto Maravilha. In: ANDREATTA, Verena. **Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 211-233.

GOÉS, Felipe. A Cidade Maravilhosa cria um porto à sua altura. In: ANDREATTA, Verena. **Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. Sem paginação.

PAES, Eduardo. Sem título. In: ANDREATTA, Verena. **Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Plano Diretor Decenal de 1992: Subsídios para sua revisão – 2005**. Rio de Janeiro, 2005. 43 pp. Disponível em: http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1653_planodiretor.PDF. Acesso em 18.07.2012.

_____. **Projeto Porto Maravilha**. Rio de Janeiro, 2009. 50 pp.
Disponível em: http://www2.rio.rj.gov.br/smu/compur/pdf/projeto_porto_maravilha.pdf. Acesso em 20.05.2012.

_____. **Pós 2016: o Rio mais integrado e competitivo. 2013-2016. Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2012. 239 pp.

RAYMUNDO, Gisele. Roterdã e o Kop van Zuid. In: ANDREATTA, Verena. **Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 151-175.

REGO, Helena de Almeida. Buenos Aires e o Puerto Madero. In: ANDREATTA, Verena. **Porto Maravilha e o Rio de Janeiro + 6 casos de sucesso de revitalização portuária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010. pp. 123-147.

Guias de turismo:

BUËL, Romaric Sulger et al. **Rio de Janeiro: Brésil**. Paris: Guides Aller e Retour Gallimard, 1998. 144 pp.

FROMMER'S Rio de Janeiro. São Paulo: Julio Louzada Publicações, 2000. 419 pp.

GUIA do Executivo: Rio de Janeiro e BR-040. Rio de Janeiro: Gazeta Mercantil [publicado entre 1997 e 2001]. 298 pp.

MADUREIRA, Ana Lúcia Maria, SAYÃO, Jorge. Guia do Rio 2000 [ed. em inglês: **The smart tourist guide: Guia do viajante inteligente**]. Rio de Janeiro: Frente, 2000. 212 pp.

MENEZES, Christiano (org.). **Rio Diferente: guia gay carioca**. Rio de Janeiro: Aeroplano Ed., 2007. 191 pp.

ONDE?: guia cultural do centro. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 2000. 52 pp.

PICKARD, Cristopher. **Rio: the guide**. Rio de Janeiro: Zylon Ed., [1983] 1995 [sem paginação].

RIGOT, Virginia. **Rio de Janeiro: seu guia passo-a-passo** [versão em inglês com o título acrescido de *english version*]. Publifolha, 2005 [sem paginação].

RIO de Janeiro Cidade e estado: Guia de turismo Michelin. [sem informação sobre editoração]. [publicado entre 1987 e 1991]. 311 pp

ROBINSON, Alex. **Top 10 Rio de Janeiro.** São Paulo: Publifolha, 2011. 126 pp.

ROCHA, Luiz. **Rio e arredores.** Rio de Janeiro: Luiz Rocha, 1991 [sem paginação].

SOUZA, Ferdinando Bastos de. **Guia de Marcos Cariocas: 356 marcos relevantes do Rio em 15 mapas** [ed. em inglês: **Rio's landmarks guide**]. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2007. 234 pp.

TAVARES, Christiane. **Guia Rio de Janeiro com crianças.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. 348 pp.

TURISMO Ecológico: Rio de Janeiro: Brasil. São Paulo: Ed. Empresa das Artes. Série Guias Empresa das Artes de Turismo Ecológico do Brasil, 2003. 287 pp.

Material de imprensa:

ALMEIDA, Renan. Megaeventos colocam o trânsito do Rio em xeque. **Jornal do Brasil.** 26 abr. 2012. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2012/04/26/megaeventos-colocam-o-transito-do-rio-em-xeque/>. Último acesso em 26.07.2013.

ALVES, Maria Elisa. Em novembro, carioca vai conhecer o MAR. **O Globo (Globo).** Rio. 26 ago. 2012. p. 23.

AMORIM, Maíra. Maravilha de cenário. **O Globo (Globo).** Boa chance. 14 out. 2012. p. 1.

ANTUNES, Claudia. Os descontentes do porto. **Revista Piauí.** Ed. 76. jan. 2013. Disponível (parcialmente) em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-76/questoes-de-politica-urbana/os-descontentes-do-porto>. Último acesso em 26.07.2013.

_____. Nas alturas. **Revista Piauí.** Ed. 78. Mar. 2013. Disponível em: http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-78/esquina/nas-alturas?utm_source=revistapiaui&utm_campaign=share&utm_medium=facebook&utm_content=http%3A%2F%2Frevistapiaui.estadao.com.br%2Fedicao-78%2Fesquina%2Fnas-alturas. Último acesso em 26.07.2013.

ARQUEÓLOGOS acham canhão do século XVII em obra na Zona Portuária do Rio. **G1 (Globo)**. 24 fev. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/02/arqueologos-acham-canhao-do-seculo-xvii-em-obra-na-zona-portuaria-do-rio.html>. Último acesso em 26.07.2013.

AUDIÊNCIA discute projeto de revitalização da área portuária do Rio. **Agência Câmara de Notícias (Câmara dos Deputados RJ)**. 31 ago. 2011. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/CIDADES/201824AUDIENCIA-DISCUTE-PROJETO-DE-REVITALIZACAO-DA-AREA-PORTUARIA-DO-RIO.html>. Último acesso em 26.07.2013.

BARCELONA será inspiração para reforma da zona portuária do RJ. **Terra Notícias - via BBC Brasil**. 28 jun. 2011. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI5211002-EI8139,00Projeto+inspirado+em+Barcelona+vence+Porto+Olimpico+no+Rio.html>. Último acesso em 26.07.2013.

BASTOS, Isabela. Bonde moderno em túnel do tempo do Império. **O Globo (Globo)**. 08 jul. 2012. Página 17 (Rio).

BERTA, Ruben. Barra, uma grife que não respeita fronteiras. **O Globo (Globo)**. 17 jun. 2012. Página 23 (Rio).

BOOM imobiliário ajuda a redescobrir áreas do Rio de Janeiro, diz prefeito. **R7 (Record) - via BBC**. 09 mar. 2012. Disponível em: <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/boom-imobiliario-ajuda-a-redescobrir-areas-do-rio-de-janeiro-diz-prefeito-20120309.html>. Último acesso em 26.07.2013.

CAMELO, Thiago. Primeiros vestígios do amanhã. **Revista Ciência Hoje**. 02 mai. 2012. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/blogues/bussola/2012/05/primeiros-vestigios-do-amanha>. Último acesso em 26.07.2013.

CANDIDA, Simone. Museu do Amanhã será o ícone da revitalização da Zona Portuária, diz Paes. **Yahoo Notícias - via O Globo (Globo)**. 02 mai. 2012. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/museu-amanh%C3%A3-ser%C3%A1-%C3%ADcone-revitaliza%C3%A7%C3%A3o-zona-portu%C3%A1ria-diz-161325071.html>. Último acesso em 26.07.2013.

_____. O tesouro do Porto. **O Globo (Globo)**. Rio. 03 jun. 2012. p. 35.

CAPOEIRA volta ao Valongo. **Revista de História**. 16 nov. 2012. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/o-novo-valongo>. Último acesso em: 26.07.2013.

CARVALHO, Janaína. Obras viárias causam transtornos e dividem opiniões no Rio. **G1 (Globo)**. 28 mai. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/05/obras-viarias-causam-transtornos-e-dividem-opinioes-no-rio.html>. Último acesso em 26.07.2013.

CENTRO do Rio tem rua interditada para obras do Porto Maravilha. **R7 (Record)**. 25 mai. 2012. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/centro-do-rio-tem-rua-interditada-para-obras-do-porto-maravilha-20120525.html>. Último acesso em 26.07.2013.

COLETIVO PELA MORADIA. Ocupação Flor do Asfalto resiste e persiste contra o despejo. **Correio do Brasil**. 20 jun. 2011. Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/ocupacao-flor-do-asfalto-resiste-e-persiste-contra-o-despejo/256612/>. Último acesso em 26.07.2013.

COMEÇAM obras que abrem caminho para demolição da Perimetral. **R7 (Record)**. 21 set. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/comecam-obras-que-abrem-caminho-para-demolicao-da-perimetral-20110921.html>. Último acesso em 26.07.2013.

COSTA, Mariana. Moradores de comunidades afetadas pelas obras da Copa e Olimpíada no Rio criticam remoções arbitrárias. **R7 (Record)**. 29 jul. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/moradores-de-comunidades-afetadas-pelas-obras-da-copa-e-olimpiadas-no-rio-criticam-remocoes-arbitrarias-20110729.html>. Último acesso em 26.07.2013.

DAMASCENO, Natanael. Estudo revela que cidade não encolherá. **O Globo (Globo)**. Rio. 24 mar. 2013. pp. 18. Último acesso em 26.07.2013.

DESOCUPAÇÃO compulsória também no Rio. **Outras Palavras**. 24 jan. 2012. Disponível em: <http://ponto.outraspalavras.net/2012/01/24/desocupacao-compulsoria-nao-e-exclusividade-da-comunidade-pinheirinho/>. Último acesso em 26.07.2013.

DEZ projetos do país estão em lista de iniciativas urbanas inovadoras. **Olhar direto - via Valor Econômico**. 03 jul. 2012. Disponível em: http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Dez_projetos_do_pais_estao_em_lista_de_iniciativas_urbanas_inovadoras&edt=32&id=266443. Último acesso em 26.07.2013.

DUARTE, Livia. Dossiê aponta violações na área do porto do Rio de Janeiro. **Correio do Brasil**. 10 jul. 2011. Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/rj-dossie-aponta-violacoes-na-area-do-porto/266966/>. Último acesso em 26.07.2013.

EDUARDO Paes lança projeto com ações sociais para moradores da Região Portuária. **Jornal do Brasil**. 27 ago. 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/08/27/eduardo-paes-lanca-projeto-com-acoes-sociais-para-moradores-da-regiao-portuaria/>. Último acesso em 26.07. 2013.

EM VISITA ao Rio Dilma anuncia liberação de recursos para obras de mobilidade. **Jornal do Brasil**. 21 mar. 2012. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2012/03/21/em-visita-ao-rio-dilma-anuncia-liberacao-de-recursos-para-obras-de-mobilidade/>. Último acesso em 26.07.2013.

ESCRAVOS da Mauá ganham o prêmio Serpentina de Ouro 2013. **O Globo (Globo)**. 19 fev. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blocos-de-carnaval/escravos-da-maua-ganha-premio-serpentina-de-ouro-2013-7625676>. Último acesso em 26.07.2013.

EXPOSIÇÃO e seminário discutem futuro da Região Portuária. **Jornal do Brasil**. 23 nov. 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2011/11/23/exposicao-e-seminario-discutem-futuro-da-regiao-portuaria/>. Último acesso em 26.07.2013.

FALCÃO, Carla. Veja como vai ficar o centro do Rio com bonde moderno. **Últimas Notícias (IG)**. 14 mai. 2012. Disponível em: <http://economia.ig.com.br/2012-05-14/veja-como-vai-ficar-o-centro-do-rio-com-bonde-moderno.html>. Último acesso em 26.07.2013.

FERNADES, Angélica. Porto ganha centro cultural “high tech”. **O Dia**. 30 jun. 2012. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/porto-ganha-centro-cultural-high-tech-1.457816>. Último acesso em 26.07.2013.

FERNANDES, Vivian. Comunidades denunciam violação de direitos em obras dos megaeventos. **Correio do Brasil**. 12 jul. 2011. Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/comunidades-denunciam-violacao-de-direitos-em-obras-dos-megaeventos-esportivos/267635/>. Último acesso em 26.07.2013.

FILGUEIRAS, Mariana. A praça é do povo. **O Globo (Globo)**. Revista O Globo. 19 ago. 2012. pp. 26, 27.

GANDRA, Alana. Projeto brasileiro entra na lista dos dez mais inovadores do mundo em infraestrutura urbana. **Correio do Brasil**. 15 jul. 2012. Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/projeto-brasileiro-entra-na-lista-dos-dez-mais-inovadores-do-mundo-em-infraestrutura-urbana/486292/>. Último acesso em 26.07.2013.

GARNERO, Mario. Rio, um porto para o futuro. **O Estado de São Paulo**. 30 mar. 2011. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,rio-um-porto-para-o-futuro,699114,0.htm>. Último acesso em 26.07.2013.

GISMONDI, Lydia. Prefeitura firma acordo com empresa privada para revitalizar o Porto do Rio. **Globo Esporte (Globo)**. 26 nov. 2010. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2010/11/prefeitura-firma-acordo-com-empresa-privada-para-revitalizar-o-porto-do-rio.html>. Último acesso em 26.07.2013.

GRASSO, José Paulo. Uma falácia. **Jornal do Brasil**. 16 fev. 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2011/02/16/uma-falacia/>. Último acesso em 26.07.2013.

IMPLOÇÃO na zona portuária do Rio provoca interdições no trânsito no domingo. **R7 (Record)**. 25 jun. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/implosao-na-zona-portuaria-do-rio-provoca-interdicoes-no-transito-no-domingo-20110625.html>. Último acesso em 26.07.2013.

IMPLOÇÃO na Zona Portuária vai modificar o trânsito no Rio neste domingo. **Jornal do Brasil**. 20 jun. 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/06/20/implosao-na-zona-portuaria-vai-modificar-o-transito-no-rio-neste-domingo/>. Último acesso em 26.07.2013.

INAUGURADOS novos equipamentos no Porto do Rio. **Jornal do Brasil**. 14 mar. 2012. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2012/03/14/inaugurados-novos-equipamentos-no-porto-do-rio/>. Último acesso em 26.07.2013.

JOGOS Olímpicos Rio 2016 já transformam o Rio de Janeiro. **Mais Comunidade - via O Estado de São Paulo**. 07 ago. 2011. Disponível em: <http://www.maiscomunidade.com/conteudo/2008-05-19/brasil/106486/OBRANO-PORTO-DO-RIO-COMECA-NO-PROXIMO-MES.pnhtml>. Último acesso em 26.07.2013.

LANDIM, Pedro. Obra do Porto Maravilha já prevê a elevação do mar. **O Dia**. 08 abr. 2011. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/obra-do-porto-maravilha-j%C3%A1-prev%C3%AA-a-eleva%C3%A7%C3%A3o-do-mar-1.11116>. Último acesso em 26.07.2013.

LAURIANO, Carolina. Remoção de famílias para obras da Copa e das Olimpíadas gera polêmica. **G1 (Globo)**. 20 ago. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/remocao-de-familias-para-obras-da-copa-e-das-olimpiadas-gera-polemica.html>. Último acesso em 26.07.2013.

LIMA, Leila Souza. Porto do Rio vai ganhar vida. **O Dia**. 14 ago. 2011. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/cienciaesaude/porto-do-rio-vai-ganhar-vida-1.46578>. Último acesso em 26.07.2013.

LIMA, Samantha. O Rio quer ser Barcelona. **Revista Exame**. 01 dez. 2010. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0981/noticias/quero-ser-barcelona>. Último acesso em 26.07.2013.

LULA usa marreta de borracha para “demolir” maquete de obra. **Último Segundo (IG)**. 27 dez. 2010. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/lula+usa+marreta+de+borracha+para+demolir+maquete+de+obra/n1237898142007.html>. Último acesso em 26.07.2013.

MEIRELES, Mauricio. Arquitetura da reconstrução. **Revista Época**. 13 jan. 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/01/arquitetura-da-reconstrucao.html>. Último acesso em 26.07.2013.

_____. 13 reformas que mudarão o Rio. **Revista Época**. 31 dez. 2012. Tempo. pp. 66, 67.

_____. A nova onda do Rio. **Revista Época**. 11 mar. 2013. Mente aberta. Artes visuais. pp. 107-109.

MELO, Maria Luisa de. Sem-teto invadem prédio na Lapa e dizem que não saem nem por indenização de R\$ 20 mil. **Jornal do Brasil**. 14 dez. 2010. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2010/12/14/sem-teto-invadem-predio-na-lapa-e-dizem-que-nao-saem-nem-por-indenizacao-de-r-20-mil/>. Último acesso em 26.07.2013.

_____. Eduardo Paes anuncia que BRT da Avenida Brasil já tem R\$ 1,5 bilhão aprovados. **Jornal do Brasil**. 10 out. 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/informe-jb/noticias/2011/10/10/eduardo-paes-anuncia-que-brt-da-avenida-brasil-ja-tem-r-15-bilhao-aprovados/>. Último acesso em 26.07.2013.

MINISTÉRIO Público investiga demolição do elevado da Perimetral. **R7 (Record)**. 28 mar. 2012. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/ministerio-publico-investiga-demolicao-do-elevado-da-perimetral-20120328.html>. Último acesso em 26.07.2013.

MOLICA, Fernando. O porto tem que ser maravilhoso para todos. **O Dia**. 02 jul. 2012. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/o-porto-tem-que-ser-maravilhoso-para-todos-1.458078>. Último acesso em 26.07.2013.

MORAES, Evelyn. Prefeitura do Rio diz que obras para Jogos Olímpicos ficarão prontas dentro do prazo. **R7 (Record)**. 08 fev. 2012. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/prefeitura-do-rio-diz-que-obras-para-jogos-olimpicos-ficaro-prontas-dentro-do-prazo-20120208.html>. Último acesso em 26.07.2013.

_____. Rio de Janeiro comemora 446 anos de conquistas, mas ainda falta muito para se tornar “a cidade maravilhosa”. **R7 (Record)**. 01 mar. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/rio-de-janeiro-comemora-446-anos-de-conquistas-mas-ainda-falta-muito-para-se-tornar-a-cidade-maravilhosa-20110301.html>. Último acesso em 26.07.2013.

MUDANÇA no tráfego na Zona Portuária do Rio vai ocorrer nas férias escolares. **G1 (Globo)**. 31 out. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/10/mudanca-no-trafego-na-zona-portuaria-do-rio-vai-ocorrer-nas-ferias-escolares.html>. Último acesso em 26.07.2013.

MUSEU do Amanhã começa a virar uma realidade. **R7 (Record)**. 01 dez. 2010. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/comecam-as-obras-do-museu-do-amanha-20101201.html>. Último acesso em 26.07.2013.

NA ERA Paes, Rio investe para ser o melhor lugar para se viver no Hemisfério Sul. **Jornal do Brasil**. 09 mar. 2012. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2012/03/09/na-era-paes-rio-investe-para-ser-o-melhor-lugar-para-se-viver-no-hemisferio-sul/>. Último acesso em 26.07.2013.

NOGUEIRA, Ítalo. “Minhocão” carioca deve ir ao chão em 3 anos. **Folha de São Paulo**. 15 abr. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/37241-minhocao-carioca-deve-ir-ao-chao-em-3-anos.shtml>. Último acesso em 26.07.2013.

NOGUEIRA, Ítalo. Nem hoje nem amanhã? **Folha de São Paulo**. 06 jun. 2011. Páginas E1 e E5 (Folha Ilustrada).

_____. Voltamos os olhos para o centro do Rio de Janeiro. **Folha de São Paulo**. 09 jan. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/19113-voltamos-os-olhos-para-o-centro-do-rio-de-janeiro.shtml>. Último acesso em 26.07.2013.

OBRA no Porto do Rio começa no próximo mês. **Diário do Grande ABC - via O Estado de São Paulo**. 07 ago. 2011. Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/News/5904981/obra-no-porto-do-rio-comeca-no-proximo-mes.aspx>. Último acesso em 26.07.2013.

OBRAS da restauração dos galpões do projeto Porto Maravilha custarão R\$ 7,85 milhões. **R7 (Record)**. 20 jul. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/prefeitura-assina-contrato-para-o-inicio-das-obras-do-projeto-porto-maravilha-20110720.html>. Último acesso em 26.07.2013.

OBRAS do Porto Maravilha alteram itinerário de vans e ônibus intermunicipais. **O Dia**. 06 jan. 2012. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/o-dia-24-horas/obras-do-porto-maravilha-alteram-itiner%C3%A1rio-de-vans-e-%C3%B4nibus-intermunicipais-1.388235>. Último acesso em 26.07.2013.

OBRAS do Porto Maravilha alteram trânsito no centro a partir de sábado. **Último Segundo (IG)**. 20 out. 2011. **Disponível em:** <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/obras-do-porto-maravilha-alteram-transito-no-centro-a-partir-de-sabado/n1597303001646.html>. Último acesso em 26.07.2013.

OBRAS do Porto Maravilha interditam ruas do centro do Rio. **R7 (Record)**. 07 mai. 2012. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/obras-do-porto-maravilha-interditam-ruas-do-centro-do-rio-20120507.html>. Último acesso em 26.07.2013.

OBRAS na zona portuária interditam ruas no centro do Rio de Janeiro. **R7 (Record)**. 13 jul. 2012. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/obras-na-zona-portuaria-interditamruas-no-centro-do-rio-de-janeiro-20120713.html>. Último acesso em 26.07.2013.

OCUPAÇÃO dos hotéis do Rio registra incremento de 12%. **Panrotas Portal de Turismo**. 14 out. 2011. Disponível em: http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/mercado/ocupacao-dos-hoteis-do-rio-registra-incremento-de-12_73966.html. Último acesso: 26.07.2013.

OLIMPÍADA é “desculpa fantástica” para mudar o Rio, diz prefeito. **Estado de São Paulo - via BBC Brasil**. 09 mar. 2012. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,olimpiada-e-desculpa-fantastica-para-mudar-o-rio-diz-prefeito,846160,0.htm>. Último acesso em 26.07.2013.

OS BONS ventos do Porto. **O Globo (Globo)**. Rio imóveis e oportunidades. 30 set. 2012. p. 7.

PACHECO, Gabriela. Revitalização da zona portuária do Rio já valoriza imóveis da região. **R7 (Record)**. 25 jun. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/revitalizacao-da-zona-portuaria-do-rio-ja-valoriza-imoveis-da-regiao-20110625.html>. Último acesso em 26.07.2013.

PADUAM, Roberta. Uma forcinha para as Olimpíadas ou para a eleição? **Revista Exame**. 09 mar. 2012. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/blogs/blog-do-rio/2012/03/09/uma-forcinha-para-as-olimpiadas-ou-para-a-eleicao/>. Último acesso em 26.07.2013.

PARA onde segue o Rio? **O Globo (Globo)**. Rio imóveis 2013. Perspectivas. 24 mar. 2013. pp. 3.

PARA quem busca charme e requinte. **O Globo (Globo)**. Rio imóveis e oportunidades. 30 set. 2012. p. 7.

PASSARINHO, Nathalia. Paes assina contrato para recuperação da zona portuária do Rio. **G1 (Globo)**. 27 dez. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/12/paes-assina-contrato-para-recuperacao-da-zona-portuaria-do-rio.html>. Último acesso em 26.07.2013.

POLO com vocação diversificada. **O Globo (Globo)**. Boa chance. 14 out. 2012. p. 3.

PORTO Maravilha e também bilionário. **Band (Bandeirantes)**. 28 dez. 2010. Disponível em: <http://www.band.com.br/noticias/economia/noticia/?id=100000383220>. Último acesso em 26.07.2013.

POUCO conhecido, Jardim do Valongo será recuperado. **O Globo (Globo)**. 21 abr. 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/pouco-conhecido-jardim-do-valongo-serarecuperado-4707637>. Último acesso em 26.07.2013.

PREFEITO lança projeto com ações sociais para moradores da Região Portuária. **O Dia**. 27 ago. 2011. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/prefeito-lan%C3%A7a-projeto-com-a%C3%A7%C3%B5es-sociais-para-moradores-da-regi%C3%A3o-portu%C3%A1ria-1.50633>. Último acesso em 26.07.2013.

PREFEITURA do Rio de Janeiro inicia obras do Museu do Amanhã. **Revista Veja**. 01 nov. 2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/prefeitura-do-rio-de-janeiro-inicia-obras-do-museu-do-amanha>. Último acesso em 26.07.2013.

PREFEITURA inicia construção de túnel no porto do Rio de Janeiro. **Último Segundo (IG)**. 21 set. 2011. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/prefeitura+inicia+construcao+de+tunel+no+porto+do+rio+de+janeiro/n1597221466431.html>. Último acesso em 26.07. 2013.

PREFEITURA lança Porto Maravilha Cidadão na Zona Portuária. **O Dia**. 25 ago. 2011. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/prefeitura-lan%C3%A7a-porto-maravilha-cidad%C3%A3o-na-zona-portu%C3%A1ria-1.50032>. Último acesso em 26.07.2013. Último acesso em 26.07.2013.

PREPARAÇÃO para Olimpíada do Rio esbarra em falta de mão-de-obra. **Último Segundo (IG) - via BBC Brasil**. 06 set. 2011. Disponível em: <http://economia.ig.com.br/preparacao+para+olimpiada+do+rio+esbarra+em+falta+de+maodeobra/n1597196795907.html>. Último acesso em 26.07.2013.

PRIMEIRA fase de obras de revitalização do Porto do Rio será concluída domingo. **Jornal do Brasil - via Agência Brasil**. 26 jun. 2012. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2012/06/26/primeira-fase-de-obras-de-revitalizacao-do-porto-do-rio-sera-concluida-domingo/>. Último acesso em 26.07.2013.

PRIMEIRA fase do Porto Maravilha será inaugurada hoje. **Jornal do Brasil**. 01 jul. 2012. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2012/07/01/primeira-fase-do-porto-maravilha-sera-inaugurada-hoje/>. Último acesso em 26.07.2013.

PROJETO brasileiro é dos dez mais inovadores em infraestrutura urbana. **Jornal do Brasil - via Agência Brasil**. 15 jul. 2012. Disponível em: <http://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2012/07/15/projeto-brasileiro-e-dos-dez-mais-inovadores-em-infraestrutura-urbana/>. Último acesso em 26.07.2013.

PROJETO inspirado em Barcelona vence concurso para zona portuária do Rio. **R7 (Record) - via BBC Brasil**. 28 jun. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/projeto-inspirado-em-barcelona-vence-concurso-para-zona-portuaria-do-rio-20110628.html>. Último acesso em 26.07.2013.

REGIÃO portuária do Rio de Janeiro ganhará novas vias. **Terra Notícias (via O Dia)**. 04 mai. 2011. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/transito/noticias/0,,OI5109961-EI998,00-Regiao+portuaria+do+Rio+de+Janeiro+ganhar+novas+vias.html>. Último acesso em 26.07.2013.

RIBEIRO, Carolina. Terra (nova) à vista. **O Globo (Globo)**. Rio show. Capa. 1 mar. 2013. pp. 22-26.

RIO 2016: bons ventos que sopram com os Jogos são esperança de tirar do papel planos antigos e revitalizar a Zona Portuária. **O Globo (Globo)**. 27 nov. 2010. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2010/11/26/rio-2016-bons-ventos-que-sopram-com-os-jogos-sao-esperanca-de-tirar-do-papel-planos-antigos-revitalizar-zona-portuaria-923118456.asp>. Último acesso em 26.07.2013.

RIO aposta na diversificação e garante leitos para a Copa. **Panrotas Portal de Turismo**. 29 nov. 2010 Disponível em: http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/mercado/rio-aposta-na-diversificacao-e-garante-leitos-para-copa_63551.html. Último acesso: 26.07.2013.

RIO descobre ruínas do cais da Imperatriz e do cais do Valongo. **Band (Bandeirantes)**. 02 mar. 2011. Disponível em: <http://www.band.com.br/jornaldaband/conteudo.asp?ID=100000406107>. Último acesso em 26.07.2013.

RIO fica em quarto lugar em ranking de cidades com condições de atrair investimentos. **R7 (Record)**. 03 mai. 2011. Disponível: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/rio-fica-em-quarto-lugar-em-ranking-de-cidades-com-condicoes-de-atrair-investimentos-20110503.html>. Último acesso em 26.07.2013.

RIO inicia construção de túnel que integra projeto de revitalização da zona portuária. **Jornal do Brasil**. 21 set. 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/09/21/rio-inicia-construcao-de-tunel-que-integra-projeto-de-revitalizacao-da-zona-portuaria/>. Último acesso em 26.07.2013.

RIO: Primeira etapa das obras do Porto Maravilha é concluída. **Correio do Brasil**. 02 jul. 2012. Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/rio-primeira-etapa-das-obras-do-porto-maravilha-e-concluida/479221/>. Último acesso em 26.07.2013.

RIO cresce em direção ao Porto. **O Globo (Globo)**. Rio imóveis 2013. Porto Maravilha. 24 mar. 2013. pp. 4.

ROSA, Bruno. Cisco vai abrir centro de inovação no Rio de Janeiro. **Yahoo Notícias - via O Globo (Globo)**. 02 abr. 2012. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/cisco-vai-abrir-centro-inova%C3%A7%C3%A3o-rio-janeiro-180010389.html>. Último acesso em 26.07.2013.

ROSAS, Rafael. São Carlos acerta locação de 1º empreendimento no novo Porto do Rio. **O Globo (Globo)**. 30 mai. 2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/sao-carlos-acerta-locacao-de-1-empreendim-en-to-no-novo-porto-do-rio-2763572>. Último acesso em 26.07.2013.

SÁLES, Felipe. Canhões no meio do caminho. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. 13 fev. 2012. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/nota/dois-canhoes-no-meio-do-caminho>. Último acesso em 26.07.2013.

TABAK, Flávio. Em campanha, Paes tenta vincular sua imagem às transformações feitas por Pereira Passos. **O Globo (Globo)**. 09 jul. 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/em-campanha-paes-tenta-vincular-sua-imagem-as-transformacoes-feitas-por-pereira-passos-5433676#ixzz211iWMjwJ>. Último acesso em 26.07.2013.

TERMINAL de ônibus da Praça Mauá, no RJ, será desativado, diz Fetranspor. **G1 (Globo)**. 15 jul. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/07/terminal-de-onibus-da-praca-maua-no-rj-sera-desativado-diz-fetranspor.html>. Último acesso em 26.07.2013.

UMA cidade em transformação. **O Globo (Globo)**. Rio imóveis e oportunidades. 30 set. 2012. p. 1.

VIEIRA, Isabela. Porto do Rio amplia capacidade de operação. **Jornal do Brasil**. 03 set. 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/09/03/porto-do-rio-amplia-capacidade-de-operacao/>. Último acesso em 26.07.2013.

VIEIRA, Sérgio. Pier Mauá inicia reforma de R\$ 50 milhões para ampliar capacidade do porto. **R7 (Record)**. 04 fev. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/pier-maua-inicia-reforma-de-r-50-milhoes-para-ampliar-capacidade-do-porto-20110204.html>. Último acesso em 26.07.2013.

ZONA portuária do RJ será vigiada 24 horas. **Band (Bandeirantes)**. 03 jan. 2012. Disponível em: <http://www.band.com.br/noticias/cidades/noticia/?id=100000477727>. Último acesso em 26.07.2013.

Outros materiais:

Centro Cultural Correios Rio de Janeiro. Um século de vivências num porto moderno. 23 nov. 2011 a 08 jan. 2012. **Folheto impresso de exposição**. Rio de Janeiro, 2011.

Coligação Somos um Rio. Prefeito Eduardo Paes. Obras que transformam o Centro. **Jornal impresso de campanha política**. Rio de Janeiro, 2012.

ComDomínio Cultural da Região Portuária do Rio de Janeiro. Calendário 2013. Festa de lançamento. 23 abr. **Folheto impresso de evento cultural**. Rio de Janeiro, 2013.

Comitês Populares da Copa e Olimpíadas – Articulação Nacional. A Copa é no\$\$\$a. **Filipeta de movimentos sociais**. Rio de Janeiro, 2012.

Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro. Megaeventos e violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro. **Dossiê impresso de movimentos sociais, 90 pp. CD com dossiê em arquivo PDF e pastas anexas com fotos e vídeos relacionados**. Rio de Janeiro, 2012.

Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades. Oficinas Regulares. Casa de Mistérios. De 03 a 14 de agosto. **Filipeta impressa de convite para inscrições em oficinas**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Procissão de todos os santos pela paz. 01 de novembro. **Filipeta impressa de convite para procissão**. Rio de Janeiro, 2012.

Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (Cdurp). Porto Maravilha. O que vai mudar? **Folheto impresso de projeto urbanístico**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Porto Maravilha Cidadão. Qualidade de vida. **Folheto impresso de projeto urbanístico**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Porto Maravilha Cultural. Patrimônio. **Folheto impresso de projeto urbanístico**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Porto Maravilha Cultural. Circuito Herança Africana. **Folheto impresso de projeto urbanístico**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Porto Maravilha Cultural. Cais do Valongo e Cais da Imperatriz. **Folheto impresso de projeto urbanístico**. Rio de Janeiro, 2012.

Concessionária Porto Novo. Coleta + Rio. **Folheto impresso para coleta de lixo por concessionária**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Folha da Porto Novo. Ano 1, ed. 3, junho, 2012. **Jornal impresso de concessionária**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Folha da Porto Novo. Ano 1, ed. 5, agosto, 2012. **Jornal impresso de concessionária**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Folha da Porto Novo. Ano 1, ed. 6, setembro, 2012. **Jornal impresso de concessionária**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Folha da Porto Novo. Ano 1, ed. 7, outubro, 2012. **Jornal impresso de concessionária**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Harmonização. 2. ed. 15 de dezembro. **Filipeta em arquivo digital para divulgação de evento promovido por concessionária**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Harmonização. 2. ed. 15 de dezembro. **Camisa padronizada de evento promovido por concessionária**. Rio de Janeiro, 2012.

Conselho Estadual de Turismo do Rio de Janeiro. Brasil. Rio de Janeiro. **Folheto impresso de turismo**. Rio de Janeiro, 2012.

Escravos da Mauá. O que passou e o que virá. Samba de 2011 do bloco de carnaval. Composição: João Costa, Miguel Costa, Miguel Diniz e Tiago Prata. **Áudio em arquivo digital. Letra impressa em ventarola**. Rio de Janeiro, 2011.

_____. Um rio azul e amarelo. Samba de 2012 do bloco de carnaval. Composição: João Costa, Miguel Costa, Miguel Diniz e Tiago Prata. **Áudio em arquivo digital. Letra impressa em ventarola**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Tesouro da Mauá. Samba de 2013 do bloco de carnaval. Composição: João Costa, Miguel Costa, Miguel Diniz e Tiago Prata. **Áudio em arquivo digital. Letra impressa em ventarola**. Rio de Janeiro, 2013.

Galpão Gamboa. GamboaVista 2. ed., novembro - dezembro. **Folheto impresso de evento cultural**. Rio de Janeiro, 2012

Grupo de Trabalho Curatorial do Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana. Recomendações do Valongo. **Carta pública à prefeitura**. 13 jun. Rio de Janeiro, 2012.

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN). A Saga dos Pretos Novos. **Folheto impresso de instituto de pesquisa**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Memorial dos Pretos Novos. **Folheto impresso de instituto de pesquisa**. Rio de Janeiro, 2012.

Hospital da Gamboa. Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. **Filipetas de serviço de saúde**. Rio de Janeiro, 2012.

Museu de Arte do Rio (MAR). O Morro e o Mar. Circuito Morro da Conceição e Arredores. 15 e 16 de set. **Folheto impresso de visita guiada**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. O Morro e o Mar. Circuito Morro da Conceição e Arredores. 24 e 25 de novembro. **Folheto impresso de visita guiada**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. O colecionador. Arte brasileira e internacional na coleção Boghici. **Folheto impresso de exposição**. Rio de Janeiro, 2013.

Prefeitura do Rio de Janeiro. Ligeirão Transoeste. **Folheto impresso de sistema de corredor de ônibus**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. Pontos de visitação. As Olimpíadas e a cidade. II Conexão Rio – Barcelona. 13 jun. **Filipeta com mapa de pontos para observação de obras**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. BCN [Barcelona] Rambling Rio. As Olimpíadas e a cidade. II Conexão Rio – Barcelona. 2'53". 13 jun. **Vídeo institucional em DVD**. Rio de Janeiro, 2012.

Quilombo Pedra do Sal. Gegê de Itaboraí e amigos. 19 jan. **Flipeta impressa de apresentação musical**. Rio de Janeiro, 2012.